VIPs

NOVA EDIÇÃO
COM NOVO
FINAL

HISTÓRIAS REAIS DE UM MENTIROSO

"Como fingi
ser o dono da Gol
e enganei um monte
de bacanas."

POR MARIANA CALTABIANO

Jaboticaba

ESTA É OUTRAS
HISTÓRIAS DO
MAIOR PICARETA
DO BRASIL



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

VIPs

Histórias reais de um mentiroso

VIPs

Histórias reais de um mentiroso

Mariana Caltabiano

14ª edição

Jaboticaba

© 2005 Mariana Caltabiano

Direitos em língua portuguesa para o Brasil adquiridos
à autora, por EDITORA BLOCKER E ASSOCIADOS LTDA.,
rua Capote Valente, 288 – casa 8
05409-000 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3064-2935
www.editorajaboticaba.com.br

Capa e Projeto Gráfico
Simone Drago

Editoração da nova edição
Dreampix

Ilustrações
José Carlos Lollo

Preparação de texto
Fernando Santos

Revisão
Graziela Marcolin, Jane Cristina Mathias Cantu

Fotos
Revista Época e arquivo pessoal

Composição
Casa de Tipos Bureau e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caltabiano, Mariana
VIPs : histórias reais de um mentiroso / Mariana Caltabiano — São Paulo : Jaboticaba, 2005.

ISBN 85-89894-16-9

1. Rocha, Marcelo Nascimento da – Entrevistas 2. Vigaristas – Biografia I. Título. II. Título: Histórias reais de um mentiroso.

05-2468 CDD-364.18092

Índices para catálogo sistemático:
1. Vigaristas : Entrevistas : Biografia 364.18092

DEDICATÓRIA

Para o meu marido Marcelo, que sempre me apóia.Até mesmo em projetos malucos como este.

AGRADECIMENTOS

(em ordem alfabética)

Toniko Mello
Alessandra Blocker
Amaury Jr.
Andréa Barata
Ary Pini
Bel Berlinck
Bráulio Mantovani
Carlos Timóteo
Cláudia Buschel
Clóvis Galvão
Chris Riera
Ed Sá Sampaio
Erh Ray
Fernando Meirelles
Gil Farah
Helena Rocca
Jack Nascimento da Rocha
Jane Vieira
João Francisco Caltabiano
João Vicente Camacho Ferrairo
José Carlos Lollo
Josélia Nascimento da Rocha
Júlia Macedo Enne
Marcelo Nepomuceno
Maurício César
Northon Dengler
O2 Filmes
Paulo Cordeiro

Paulo Morelli
Ricardo Barcellos
Roberto Oliveira
Ronaldo Vietez
Simone Drago (Simonal)
Suzana Liuzzi
Thais Bastos
Thiago Dottori
Vinícius Mainardi
Wagner Moura

SUMÁRIO

COMO TUDO COMEÇOU
MINHA PRIMEIRA ENTREVISTA NA CADEIA
V.I.P.
CONFISSÕES DE UM VIGARISTA
- O PESTINHA
- UM ESTRANHO NO NINHO
- POLICIAL AOS DEZESSEIS ANOS
  - COMO FUI DESCOBERTO
- REPÓRTER DA MTV
- OLHEIRO DA SELEÇÃO
- MAJOR MARCELO
- A VENDA DAS MOTOS DO EXÉRCITO
- COMO VIREI PILOTO
- PRENDA-ME SE FOR CAPAZ
- GUITARRISTA DO ENGENHEIROS DO HAVAÍ
- GÍRIAS DA CADEIA
- GOLPE DO CHUTE
- VENDE-SE: VAGA EM FACULDADE DE DIREITO
- VOO CAMICASE
  - MEU PATRÃO
  - COMO ENGANEI O DEPARTAMENTO DE ENTORPECENTES AMERICANO
  - QUASE MORTO
  - COMO GANHEI RESPEITO NO CRIME ORGANIZADO
  - PARAGUAI
- BARRETOS

PSIQUIATRAS
A CARTEIRINHA
ESTAGIÁRIA DE DIREITO
COMO ME TRANSFORMEI EM EMPRESÁRIO MUSICAL
AULA DE PICARETAGEM
A OCASIÃO FAZ O LADRÃO
ROUBOS DE AVIÃO
ROUBOS DE AVIÃO QUE NÃO DERAM CERTO
1º Roubo
2º Roubo
COMO ESCAPEI DA POLÍCIA FEDERAL
QUANDO FUGI DE UM PAGADOR
FIGURAS QUE CONHECI
CAGÃO
ESMÉRIO
CANA BRAVA
RATINHO
OS JURÕES
QUANDO FINGI SER O FILHO DO DONO DA GOL
CHEGADA TRIUNFAL
AS BARRINHAS DE CEREAL
AMAURY JR.
1ª Entrevista
2ª Entrevista
OS VIPS
FEITICEIRA
O PADRINHO DO HENRIQUE CONSTANTINO
PROVA DE PODER
QUANDO OFERECI “MEU” JATO PARA O AMAURY JR.
PRISÃO VIP
A VERSÃO DA REVISTA ÉPOCA
O QUE AS PESSOAS FALARAM DEPOIS
O MUNDO VIP E O MUNDO DO CRIME
MULHERENGO
JANE

PRISÃO

CPI DO NARCOTRÁFICO

MEU NAMORO COM A MULHER QUE FORNECIA COMIDA PARA BANGU

O DIA EM QUE ENGANEI O MARCELO NASCIMENTO

LÍDER DA REBELIÃO DE BANGU

PORQUE LIDEREI A REBELIÃO

A FUGA DE BANGU

QUANDO COMENTARAM O CASO DA GOL COMIGO (SEM SABER QUE EU ERA O AUTOR DO GOLPE)

VIDA

PRISÃO LIGHT

FITA ENVIADA PELO CORREIO (QUANDO MARCELO ESTAVA FORAGIDO)

A ÚLTIMA VEZ QUE FOI PRESO

O QUE ACONTECEU DEPOIS QUE O LIVRO FOI PUBLICADO

Este livro foi publicado pela primeira vez em 2005. Na época tive muita dificuldade para encontrar um final. Hoje, quatro anos depois, finalmente descobri o porquê.

A história simplesmente ainda não tinha terminado. De lá para cá muita coisa aconteceu. E o Marcelo realizou o sonho de ter sua história transformada em filme e documentário. No último capítulo desta edição, vou poder responder o que você deve estar se perguntando neste exato momento: que fim levou esse cara?

“O *Vips* é uma falta de ética profissional com os estelionatários; quem ler dificilmente vai cair em algum golpe.”

(Marcelo Nascimento da Rocha)

COMO TUDO COMEÇOU

Uma vez assisti um programa do Amaury Jr. no qual ele entrevistava um gordinho que dizia ser o HenriqueConstantino, filho do dono da companhia aérea Gol. Praticamente abraçado com o apresentador, ele confirmava histórias da família dos donos da empresa e falava com segurança sobre os "seus" aviões. Na sequência do programa, o Amaury explicava que tinha sido vítima de uma farsa. O gordinho, na verdade, era um grande picareta. Ele se chamava Marcelo Nascimento da Rocha e havia passado quatro dias enganando todo mundo em um evento badalado em Recife. Comeu e bebeu de graça, foi paparicado por modelos, atrizes, empresários e apresentadores. Deu entrevistas e posou para fotógrafos de colunas sociais. Apareceu em matérias de revistas como amigo "íntimo" das celebridades. Foi descrito como um dos maiores malandros de todos os tempos.

Achei que esse personagem renderia um livro e, de repente, até um filme. Mas no início não pensei em escrever a história real do Marcelo Nascimento. Imaginei que seria interessante fazer um filme que mostrasse um pouco da superficialidade do momento que estamos vivendo, em que praticamente qualquer pessoa pode ficar famosa da noite para o dia. Depois de fazer uma pesquisa na internet, descobri que o Marcelo era muito mais maluco e engraçado do que o personagem da minha ficção. Decidi deixar que ele mesmo contasse sua história. VIPs não é um romance nem uma reportagem. É um relato curioso, feito por uma pessoa que vive sua vida como se fosse um filme.

Sem dor na consciência, o vigarista cruzou vários estados aplicando golpes. Antes de incorporar o empresário esbanjador, fez-se passar por oficial do Exército, policial de grupo de elite e guitarrista de rock. Sua desfaçatez é tão grande que sustentou a farsa do último papelaté na hora em que recebeu voz de prisão. Quando o policial abordou o grupo no aeroporto, perguntando quem ali era Constantino,Marcelo adiantou-se, autoritário: "Sou eu, por quê?".Saiu algemado.

Revista Época, 3 de dezembro de 2001

Achei o nome da mãe dele em uma das matérias e decidi ligar. Ela me contou que ele tinha fugido da prisão (Bangu 5, no RJ) e estava desaparecido. Três dias

depois recebi um telefonema dela dizendo que o Marcelo tinha sido preso em Curitiba. Ela ainda brincou: “Agora que está preso, ele vai ter bastante tempo pra fazer esse livro”.

Fui para Curitiba com uma advogada. Minutos antes de me encontrar com o Marcelo, fiquei com medo de ter um ataque de riso quando o visse. Aquela situação era muito surreal. Ele não sabia quem eu era e tampouco que iria lá naquele dia.

O Marcelo estava bem diferente das fotos das revistas. Estava loiro, com cabelo comprido e barba. Ele me olhava com um ar desconfiado e não parava de fazer perguntas. Acho que estava checando se eu tinha alguma coisa a ver com a sua captura. Enquanto eu conversava com ele, um preso piscava para a advogada. Estávamos muito próximas de uma cela lotada. Minhas pernas estavam bambas. Eu nunca tinha passado nem perto de uma prisão. Ele estendeu a mão e nos cumprimentou através das grades. Imediatamente lembrei dos filmes americanos onde o preso puxa a pessoa, põe um canivete no pescoço dela e a faz de refém. Na verdade, passada a desconfiança, o Marcelo foi simpático e mostrou-se interessado pela proposta. Consegui que ele assinasse um contrato de cessão de direitos para livro, filme e documentário. Mas antes tive que ir a um cartório para descobrir seu RG e CPF verdadeiros. Ele “não lembrava” de nenhum dos dois. Disse que tinha uma série de identidades falsas.

Combinamos, então, que eu viria mais vezes a Curitiba para gravar entrevistas dele contando a sua história.

MINHA PRIMEIRA ENTREVISTA NA CADEIA

Era para eu ter começado a fazer as entrevistas no dia 20 de dezembro de 2003. Fui viajar e acabei aparecendo por lá apenas no dia 14 de janeiro de 2004. Levaram Marcelo até a sala onde eu estava. Quando ele chegou já estava tudo pronto para começar a gravação.

— Pensei que você não viesse mais – ele disse, mal-humorado.

— Eu tava viajando… não deu pra vir antes…

— Por sua causa eu cortei o cabelo e estou fazendo a barba desde o dia 20 de dezembro.

— Ficou bom… o cabelo – falei meio sem jeito.

— Você tem ideia do que é falar na prisão que uma coisa vai acontecer e essa coisa não acontecer?

Eu não tinha a mínima.

— Todo mundo aqui já tá sabendo desse livro… você não apareceu mais… já começaram a fazer piada comigo…

— Eu falei pro delegado que só viria depois do Ano Novo… ele não te avisou?

— Você demorou muito… o problema é que agora no começo do ano eu recebi uma proposta melhor que a sua…

— De quem?

— De um cara chamado Ronaldo. Ele é irmão do Reginaldo Faria. Eles querem fazer um filme sobre a minha história…

Ele continuou falando, dando detalhes da proposta muito mais interessante que tinha recebido. Não lembro de tudo, apenas de algumas partes.

— Eles ofereceram 30 mil pra fazer o filme, vou fazer com eles.

— Bom, mas você assinou um contrato comigo pra livro e filme…

— A minha advogada falou que a gente pode anular esse contrato. Não tem multa.

O pior é que o contrato não tinha multa mesmo. (De que ia adiantar colocar multa num contrato com um estelionatário?) E eu também já tinha ouvido falar que o irmão do Reginaldo Faria fazia filmes sobre presos. O Marcelo chegou até a dar um telefone para eu conferir. Só deu caixa postal. Na dúvida achei melhor resolver a situação ali mesmo. Pensei: vai que essa história é verdade…

Depois de uma hora de canseira e ligações para a minha advogada e a dele, chegamos a um acordo: além do combinado no contrato, ele seria meu sócio na venda do livro. Quando finalmente começamos a gravação eu já estava exausta. No meio da entrevista, perguntei:

— Marcelo, como você faz para enganar as pessoas?

Ele respondeu sorrindo:

— Da mesma maneira que eu fiz com você… eu não te convenci hoje?

Fiquei passada. Ele estava mostrando como eu fui trouxa em frente à câmera. Fiquei com tanta vergonha que pulei para a próxima pergunta e não toquei mais no assunto. Os leitores mais espertos devem estar pensando: é óbvio que ele não tinha recebido nenhuma outra proposta. Como ela não percebeu que era mentira? O problema é que o Marcelo descobre o ponto fraco das pessoas e usa isso a seu favor. Desde o nosso primeiro encontro o meu maior medo era que ele fosse fazer o livro ou o filme com outra pessoa. De alguma maneira ele sabia disso e soube usar direitinho. Fui enganada mesmo sabendo quem ele era. Um cara que tem o talento de fazer com que todo tipo de gente acredite nele: do bandido ao empresário. Lendo este livro você vai entender. Afinal, não é qualquer um que consegue se fazer passar por dono da Gol, líder do PCC, músico de bandas famosas, policial, tenente, repórter da MTV, fazendeiro rico, fiscal da Receita, entre outras coisas.

A história do Marcelo lembra bastante a de Frank Abagnale, um dos maiores vigaristas dos EUA que foi interpretado por Leonardo DiCaprio no cinema.

Frank falsificava cheques e se fez passar por piloto, médico, advogado e professor. A diferença entre os dois é que Marcelo pilota aviões de verdade. Além disso, o americano era bonitão e usava seu charme para aplicar os golpes. Já o Marcelo, bem… digamos que ele tinha que contar com uma bela lábia… e uma senhora cara de pau.


SOU O MAIOR VIGARISTA DA HISTÓRIA.
TÁ. E EU SOU O LEONARDO DICAPRIO.

V.I.P.

Very Important Person

A partir daqui você vai ler histórias narradas pelo próprio Marcelo e transcritas por mim. Tentei ser o mais fiel possível aos depoimentos e ao modo de falar dele e dos outros personagens. Fiz pequenas adaptações para facilitar a leitura. Também acrescentei testemunhos de pessoas que participaram de alguma forma dos episódios. Muitos nomes foram alterados para evitar problemas jurídicos. Qualquer semelhança com a vida real não é mera coincidência.

CONFISÕES DE UM VIGARISTA

Eu me chamo **Marcelo Nascimento da Rocha**. Nasci em Maringá, em 1976. Sou o caçula de uma família de cinco irmãos. Nunca fomos ricos, mas também nunca me faltou nada. Apesar disso, dou golpes desde os catorze anos de idade. Aos dezoito anos comecei a trabalhar como piloto do narcotráfico. Nunca vendi drogas e também não uso. Experimentei cocaína uma vez e não gostei. Normalmente sou considerado um palhaço pelos meus companheiros. Quando cheirei fiquei calado e sem graça. Nas vezes em que experimentei maconha ri demais e comi demais, o que é péssimo para um cara gordo que nem eu. Se não fosse pelo dinheiro, jamais transportaria droga. Tem um lado muito ruim pra quem usa e pra quem trabalha com isso… Mas depois eu falo sobre esse assunto. Voltando à minha história, quando não estava pilotando me fazia passar por outras pessoas. Apareci na mídia diversas vezes com meus personagens inventados. Minha primeira aparição foi aos seis meses de idade em um livro de medicina. É claro que aos seis meses eu não estava me fazendo passar por ninguém. Eu tinha uma doença de pele grave chamada dermatite herpetiforme. Meu corpo ficava coberto de bolhas.

"As bolhas coçavam que era um inferno." (Josélia Maria Nascimento da Rocha, mãe de Marcelo)

Naquela época, o único medicamento que existia era um remédio para leprosos que me fazia vomitar. Minha mãe sofria muito com a minha doença.

"Ele tinha vergonha, tinha ferida no corpo todo. Só não saiu na sola do pé. No rosto saiu um pouco. O Enzo (filho do Marcelo) está com o mesmo problema." (Mãe de Marcelo)

Um dia, sem saber mais o que fazer, ela me levou a uma junta médica do Paraná.

"Os médicos ficaram tão impressionados que pediram para tirar fotos dele para colocar no 'livro das doenças'."(Mãe de Marcelo)

Anos mais tarde ela me levou a um homeopata que conseguiu me curar em poucos dias. Nunca mais tive nada.


QUE PROBLEMA DE PELE!!
ESTE GAROTO PODERIA
SE PASSAR
PELO BOB ESPONJA!

O PESTINHA

"Na escola os professores disseram que se ele continuasse estudando lá no ano seguinte, eles não dariam aula. O Marcelo era terrível, não deixava ninguém em paz. Queria chamar atenção, ser o mais importante da turma. Só gostava de uma professora, que fazia ele se sentir importante, deixava ele escrever no quadro. Naquela aula ele se comportava. Mas perturbava os outros professores que não davam bola. Acabava tudo antes dos outros alunos e depois ficava fazendo bagunça. Os professores mandavam ele para fora. Não terminou a quinta série. Não conseguia ficar em sala de aula. Dizia: 'Eles estão falando coisa que eu já sei'."(Mãe de Marcelo)



Passei por uma escola correcional porque uma juíza percebeu que eu precisava ser interditado. Eu era muito terrível em sala de aula. A professora passava uma lição, eu terminava rápido e ficava azucrinando os outros alunos. Era uma peste, mas sempre tirei nota boa. Oficialmente estudei até a quinta série, depois eu comprei o diploma.

"Quando foi para o colégio para delinquentes, pensei: 'Ele vai ficar com medo, vai parar com isso'. Chegou lá, ele já separava o joio do trigo. Fez amizade com o major, conhecia todos os seguranças que tinham trabalhado na

Operação Praias e se enfronhou no time de futebol do major. Era goleiro, depois virou o monitor da turma. Tinha catorze, quinze anos. Ele gosta da posição de liderança.” (Mãe de Marcelo)

Se fosse filho de rico, essa peça rara provavelmente não estaria causando problemas a ninguém – exceto ao próprio patrimônio familiar. “Ele era um menino observador, inteligente”, diz sua mãe, a viúva Josélia Maria Nascimento da Rocha, funcionária do Tribunal Regional Eleitoral de Curitiba. Embora tenha estudado apenas até a quinta série do ensino fundamental, dava provas de inteligência. “É um gênio, mas desde pequeno tem mania de grandeza”, descreve a mãe. Caçula de uma família de cinco filhos, Marcelo nasceu em Maringá, noroeste do Paraná. O pai, Aparecido Hildo da Rocha, era agente do IAP, o antigo Instituto de Aposentadoria e Pensões. Quando Marcelo tinha oito anos, a família mudou-se para Curitiba. Na cidade grande, o casal perdeu o controle sobre o filho. “Procurei um psiquiatra, fui ao Juizado de Menores, mas nada adiantou”, conta Josélia.

Revista *Época* , 3 de Dezembro de 2001

Dei risada quando li essa matéria. A minha mãe, como ela mesma diz, é mera espectadora. Não se assusta com mais nada do que eu faço. O que surpreendeu ela foi eu fazer este livro.

Achei engraçado ela dizer que eu tenho mania de grandeza. Mas, pensando bem, acho que tenho mesmo. Uma vez li um ditado que era mais ou menos assim: “Procure ser o piloto e não o passageiro, procure ser o ator principal e não o coadjuvante”. Eu procuro ser sempre o melhor no que eu faço.

UM ESTRAN HO NO NINHO

Sempre fui diferente dos meus irmãos. Era o mais curioso. Fazia perguntas o tempo todo e sempre tive facilidade para guardar todo tipo de informação.

“Ele era muito observador. Quando tinha três anos ficava olhando para o céu. Uma vez perguntou: ‘Como é que a lua não cai lá de cima?’. Os outros não faziam esse tipo de pergunta. Ele inventava muita história, fantasias. A gente achava que era coisa de criança e deixava por isso mesmo. Depois ele começou a mentir. Começou com nove anos. Entrou no futebol de salão do Banco do Brasil. Chegou em casa uma cobrança.”

— Marcelo, falaram que você está devendo dinheiro lá no bar.

— O cara tá louco, vamos lá…

“A gente foi. Ele sabia que estava mentindo. Comia lá todo dia e pagava para os amigos. Essa foi a única conta que eu paguei para o Marcelo. Falei para o homem do bar não vender mais nada para ele.”(Mãe de Marcelo)

Quando era criança eu gostava de viajar, mas não tinha dinheiro. Aos catorze anos descobri que as portas se abriam quando dizia que era sobrinho do dono da companhia de ônibus. Na primeira vez que fiz isso, fui até o guichê da rodoviária, perguntei como se chamava o dono da Pluma e comprei uma passagem de ida para Porto Alegre. Sentei ao lado do motorista e fui batendo papo. Contei que era sobrinho do Oscar Conti. Quando o motorista parou em um dos pontos de apoio da empresa, já me apresentou para todo mundo como o sobrinho do dono. Fiquei três dias hospedado de graça no alojamento da Pluma. Um dia o gerente da garagem perguntou o nome da minha mãe, que supostamente seria irmã do dono da empresa. Me enrolei na resposta e acabei sendo descoberto. Fui colocado na rua.

“Depois dos onze, doze anos, ele começou a só fazer amizade com adulto. Ficou amigo dos motoristas de ônibus de perto de onde a gente morava. Ele andava a cidade inteira sem pagar nada.”(Mãe de Marcelo)

Meu pai se chamava Aparecido. Ele acompanhou uma ou duas dessas que eu aprontei, mas não ficava muito bravo, não. Uma vez fui preso por ser menor e estar viajando sozinho sem autorização. Ele foi me buscar e me perguntou se eu tinha aprendido que não podia fazer aquilo. Pelo visto, não. Continuei aplicando esse golpe e muitos outros.

"Uma vez o Marcelo sumiu de casa. Eu era separada do pai dele. O delegado telefonou pra mim dizendo que o Marcelo estava sem documentos. Eu falei para o Aparecido ir buscar. Ele queria que eu fosse a ruim e ele o bonzinho. O meu marido era um psicopata, tinha um ciúme doentio de mim. Foi se tratar. Melhorou, mas depois piorou de novo."(Mãe de Marcelo)

Em 1984, minha mãe se separou do meu pai. Fui passar o Natal com ele e meus padrinhos em uma fazenda em Rondônia. Ele teve um ataque do coração e morreu na minha frente a caminho do hospital. Não teve tempo de ver as coisas erradas que eu fiz na vida.

A morte do meu pai teve a ver com minha decisão de querer sair para conhecer o mundo. Senti que devia aproveitar minha vida o máximo possível. Resolvi que ia para Foz do Iguaçu. Dessa vez apliquei o golpe do ônibus de maneira mais elaborada. Usei o telefone, que é uma excelente ferramenta para esse tipo de coisa. O segredo é falar com autoridade, como se estivesse bravo. Foi o que eu fiz. Liguei para uma empresa de ônibus e perguntei o nome de um diretor. Inventei que trabalhava na Pirelli e que queria falar com ele sobre uma venda de pneus. Depois de descobrir o nome desse diretor, liguei para lá fingindo ser o próprio. Avisei que um sobrinho meu ia passar na empresa para pegar uma passagem. Mais tarde fui lá fingindo ser o tal sobrinho. Fiquei hospedado cinco dias de graça no alojamento da diretoria, comendo e bebendo de graça. Passeei por Foz do Iguaçu com um motorista que a empresa deixou à minha disposição. Não entendo como nunca pediram para ver minha identidade.

POLICIAL AOS DEZESEIS ANOS

Eu tinha paixão por ser policial. Aos dezesseis anos comecei a frequentar uma delegacia com um primo que era da Polícia Civil. Em menos de um mês eu já fazia relatório de plantão, assinava réplica e recibo de preso. Aprendi o abecedário fonético que é o mesmo usado em aviação. Eu fazia de tudo. Até quando meu primo saía eu ficava lá sozinho. Comecei a matar aula para ficar na delegacia.

"Começou a fazer amizade com policiais civis. Vivia na delegacia, todo mundo conhecia o Marcelo. Ele ficava junto no plantão, jogando baralho, comprando pizza. Sabia todos os macetes deles."(Mãe de Marcelo)

Nessa época, a polícia inteira andava atrás de um bandido que era dono de um desmanche de carros. Ele era muito falado. Depois de meses de busca, finalmente conseguiram prender o cara. Eu acompanhei todo o caso. Assim que chegou na delegacia, o bandido fez um acerto de dinheiro e foi embora. No Paraná é uma tradição esse negócio de acerto. Vi que os caras não tinham um ideal. Parei de frequentar a delegacia. Passei a admirar apenas o Tigre, um grupo de elite antissequestro que chegou a prender vários policiais corruptos. Eles andavam encapuzados e ninguém conhecia o rosto deles.

Eu queria ir para a praia de Ipanema, um balneário do Paraná, mas não tinha onde ficar. Então pensei: "Pô, vou ficar na delegacia". Trabalhava lá um "calça curta", aquele que não é policial de fato. Eu falei para ele: "Sou do Grupo Tigre, vou ficar na Operação Praia, só que eu vim antes para fazer um levantamento de como estão as coisas". Acabei ficando lá. Eu tinha roubado uma identidade de um policial.



Falei que era irmão do M. M., um policial matador integrante do Tigre. Ele era temido e respeitado pelos colegas. Imprimi numa gráfica alguns cartões com a insígnia da Polícia Civil e o nome Marcos Antônio de Sá M.. Comecei a usar uma carabina e uma viatura da delegacia. Eu só tinha dezesseis anos, mas aparentava bem mais. Em pouco tempo me tornei uma espécie de relações públicas da cadeia. Eu dava churrascadas para os policiais. Passava no açougue e no supermercado locais e me oferecia para fazer rondas para eles nos horários que eles considerassem perigosos. Em troca disso, eu deixava contas de carne e cerveja penduradas.

Eu era o chefe da delegacia, só tinha eu de “policial de carreira”. Uma vez fiz uma prisão. Apreendi um quilo e meio de maconha. Eu estava na delegacia com o “calça curta”, que eu não lembro o nome, quando ouvi dizer que o Sérgio Manco tinha pego um quilo de maconha e estava indo para a Praia de Leste. Peguei a viatura e fui atrás dele. Ele tinha um Fiat 147 vermelho. Quando eu vi o Fiat já mandei encostar. O Sérgio desceu e falou: “Tá aqui a droga”. Levei ele para a delegacia e chamei o delegado de Paranaguá.

Dei uma saída e quando voltei descobri que ele tinha feito um acerto e ido embora. Fiquei decepcionado, mas achei melhor não reclamar.

A Polícia Civil de todo Brasil, com exceção da de São Paulo e das de alguns outros estados, é muito burra e muito corrupta, um pouco da culpa é do salário que eles ganham.

COMO FUI DESCOBERTO

Teve um homicídio numa delegacia em Pontal do Sul, e um policial de lá estava precisando de apoio. Ele ligou para a delegacia de Ipanema. Fomos eu e o "calça curta". Levei uma carabina enorme, que era a arma da delegacia. Quando eu cheguei lá os caras perguntaram:

— Você é policial? Tá com essa carabina?

— Eu sou o M. M. – respondi.

— Você não é o M. M..

— Eu sou irmão do M. M..

— O M. M. não tem irmão na polícia, eu conheço o M. M., ele é da minha turma.

Aí caiu a farsa e ele já tomou a carabina da minha mão. Em vez de me levar direto para Curitiba, um policial chamado Maurício me levou para Paranaguá. Lembro dele falar: "Você tem uma cabeça boa rapaz, mas tá usando de maneira errada. Você precisa tratar esses distúrbios". No dia seguinte, o M. M. foi pessoalmente me buscar e me disse um monte. Veio brincando de roleta russa comigo a viagem inteira. Eu não esperava sair vivo daquele episódio. Ele só não me matou porque um outro policial não deixou. O M. M. teria me matado com certeza, alegando que eu tentei fugir.

Na época até foi bom, por causa do susto eu fiquei sem aprontar por um tempo.



Aos dezesseis anos, aplicou o primeiro golpe. Utilizando documentos de um agente participou da Operação Carnaval da Polícia Civil paranaense. Deu tiros, tomou parte de investigações e prendeu traficantes no litoral. Foi descoberto ao cruzar por acaso com um policial que conhecia o dono dos documentos. Carnaval, armas e fardas exercem um fascínio especial sobre o golpista compulsivo.

Revista *Época* , 3 de Dezembro de 2001

AVENTURAS DE FALSO POLICIAL TUMULTUAM O LITORAL

Mesmo não sendo policial e ainda por cima só ter completado dezesseis anos, o estudante M. N. R., se passando por integrante do Grupo Tigre da Polícia Civil, comandou investigações, participou de perseguições, deu tiros e até prendeu traficantes em nosso litoral. Estudante de um cursinho na capital, o menor, que anteriormente já havia se passado por agente federal, tenente da aeronáutica e radialista, terminou sendo desmascarado por um policial da delegacia de Pontal do Sul e entregue ao delegado Valmir Soccio, adjunto da Subdivisão de Paranaguá.Desde os dezesseis anos Marcelo aplica golpes diversos, usando nomes de pessoas influentes e vendendo mercadorias dos mais diferentes tipos.

Ao ser detido em Pontal do Sul, o menor, armado com uma Winchester, estava acompanhado pelos informantes Colares e David, da delegacia de Ipanema, que até então o tinham como sendo o policial M. M., do Grupo Tigre. O estudante costumava se identificar com esse nome devido à fama que este policial goza em seu meio, e, para não pairar dúvidas na identificação, chegou a imprimir cartões de visita com a insígnia da Polícia Civil e com o nome de Marcos Antônio de Sá M. M..

Em longo depoimento prestado junto à Subdivisão de Paranaguá, M., residente no Bacacheri, admitiu que no início do ano foi detido na Praia de Leste por se passar por oficial da Aeronáutica. Depois de ter sido liberado pelo Juizado, apresentou-se na Coordenação da Operação de Carnaval, em Curitiba, e, por ter se identificado como policial, passou a fazer diligências em clubes junto com os comissários de menores. Entusiasmado com a sua representação, viajou para Foz do Iguaçu e passou a se intitular agente federal aos policiais civis e militares com quem procurava sair. Porém, como logo foi descoberto, voltou para Curitiba e, dessa vez, passou a freqüentar clubes e boates intitulando-se locutor da Transamérica, até que foi desmascarado e entregue na DPM.

***Gazeta do Povo* , Curitiba, 25 de novembro de 1992**

RE PÓRTER DA MTV

Quando eu tinha dezessete anos fiquei sabendo de um festival de dança que aconteceria em Joinville. Eu não tinha como entrar. Então, liguei para a assessoria de imprensa do festival e me apresentei como Marcelo Eduardo Bianchi: repórter da MTV. Graças a minha identidade falsa, consegui uma credencial para o evento. Aliás, identidade é uma coisa muito simples de se fazer. Vendem na rua a torto e a direito. Se você tem dinheiro, pode ser quem você quiser. Com mil reais dá para transformar qualquer um em médico. Uma vez eu participei de um congresso de ortopedistas na Amazônia. Eu estava namorando uma médica de Ribeirão Preto que ia para esse congresso. Para se inscrever você precisava ser médico. Eu arrumei uma carteira falsa, CRM e fui.

No festival de dança entrevistei o governador de Santa Catarina e o dançarino Carlinhos de Jesus. A gravação foi feita por um camera man local que eu contratei. As entrevistas foram péssimas. Eu inventava as perguntas na hora e não conseguia parar de rir. Criei esse personagem não só para assistir o festival, mas principalmente para conhecer as boates de Joinville. Eu chegava nos lugares e pedia para falar com o dono. Dizia que era repórter da MTV e que ia fazer uma matéria sobre a casa. Isso bastava para que eu fosse tratado como um rei. Eles me colocavam na área vip e eu podia beber de graça. Em Blumenau, durante a Oktoberfest, fiz algo parecido. Liguei para o prefeito de Blumenau e inventei que era diretor de marketing de uma empresa grande de telecomunicações de São Paulo. Disse que queria patrocinar o evento no ano seguinte, mas que precisava ver de perto como era. O prefeito mandou passagem, me hospedou no melhor hotel da cidade e me levava pra jantar fora toda noite. Em Blumenau não fui descoberto, já no festival de dança não tive tanta sorte.

A mamata acabou quando o diretor do evento quis saber quando as minhas entrevistas seriam exibidas. Ele contou que gostaria de gravá-las para mostrar para o pessoal da secretaria da cultura. Eu disse que não sabia. Ele ligou para a MTV. Foi informado que o canal não tinha mandado nenhum repórter para cobrir o evento. Eu tive que sair correndo de Joinville. Fui embora sem pagar a conta do hotel. Depois desse episódio deixei muitas outras contas penduradas em hotéis cinco estrelas. Sempre gostei de ficar em lugares bons. Naquela época os

hotéis não pediam o número do cartão de crédito dos hóspedes na entrada. Eu me sinto um pouco responsável por essa mudança. Eu costumava deixar no quarto uma mochila com tijolos dentro, depois saía com a minha mala sem pagar a conta.

"Ele ficava em hotel cinco estrelas e saía sem pagar. Perdia tudo o que ficava no hotel, saía sem nada. Depois quando era preso ele me ligava dizendo que estava passando frio, que precisava de coberta. Aí eu ia lá levar as coisas pra ele."(Mãe de Marcelo)


IH, DANCEI.
FESTIVAL DE DANÇA

OLHEIRO DA SELEÇÃO

Eu devia ter uns dezessete anos quando conheci um goleiro do Cascavel que estava hospedado em um hotel de Curitiba. Eu tinha ganhado um agasalho e uma bolsa oficiais da seleção de um amigo que era jogador. Os jogadores do Cascavel me viram no hotel com o uniforme e pensaram que eu era alguma coisa da CBF. Quando eles vieram me perguntar eu disse que era olheiro, falei que fazia parte da comissão técnica da CBF para analisar jogadores para a seleção de base. Me apresentaram o prefeito de Cascavel que estava no hotel. Ele disse que estava tendo os jogos abertos de Cascavel e que eu devia ir para lá conhecer os atletas. Acabei indo de ônibus, junto com o time. Chegando lá foi uma festa. Fui apresentado para todo mundo.

Eu fui observando todos os jogos dos times e a prefeitura bancando tudo. Fiquei lá um tempinho. De Cascavel eu fui para Marechal Cândido Rondon. A dona do hotel onde fiquei hospedado desconfiou e chamou a polícia. Descobriram que eu não era da CBF e que só tinha dezessete anos. O juizado de menores de Curitiba foi me buscar e eu tive que voltar pra casa. Uma pena, eu já estava até dando autógrafo como olheiro da seleção.



MAJOR MARCELO

"Quando ele quer uma coisa, ele faz o que quer. A história do Exército, ele queria servir, depois não queria, depois queria. Outra hora ele não queria mais, queria ser policial. Depois queria de novo. Quando finalmente ele foi servir, deu excesso de contingente. Mas ele foi atrás do coronel até conseguir. Aí desertou. Então, pra que fazer tudo aquilo, né?" (Mãe de Marcelo)

Aos dezoito anos entrei para o Exército por obrigação. Eu era muito preguiçoso, detestava ficar correndo e marchando. Para escapar dos exercícios, fui a um médico e paguei para ele me dar um atestado que dizia que eu estava com o tornozelo machucado. Em seguida liguei para o QG e descobri o nome de um major. Liguei para a companhia onde eu iria servir fingindo ser o major Ariel. Pedi para falar com o tenente Henrique.

— Tenente Henrique? Aqui quem fala é o major Ariel. Tem um soldado aí chamado Marcelo Nascimento da Rocha?

— Tem sim senhor…

— O Marcelo é campeão brasileiro de jiu-jitsu, mas ele está com um problema no tornozelo e precisa ficar em repouso… Cuida bem dele que ele vai representar o Exército no próximo campeonato.

— Sim senhor. Pode deixar, major.

No mesmo dia o tenente Henrique me informou que eu poderia ficar descansando. Ele dizia: "Não vai se machucar que a gente sabe que você tem um campeonato pela frente e que você vai representar o Exército".

Os outros caras ficavam carregando uns baita "armarião" e eu só olhando.



A VENDA DAS MOTOS DO EXÉRCITO

Nessa mesma época conheci um pessoal que colecionava motos Harley-Davidson. Eles perguntaram se eu sabia quando haveria um leilão no quartel. Contaram que sempre compravam Harley-Davidson usadas pela polícia. Sem querer me deram uma ideia para um golpe. Fui ao QG e liguei para uma loja que comprava e vendia Harley-Davidson em Santa Catarina. Inventei um nome e disse que era tenente. Falei que tinha umas motos que iriam a leilão e que poderia vendê-las a um preço melhor, se eles comprassem antes do leilão. O pessoal veio de Santa Catarina para ver as motos no QG. Eu estava vestindo a minha farda do exército. Coloquei nela uma insígnia de oficial. Quando o guarda que ficava na garagem me viu, logo falou: “Pode entrar, tenente”. Fomos até o galpão onde estavam as motos. Vendi duas. Peguei o dinheiro e falei que eles poderiam voltar para buscá-las no dia seguinte. Quando voltaram descobriram que era um golpe e que eu tinha desertado.

Desde os dezesseis anos Marcelo aplica golpes diverses,usando nomes de pessoas influentes e vendendo mercadorias dos mais diferentes tipos.Segundo informações da pSegundo informações da polícia, quando serviu o Exército acabou sendo expulso por ter “vendido” todas as motocicletas do batalhão onde estava lotado.

***Gazeta do Povo* ,Curitiba**



COMO VIREI PILOTO

“O Marcelo saiu de casa quando fez dezoito anos. A gente descobriu que ele era piloto muito tempo depois, na matéria do Amaury Jr. Ele dizia pra gente que pilotava, mas a gente não acreditava. Meu pai até hoje não acredita. Eu sabia que ele andava de avião. Uma vez ligaram pra gente dizendo que ele fretou um helicóptero e devia não sei quanto. Eu falei: ele é maior de idade, pra fretar um helicóptero você precisa de um monte de documentos, como foi que ele conseguiu? Daí nunca mais me ligaram.

Como ele virou piloto? Eu não sei direito. Ele comprou um manual de voo.

Eu morava ao lado do aeroclube. Decerto ele ia lá e pedia para voar, com a lábia que ele tinha. Se ele chegou a tirar brevê? Claro que não. Tirar brevê é caríssimo.”(Mãe de Marcelo)

Eu troquei o sonho de ser policial pelo sonho de ser piloto. Eu morava na Vila dos Sargentos que ficava ao lado de um aeroclube. Passava horas perguntando tudo e pedindo para voar. Em troca, me oferecia para lavar os aviões. Eu ficava prestando atenção em quem ia voar para tentar ir junto. Eu já sabia até o horário em que as gaivotas decolavam. Era tão incansável que acabei ganhando o apelido de Rayovac. De tanto encher os caras, comecei a voar junto com alguns pivips_ lotos e a aprender tudo o que podia sobre aviação. Não tinha dinheiro para pagar um curso. Um grupo de pessoas, que eu prefiro não citar, se ofereceu para me ajudar a tirar o brevê. A condição era que eu fizesse alguns voos de graça e sem fazer muitas perguntas. Eu tinha dezoito anos quando comecei a pilotar. Voava em Foz do Iguaçu. Pilotava aviões de contrabando que levavam arma, uísque e equipamento eletrônico.



A galera do contrabando era muito unida. Sempre tinha festa. Era uma turma bacana… bacana dentro do crime, não para a sociedade.

Em quatro meses, paguei o que devia pelos cursos de aviação. Na prova prática peguei pela frente um major chato que não gostava de piloto civil. Quando eu percebi que o major ia me reprovar de qualquer jeito, mandei ele para o inferno. Fiz uma manobra radical que deixou o cara branco. Depois fiz outra prova com um nome falso. Eu já estava sendo procurado por contrabando e tinha um mandado de prisão em Foz do Iguaçu. Só mais tarde consegui tirar o brevê, no interior de São Paulo, com o nome de Juliano de Souza. A prova era muito chata, paguei para passar. A prática eu já sabia, não entendia por que precisava das teorias.



“Nós confirmamos o brevê dele. A nossa pergunta era: por que não trabalhava como piloto comercial?” (Superintendente do Centro de Triagem de Curitiba, onde Marcelo ficou cinco meses preso)

A resposta pra essa pergunta é simples. Piloto comercial ganha muito pouco e trabalha como escravo.

“Ele deve ter um brevê comprado. Eu só vi a carteirinha dele de comandante que está em nome de um tal Comandante Saddi.”(Mãe de Marcelo)

O contrabando é um estágio pelo qual você passa antes de virar piloto do narcotráfico. A galera vai fazendo grana e se mandando, abrindo vaga para novos pilotos. A droga que existe no Brasil não é fabricada aqui, com exceção da maconha produzida no Polígono do Nordeste. Ela vem do Paraguai, Bolívia e Colômbia. Por isso tem bastante trabalho pra piloto.

Todos os patrões do narcotráfico se conhecem, alguns pagam até treze salários para os funcionários. Meu apelido no crime é Ferrari. Meu patrão me deu esse apelido porque eu sempre andava com um boné da Ferrari. Os bolivianos também me chamavam de Ferrari quando eu ia na refinaria buscar cocaína para transportar até o comprador.

Nós trabalhávamos em três pilotos para um patrão. Dos três só fiquei eu. Hoje um deles tem hotel em Natal, o outro tem posto de gasolina. Todo mundo se fez na vida e saiu. Essa história de que a pessoa entra no crime e não sai é mentira. Se quiser sai, desde que saia de boca fechada.


—SE EU SEI VOAR?
PRATICAMENTE INVENTEI A COISA.
IDAC

PRENDA-ME SE FOR CAPAZ

“A minha filha viu aquele filme Prenda-me se for capaz e ligou pra gente. Disse: ‘Mãe, descobriram a história do Marcelo e fizeram um filme’. O personagem tinha medo. Ele se vestiu de comandante, mas não pilotou. O Marcelo fez bem mais coisa do que ele.”(Mãe de Marcelo)

Dizem que a história do filme Prenda-me se for capaz é mais ou menos a minha história. Eu acho que não tem muito a ver, começando pela diferença entre o meu porte físico e o do personagem. Fora isso, eu jamais trabalharia para a polícia. Mas devo admitir que nós temos coisas em comum. Algumas aeromoças ele deve ter pego, eu também peguei. Também viajei muito sem pagar. É muito simples. Por exemplo, existe uma credencial da Varig, eu conheço uma pessoa da Varig e sei o número da matrícula dela. Eu mando fazer uma credencial igual com aquela matrícula. Aí é só chegar no despacho operacional e torcer para não ter pegado a matrícula de um piloto conhecido. O ideal é pegar o número de matrícula de piloto internacional. O cara pede o número da sua matrícula, você dá e ele te dá um passe. Eu voava no jump ou lá atrás no fundo.

Da primeira vez, vi um amigo que trabalhava na Varig fazendo isso, mas ele trabalhava lá de verdade. Eu vi que era fácil e comecei a fazer, só que eu não trabalhava em nenhuma companhia aérea.

Fiz isso pela primeira vez aos 22 anos e só sosseguei quando conheci todas as capitais. Hoje tenho uma carteira do DAC de checador de voo e uma do Aerojet, as duas com o nome de Caio Roberto de Paula Cortez. Esse cara existe, mas eu nunca vi. A carteira do DAC é boa porque não te param em blitz.





Reprodução

GUITARRISTA DO ENGEN HEIROS DO HAVAÍ

Um amigo meu estava trabalhando na organização de um show em um lugar chamado Pedreira Paulo Leminski. As bandas convidadas eram: Mamonas Assassinas, Engenheiros do Havaí e Faróis Acesos. Eu perguntava tudo, queria saber exatamente como era o trâmite de um show. Por intermédio do meu amigo, fui contratado para ser o motorista da van dos Engenheiros. Fiz amizade com o produtor e os músicos. Passei alguns dias acompanhando o grupo para cima e para baixo.

Uma noite, o vocalista foi mais cedo para o hotel. O resto do grupo queria sair. Fomos a um bar chamado Toscana. As pessoas que estavam no bar reconheceram os Engenheiros e pediram para eles darem uma canja. Como o vocalista não estava, eu me ofereci para cantar. Eu era fã e conhecia todas as músicas do grupo. Eu também já tinha participado de concursos de canto e ganho alguns. Os Engenheiros ficaram meio na dúvida. Lembro deles perguntando: “Mas peraí, você canta bem?” Eu respondi: “Ah, eu me viro”. Fomos aplaudidos e eu cheguei a tirar umas fotos com eles.

“Ele canta muito bem. Ganhou vários troféus em concursos. Eu também ganhei quatro concursos de videoquê.” (Mãe de Marcelo)

Acho que eu sou um pouco iluminado. Sempre acabo conhecendo pessoas famosas. Nunca fui a um show onde eu ficasse na plateia. Sempre consigo ficar no palco, ir no camarim, tirar foto com o artista. Uma vez me perguntaram como eu conseguia essas coisas. Não tem segredo, é só conversar.

Alguns dias depois de cantar com os Engenheiros, fui sozinho para Balneário Camboriú e me hospedei no Miramar Hotel. Para entrar em uma boate, inventei que era o Ricardo Horn, o guitarrista dos Engenheiros do Havaí. Ele era encorpado como eu (naquela época eu não era gordo), e na capa do disco não dava para ver seu rosto muito bem porque ele estava de chapéu. Consegui entrar na boate. Dei autógrafos, tirei fotos e não precisei pagar nenhuma conta. De modo geral, eu inventava esse tipo de coisa só para me divertir e beber de graça.

Fiquei amigo do dono do hotel onde estava hospedado. Quando falei que era

guitarrista do Engenheiros, ele fez um estardalhaço. Um dia fui com ele num boliche onde conheci o dono de uma construtora. Acho que ele viu em mim uma oportunidade de negócio. Entusiasmado com a ideia de vender um imóvel para uma “celebridade”, o construtor me contou que o jogador de futebol Márcio Santos tinha casa em Camboriú e perguntou se eu também não queria comprar uma casa lá. Eu disse que preferia uma cobertura. O dono da construtora tinha uma para vender e a gente combinou de ir ver no dia seguinte. Chegando lá tive uma surpresa.

Ele tinha chamado fotógrafos de colunas sociais. A ideia era promover o empreendimento à minha custa, ou melhor, do Ricardo Horn. O pior é que eu estava de calção e chinelo de dedo. Tirei as fotos mesmo assim. No mesmo dia fui descoberto pela secretária do dono da construtora. Ela era fã dos Engenheiros do Havaí e conhecia o rosto deles. Fui preso por falsidade ideológica. Fiquei um mês na cadeia, mas fui solto na primeira audiência. As fotos que tirei para as colunas sociais não chegaram a ser publicadas. Mas ainda guardo a foto da noite em que cantei com o Engenheiros.

Em janeiro de 1996, assumiu a identidade de Ricardo Horn e disse que era guitarrista da banda Engenheiros do Havaí. Viajou de táxi até Camboriú, hospedou-se por oito dias no Hotel Miramar e tentou comprar um apartamento por R$ 330 mil. Não pagou nenhuma das contas. Indiciado por falsidade ideológica e estelionato, foi condenado a um ano e seis meses de prisão.

Revista *Época* , 3 de dezembro de 2001



GÍRIAS DA CADEIA

As gírias nasceram nas cadeias para despistar os policiais. Elas se renovam conforme os policiais vão descobrindo o significado delas. Por exemplo, baseado antigamente era chamado de “perna de grilo”. Hoje em dia é “emqualquer”. As gírias algumas vezes variam de um lugar para o outro. No Paraná, cama é chamada de “jega”, em outros estados é “comarca”.

papagaio	**rádio**
zoiuda	**TV**
grambell	**telefone**
marrocos	**pão**
debotinha	**cigarro**
conarco	**Companhia do narcotráfico**
galo	**cinquenta reais**
jurão	**caipirão**
perna de grilo	**baseado**
emqualquer	**baseado**
jega	**cama**
comarca	**cama**
coiote	**espião**
tatu	**túnel**
chamador	**preso encarregado de chamar outros presos no pátio**
guentar	**prendar, dominar**
ligeirinho	**camelô da cadeia**
crime à moda Bangu	**cada um faz o que quer**
tremer a pestana	**titubear**
dar a fita	**dar as informações necessárias para um roubo**
come quieto	**cortininha que cobre a cama dos presos, impedindo que outros vejam quem está lá.**
camisa do Guarani	**maconha**
despachar	**matar**
máquina	**arma**


SEU JURÃO! COLOCAR PILHA NO PAPAGAIO É OUTRA COISA!!

GOLPE DO CHUTE

"Ele dizia que era da Polícia Federal, que trazia videocassete, computador… vendia para o primeiro que passasse na rua. Não sei que fascínio ele exercia que a pessoa já dava metade do dinheiro pra ele. Depois nunca recebia a mercadoria." (MSãe de Marcelo)

Enquanto estava na cadeia aprendi o "golpe do chute". Só cai nesse golpe o cara que quer se dar bem fazendo algo que também é ilegal. Os meus golpes são sempre em cima desse tipo de gente. Não quero me justificar, mas não tem aquele ditado que diz: "Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão"? Enfim, quando saí da cadeia comecei a praticar o "golpe do chute" em Santa Catarina.

O golpe era organizado e envolvia uma equipe. Trabalhávamos em três. Um falava com a vítima pelo telefone, outro recebia no aeroporto e um terceiro fazia o papel de auditor da Receita. A gente se revezava nos papéis. A minha especialidade era convencer as pessoas por telefone, que era considerada a parte mais difícil.

Eu pegava a lista telefônica e ligava para uma pessoa de outro estado dizendo que era fiscal da Receita Federal do porto de Itajaí. Dizia que tinha mercadoria apreendida que iria a leilão e que o produto poderia ser vendido pela metade do preço, se a pessoa fosse até a Receita Federal e pagasse em dinheiro. Quando recebia o cliente, eu mostrava um contêiner vazio. Pegava o dinheiro, dizia que o pessoal ia contar o dinheiro e dar um recibo. Eu entrava no prédio da Receita Federal por uma porta que dava em uma escada que saía de lá. Aí, já tinha um carro me esperando. Eu fugia com o dinheiro. Uma viatura da polícia ficava passando embaixo do prédio. Quando a vítima percebia que tinha sido um golpe, saía do prédio e ia reclamar naquela viatura, que já estava acertada para não fazer nada. Era uma máfia grande.

Uma vez eu disse para um gaúcho que tinha três impressoras Heidelberg de 150 mil que poderiam ser vendidas por 75 mil. Nesse caso a gente até tinha uma impressora para mostrar para ele. Mas o gaúcho não quis ver nada. Mandou a filha com o dinheiro e até se comprometeu a pagar o carreto quando a

encomenda chegasse. A filha dele foi embora e a gente já começou a fazer uma churrascada. Como não recebeu as impressoras, o gaúcho ligou para cobrar. O nosso telefone estava em nome de uma pessoa que não existia. Uma menina atendia como se fosse secretária, a gente colocava até o barulhinho do PABX. Lembro do gaúcho perguntar:

— Cadê as minhas máquinas que ainda não chegaram?

— Você falou que mora em frente ao aeroporto Salgado Filho, não falou? – respondi.

— Isso mesmo.

— Então, fica de olho aí que um Zepelin vai entregar a encomenda…

Só então o gaúcho descobriu que era golpe. Ficou furioso e chegou a contratar um detetive particular para investigar o caso. É o tipo de golpe perfeito, porque a vítima não pode dar queixa. Já "vendi" tudo o que você pode imaginar: câmera, filmadora, seda…

Em Camboriú e Itajaí (SC), Marcelo também lesou várias pessoas, dizendo que era auditor fiscal e que poderia efetuar a venda de máquinas pesadas com a ajuda de funcionários da Receita Federal. O preço era sempre a metade do valor real do objeto vendido e o pagamento só podia ser feito em dinheiro.

***Gazeta do Povo* , Curitiba**


PODE COMPRAR SOSSEGADO. NINGUÉM NUNCA VIU TECNOLOGIA ASSIM!!
HEIDELBERG

VENDE-SE: VAGA EM FACULDADE DE DIREITO

"Uma vez ele frequentou a PUC, faculdade de Direito. Ele entrou lá pra dar um golpe de consórcio. Entrou em não sei que ano de Direito, dizia que a transferência dele tava vindo de Manaus. Mas não chegava nunca. Ficou lá aprendendo mais algumas coisas sobre leis." (Mãe de Marcelo)

Frequentei uma faculdade de Direito durante uma semana. Eu me transferi pra lá usando uma carteira de estudante com o nome de outra pessoa. Cheguei a assistir aulas de Processo Civil. Falei que fazia faculdade em Presidente Prudente. O pessoal perguntou como era a faculdade lá. Eu disse:

— Cara, em Presidente Prudente você não precisa ir na aula, você vai uma vez por mês, assina e pega o diploma.

Os caras perguntaram o que precisavam fazer para serem transferidos para lá. Eu falei que tinha um contato e que era dois mil reais por pessoa. Quinze pessoas quiseram fazer a transferência. Eu peguei o dinheiro e zarpei. Também vendi dez vagas de Medicina nessa faculdade. Mas só recebi cinco mil. A outra metade a pessoa só pagava quando entrasse.

Conheço as leis por ser chato. Li muito sobre Código Penal, leis de execuções penais, tudo. Eu tive um advogado chamado Chico Louco, Francisco de Assis do Rego Monteiro da Rocha. Ele é professor de Direito e escreveu um livro chamado Curso de Direito Processual Penal. Eu pedia livros para ele. Não admitia não saber o que ia acontecer comigo. Fiz muito pedido, coloquei muito preso em regime semiaberto. Entrava com habeas corpus, fazia melhor que advogado do sistema. Sempre tive conhecimento do que eu ia passar. Os presos vivem me perguntando as coisas.

Uma vez fingi que era advogado para entrar no presídio e levar umas mensagens do meu patrão para um preso. Falsifiquei uma carteira da OAB, vesti um terno e fui lá.

"Ele sabe sobre lei, sabe nome de juiz, telefone… Sabe o que eu ficava invocada? Com que cara será que o Marcelo ficava quando era detido? Ele

dizia: 'Minha mãe é juíza e meu pai desembargador, pode ligar', e dava o telefone. Daí quando ligavam, eu desmentia tudo. Ele sabia que eu ia fazer isso. Eu dizia: 'O Marcelo é mentiroso, pode dar uma coça'. Desde pequeno ele dizia: 'Se vocês encostarem a mão em mim vocês vão se ver. Eu conheço a lei, o estatuto do menor. Minha mãe é juíza…'. Nunca puseram a mão nele. Muitos não ligavam pra confirmar se eu era mesmo juíza." (Mãe de Marcelo)



VOO CAMICASE

Com vinte anos fui pela primeira vez para a Colômbia fazer um “voo camicase”. Não é à toa que o voo tem esse nome. A ordem era carregar o máximo de droga possível. A gente calculava o tempo exato de voo e quanto combustível iria precisar, assim conseguia transportar carregamentos com peso superior ao da capacidade dos aviões – sem reserva de combustível, sobrava mais espaço para as drogas. O problema é que o avião podia ter uma pane seca e cair. Além disso, eu tinha que pousar em pistas clandestinas de fazendas e voar baixo para não ser captado pelo radar.

Eu costumava buscar carregamentos de 180 quilos de cocaína. Para não ser pego, eu tinha que passar pela fronteira quando o Marrana estivesse no solo. Marrana é o avião-radar americano que controla o narcotráfico na Bolívia. Uma pessoa ligava e me avisava a hora certa de decolar, eu tinha que confiar na palavra de alguém que nunca tinha visto na vida.

Se você é avisado de que pode passar o avião pela fronteira às sete, vai ter que chegar em Barranco Minas às sete e quarenta da noite. Nesse horário um cara vai acender tambores de combustível na pista pra você descer o avião. Às sete e quarenta e cinco ele vai apagar, caso você tenha descido ou não. Se ele apagar e você ainda não tiver descido, vai acabar caindo por falta de combustível. Você sua muito. É muito perigoso. Fiz três voos camicase e todos deram certo, mas vários amigos foram e não voltaram. Uma vez um piloto do Beira-Mar caiu na mata fazendo um voo desses. Ele estava levando um carregamento de um milhão e quinhentos mil dólares. Nunca mais acharam.

Já tive muito medo. Quando decolava pra ir pra Colômbia emagrecia dois, três quilos no voo. Você tem que ficar muito em paz com Deus pra que ele não deixe o motor dar uma pane.

MEU PATRÃO

Quando tinha 24 anos, eu trabalhava para o A.R.D.. Ele era chamado de rei da fronteira. Depois que ele morreu, eu fui trabalhar com um patrão na Bolívia chamado E.G.. Ele era uma figura, achava que tráfico não era crime. Achava que devia ser liberada a cocaína pra ele poder trabalhar mais sossegado. Através dele conheci políticos brasileiros. Esse patrão bancava campanha de muita gente. Tinha um poder muito grande em Porto Quijarra, na Bolívia. Eu ia numa loja, falava que trabalhava com o E.G. e que só pagaria dali alguns dias. O pessoal sempre dizia que tudo bem. Ele era um cara muito correto, sempre pagava tudo em dia e não deixava a gente dar calote. Era dono de boate, posto de gasolina, cassino, hotel. Mandava e desmandava na cidade.

Marcelo: — Se quiser pode ir falar com o meu patrão. Não precisa ter medo que ele não vai te matar não…

Mariana: — (risada tensa) Acho que não precisa não…

— Comentei com meu patrão que existe a possibilidade dessa história virar um filme. Ele disse que vocês podem filmar na fazenda dele. Só não pode filmar ele, é claro… Ele achou muito legal a ideia toda. Inclusive ele tem uma cópia do nosso contrato…

— O quê!?! Sério!?! Então ele sabe o meu nome!?! Ai, ai, ai…

— Não precisa ter medo. Tanto a fazenda quanto o meu patrão são totalmente diferentes do que você imagina. Você acha que ele é um cara mau? É totalmente ao contrário. Ele adora receber visitas. Faz tudo para agradar. É lógico, se ele estalar os dedos cai quem ele quiser. Mas você não corre perigo não, corre perigo se você fizer um filme e não botar um personagem dele. Tem que botar um personagem dele lá, com a varinha na mão, sentadinho na cadeira de balanço.

Acho que o meu patrão me admira. Algumas das coisas que eu fiz foi até para mostrar pra ele. Eu tenho admiração por ele como se fosse um pai. Ele tem confiança em mim. Sabe que eu jamais comprometeria ele ou qualquer pessoa

relacionada ao narcotráfico.

Teve um episódio engraçado que passei com ele em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. No caminho do aeroporto eu tomei uma garapa. Aquilo deu uma reviravolta no meu estômago. A gente decolou, quando deu uns vinte minutos de voo, eu comecei a ficar pálido. Falei para o meu patrão que precisava descer senão ia fazer dentro do avião. A gente estava em um Bonanza, um monomotor. Ele tinha acabado de trocar o estofamento.

— Se você fizer aqui dentro do avião eu vou te matar, só faltam vinte minutos de voo…

— Eu não vou aguentar, vou ter que descer…

Eu vi uma pista de fazenda e aterrissei. Pulei por cima dele e já desci do avião baixando as calças. O dono da fazenda apareceu com uma caminhonete apontando uma espingarda para a gente. Meu patrão berrou pra ele:

— Calma! O cara só tá cagando!

Não levei tiro… mas por pouco não sujou.



COMO ENGANEI O DEPARTAMENTO DE ENTORPECENTES AMERICANO

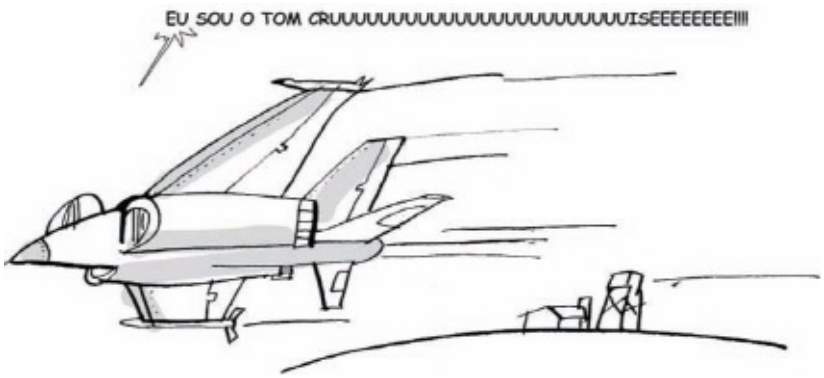
O Departamento de Entorpecentes Americano (Drug Enforcement Agency – DEA) tem um helicóptero e um avião que ficam na divisa da Bolívia. Eles vigiam a fronteira para os aviões dos traficantes não passarem por lá. Como eu já disse, o avião se chama Marrana e fica no ar praticamente o tempo todo. Ele desce, reabastece e logo sobe. É uma espécie de Sivam americano implantado na Bolívia. Quando o Marrana desce para abastecer, o helicóptero Apache sobe. Ou seja, é praticamente impossível passar sem ser pego por um dos dois.

Certa vez, um empresário forte do interior de São Paulo queria passar com um carregamento de drogas pela divisa, mas estava com medo que o DEA derrubasse seu avião. O empresário procurou por mim e um amigo meu. A gente tinha fama de louco, mas ao mesmo tempo éramos respeitados na aviação do narcotráfico. A gente frequentava o bar de duas gêmeas no Paraguai, onde todo mundo conhecia nossas histórias. Foi lá que o empresário nos encontrou. Ele explicou que já tinha um piloto, mas precisava de alguém que desse um jeito de driblar o DEA. Nós aceitamos o desafio. Eu disse que por cinquenta mil reais faria o avião dele passar. Eu sabia que dois meses antes disso os traficantes tinham ameaçado o

DEA. Queriam que eles tirassem a base de lá. Diziam que, se não saíssem, eles iriam comprar um avião caça para derrubar os helicópteros americanos. Ficou aquele buchicho no ar. Isso nos deu uma ideia. Eu e o meu amigo fomos para uma cidade que fica perto da fronteira. Alugamos um jatinho bi-turbina Citation 2 por dez mil reais e o levamos para a Bolívia. Pra que ficasse parecido com um avião caça, contratamos um especialista em pintura de carros pra pintar o jato de preto (com tinta removível). Depois tiramos o compressor da turbina para sair faísca como nos aviões caça.

Combinamos com o piloto do empresário que ele ficaria na pista alinhado, pronto para decolar. Assim que recebesse uma chamada em determinada frequência de rádio, ele poderia levantar voo e atravessar a fronteira. Colocamos um “coiote” de espreita no meio do mato. Coiote era o responsável por avisar

quando o helicóptero do DEA estivesse no chão. Assim que ele avisou, eu decolei com o falso avião caça. Já era noite quando eu passei em cima da base do DEA. Como o jatinho estava sem o compressor da turbina e com uma turbina só ligada, ele estava mais barulhento e soltava uma labareda. Quando a gente deu um rasante na base, o pessoal do DEA pensou: “Pronto! Os traficantes compraram o caça pra nos derrubar”. Não subiram o helicóptero. Nesse momento o piloto do empresário foi avisado e passou com o avião carregado de droga.



Nós recebemos os cinquenta mil reais e depois só precisamos tirar a tinta removível do jato alugado. Mais tarde correu o boato de que o DEA queria nos matar.

QUASE MORTO

“Uma vez eu perguntei se ele não tinha medo de morrer. Eu disse:

— Você vive dando calote nas pessoas, até em policiais. Você não tem medo de amanhecer com a boca cheia de formiga?

— Mãe, eu já estou morto. Eu prefiro viver trinta anos bem do que setenta mal.” (Mãe de Marcelo)

As duas vezes que corri mais risco de morrer foram no Paraguai. Tinha uma rixa entre o meu patrão e um outro patrão de droga. Um estava querendo matar o outro, e quem trabalhasse pra eles ia junto. Nós estávamos voltando de um jogo de futebol em Paloma, uma província perto de Salto de Guana. Eram umas sete da noite. Os caras atravessaram a caminhonete na nossa frente e começaram a atirar. A gente começou a atirar neles, mas eles estavam com um poder de fogo bem maior do que o nosso. Nós saímos correndo para o meio do mato. Atiraram em mim de uma distância de menos de três metros. Não acertaram por pouco.

A outra vez foi numa abordagem do GOF, o Grupo de Operações de Fronteira no Paraguai. Eles tinham sido informados que eu roubava avião. Na época eu tinha uma Pajero. Fui abordado em Novo Mundo, do lado do Brasil. Eles disseram que tinham uma descrição de uma pessoa com o meu corpo, o mesmo carro e que era piloto. Eles viram que eu tinha carteira de piloto. Minha carteira era falsa e tinha outro nome. Eles disseram que o cara que estavam procurando tinha o apelido de Ferrari. Eu falei que não tinha apelido nenhum e que trabalhava com aviação agrícola na fazenda de Santa Maria. Fiz sotaque de baiano. Eles deram uma geral no meu carro. Quando abriram o porta-luvas, encontraram o meu boné da Ferrari. Eu gelei. Eles ficaram desconfiados e me levaram para o mato onde eram desovados os cadáveres. Tive certeza de que ia morrer. No desespero, comecei a falar sem parar fazendo sotaque de baiano:

— Eu não sou o Ferrari… vai me matar por quê? Tenho cara de ladrão, eu?

— Não… mas a gente já matou inocente também…

— Pelo amor de Deus! Tá louco? Eu tenho três filhos pra criar aí, rapaz. Eu sou lá da Bahia, moro em Barreiras, sou piloto aí, pulverizo soja…

O homem encostou a pistola na minha cabeça e mandou eu deitar. Deu dois tiros no chão. Passou um de cada lado das minhas orelhas. Ele encostou a pistola de novo na minha cabeça e falou:

— Olha cara, se for mentira tua eu vou te matar um dia, você não vai morrer agora não.

Eu escapei. Agora espero que ele não leia este livro.

"Uma vez eu estava vendo um livro sobre anjos da guarda. Cada data de nascimento tem um. Eu fui procurar o do Marcelo, que é 19 de março. Cinco dias do ano não têm anjo da guarda. 19 de março é um deles. São considerados gênios da humanidade e não têm anjo da guarda." (Mãe de Marcelo)

COMO GANHEI RES PEITO NO CRIME ORGANI ZADO

Sempre trabalhei com inteligência. Eu procurava ver as coisas dentro da aviação da Conarco (termo que na gíria dos traficantes significa Companhia do Narcotráfico). Procurava ver a forma que a Polícia Federal trabalhava, acho que é por isso que eles têm bronca de mim. O piloto fica no escuro. O cara que quer comprar droga chega no patrão e diz: “Eu quero duzentos quilos de cocaína e quero que entregue em tal lugar”. Ele vai com uma coordenada. O piloto nunca vê o comprador. Mas a Polícia Federal é inteligente. Não se conformava com a burrice dos compradores, que acabavam falando demais e não sabiam que seus telefones estavam grampeados. Uma vez um delegado da Polícia Federal me falou:

“Pô, Ferrari, vocês acham que a gente é burro? Esses dias eu grampeei o telefone de um traficante e ele falou pro outro: ‘Olha, aquelas quinze vacas que você encomendou estão indo num Passat vermelho’. Cabem quinze vacas em um Passat vermelho!?!”

Maconha era chamada de “camisa do Guarani”. Os caras também costumavam dizer: “Olha, tô mandando aquelas camisas do Guarani que você encomendou”. A Polícia Federal já sabia que era maconha. Mas eu procurava estar sempre um passo à frente deles. Eu tinha o hábito de dar um rasante na pista antes de descer, para ver como ela estava. Um dia vi uma caminhonete, que não era o carro combinado. Também reparei que tinha um carro a mais do que o previsto. Em vez de aterrissar, fui embora. Era a Polícia Federal que estava esperando para me pegar em flagrante. Já tinham pego outras duas pessoas. Bastava eu aterrissar com a mercadoria para a polícia poder dar o flagrante e prender todo mundo.

Mais tarde meu patrão falou que eu salvei a mercadoria e outras duas pessoas por não ter descido naquela fazenda. Depois desse episódio mudei a forma de entregar a mercadoria. O comprador passou a ter que mandar uma pessoa para me encontrar. Eu deixava essa pessoa com a droga em uma cidade próxima ao comprador. Mas ninguém além de mim sabia qual seria a cidade. O empregado do comprador ficava responsável por levar a droga até ele. Eu ganhei fama por isso.



CAMISETAS DO GUARANI

PARAGUAI

O Paraguai é uma rota de fuga para os criminosos do Brasil. A gente costuma dizer que o Paraguai é como curva de rio: só junta tranqueira.

Eu fiquei trabalhando um tempo no Paraguai. Lá eu não precisava me fazer passar por ninguém. Pilotava para uma pessoa forte. Existia uma associação de criminosos dentro do Paraguai. Nós sempre nos encontrávamos no bar das gêmeas. Eram ladrões de carro, carreta, traficante, enfim, tudo o que não prestava ia parar lá.

Na época não existia a ponte que tem hoje ligando Guaíra a Mundo Novo. A travessia era feita de balsa. O Menezes era um dos maiores ladrões de carreta que já teve. Ele era bacana. Eu sempre tive admiração por criminosos que cometiam crimes sem fazer maldade.Quando ele chegava com a carreta na balsa, ligava para o bar das gêmeas. Quem estivesse lá, ia dar cobertura pra ele. Em Mundo Novo tinha uma estrada que ia dar no correntão da Receita Federal, que atravessava para o outro lado. A gente escutava quando a balsa chegava. A carreta vinha batendo. Todo mundo ficava abaixado no mato do lado da Receita Federal do correntão. Lá tinha sempre uma ou duas viaturas do Grupo de Operações de Fronteira (GOF). Quando o Menezes apontava a carreta para o correntão e o GOF pensava em meter bala nele, a gente começava a dar tiros no GOF. Mas não para acertar, a gente atirava nos vidros dos carros deles. Os caras do GOF pulavam no chão e, nesse momento, o Menezes aproveitava pra passar com a carreta. Quando parava a carreta do outro lado, o GOF já não podia fazer mais nada.

No Paraguai, um ajudava o outro. Você acabava se adaptando ao crime que os caras cometiam. Era uma família de criminosos. Existia uma ética dentro do crime. Hoje isso está acabando por causa do crack. Tem cara matando por causa de um tênis pra fumar crack. O criminoso da fronteira não usa droga e não mata à toa.

O Paraguai é o paraíso pra quem é foragido, lá a lei é o dinheiro. Se você tem proteção de alguém, ninguém mexe com você.

Se eu fosse ministro da Justiça, derrubaria a Ponte da Amizade, acho que seria um bom começo.

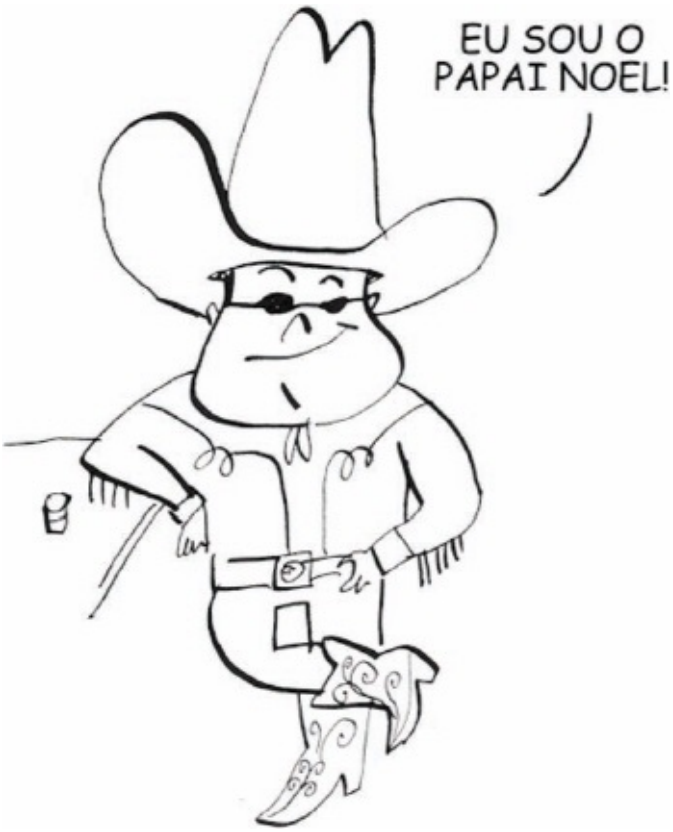
BARRETOS

Sempre fui aos rodeios de Barretos. A primeira vez teve um show do Zezé di Camargo e Luciano. Eu estava no meio do público, lembro que pisaram no meu pé e me empurraram. Fiquei indignado por ter que assistir aquele show no meio do povo. Na segunda vez, eu já sabia como funcionava o esquema. Em 2000 teve show do Aha. Eu procurei saber quem era a pessoa que cuidava da parte artística e disseram que era o Cássio Leite. Liguei para ele na coordenação do rodeio. Falei que era o Augusto de São Paulo, da mesma gravadora que representava o Aha no Brasil.

— Quem tá falando aqui é o Augusto, da gravadora tal. Eu queria ir na festa, como eu faço pra pegar uma credencial?

O Cássio mandou duas credenciais para o meu hotel. Eu estava no Nacional que era o hotel oficial da organização de Barretos. Conheci na piscina do hotel o empresário do Bruno & Marrone e também do Daniel. Inventei para eles que era dono de fazendas e que tinha um avião, um negócio bem “tcham”. Eu disse que só tinha entrada para o show do Aha, e o empresário do Bruno & Marrone me convidou para assistir o show deles. Acabei ganhando uma credencial deles e fui a todos os shows de graça acompanhando os artistas. Ia ficar dois dias e acabei ficando uma semana. Fui no camarime tirei uma foto com o vocalista do Aha. Dali já foi um passo para eu ir em outras festas.

Eu mandava e desmandava nos rodeios. Se você dá umas duas doses de uísque bom para a pessoa tomar, ela acredita até que você é Papai Noel.


EU SOU O
PAPAI NOEL!

PSI QUIATRAS

Como já disse antes, o meu apelido no crime é Ferrari. Para mim, Marcelo é uma pessoa, Ferrari é outra. O Marcelo nunca fez nada de ruim, o Ferrari já. São pessoas totalmente diferentes. Quando estou trabalhando eu sou Ferrari. Eu separo as coisas. Por exemplo, o Victor Hugo é empresário do meio musical, e é do bem.

"Quando estava preso em Bangu, ele dizia: 'Mãe, não me chame de Marcelo, o Marcelo morreu'. Chegou correspondência aqui com esse nome (Juliano de Souza). Eu nem lia, rasgava." (Mãe de Marcelo)

Às vezes fico bobo com as coisas que falo enquanto encarno os personagens.

"Eu cheguei a ir falar com um psiquiatra para saber como eu deveria agir com o Marcelo. Nada resolvia. No que eu errei? Eu tenho cinco filhos e nenhum é assim. O psiquiatra falou que ele tinha um desvio de caráter." (Mãe de Marcelo)

Quando fui preso pelo juizado de menores por viajar de ônibus sem pagar, fui a um psicólogo chamado Cleon Monteiro. Falei para ele que o meu único problema era não ter dinheiro para pagar as passagens. Acabei ficando amigo dele. Tenho certeza que não tenho nenhum problema de saúde mental.

"Acho que ele é caso para um bom psiquiatra… mas tem que ser bom, senão ele leva o psiquiatra na conversa." (Amaury Jr.)

Em 1996 Marcelo contou para os psiquiatras do Complexo Médico Penal do Paraná que tinha aplicado dezessete golpes, dos quais sete bemsucedidos. Declarou-se estelionatário e não demonstrou arrependimento.

"Alguns autores afirmam haver analogia entre um golpe e o orgasmo", explicam os psiquiatras Tito Moreira Salles e Tânia Baptista.

Segundo eles, Marcelo pertence ao grupo clínico dos portadores de personalidade psicopática. É apenas um transtorno, não uma doença. São

pessoas que incorporam personagens e vivem uma realidade paralela. Amorais, exibicionistas, perversas, inteligentes e sedutoras, podem ainda apresentar comportamento violento e agressivo. A causa é uma combinação de predisposição genética com o meio ambiente. Pacientes que sofrem do mal são insensíveis ao aconselhamento e á psicoterapia.

"O psicopata é egocêntrico, não tem limites e jamais acredita que pode se dar mal. Na maioria dos casos, a origem remonta a más influências na infância", explica o psiquiatra Talvane Marins Moraes, da Associação Brasileira de Psiquiatria.

Revista *Época* , 3 de Dezembro de 2001

"O Marcelo não é um exibicionista louco para aparecer na mídia, e tampouco um psicopata, como dizem algumas matérias a seu respeito. Na verdade, ele é um oportunista que não consegue deixar de agir toda vez que vê alguma falha no sistema. Como ele mesmo diz: 'Se estiver num lugar e tiver oportunidade, eu faço'. Ele é tão oportunista que veste qualquer personagem. É inteligente e tem um grande poder de persuasão. Apesar de ter um nível de ansiedade muito alto, tem o semblante e a voz de uma pessoa calma e equilibrada. Para criar seus personagens, mistura ficção e realidade. Sempre tem informações que usa para dar mais veracidade aos seus discursos. Suas vítimas em geral são pessoas muito ambiciosas que pensam que vão se aproveitar dele.

O Marcelo adora vencer desafios e não suporta barreiras. Nem todos os seus golpes têm como objetivo ganhar dinheiro. Em muitos deles ele quer apenas mostrar que é mais esperto que os outros. A vaidade dele é ganhar o jogo de xadrez." (Northon Dengler, terapeuta)

"Uma vez um psiquiatra mandou ele desenhar sua família. Ele tinha uns treze, catorze anos. No desenho, todos tinham pernas, braços e cabeça. Nenhum tinha o meio do corpo. O psiquiatra falou que aquilo era gravíssimo: 'Ele nasceu assim e vai morrer assim. Isso não tem cura. Ele não tem sentimentos. Ele não se apega como a gente'. Mas ele é carinhosíssimo." (Mãe de Marcelo)

Para mim os psiquiatras é que são loucos. Uma vez fiz um exame criminológico para obter progressão de regime. Acabei fazendo o psiquiatra perder o controle. Falei que achava que a psiquiatria e a psicologia não eram ciências exatas. Eu mexi com o ego dele.

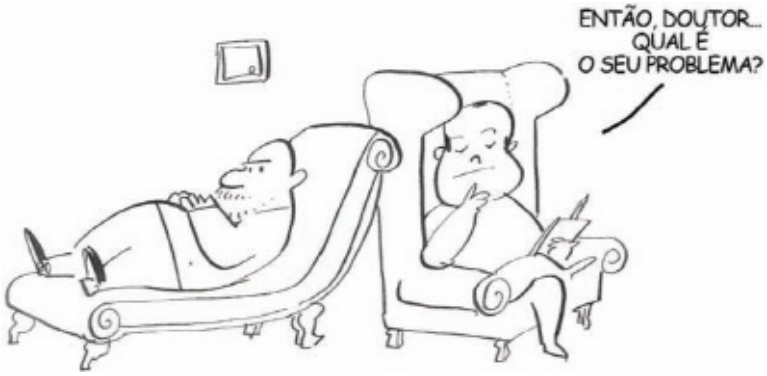
— Que raio de psiquiatra é você trabalhando em um lugar desse?

— Mas eu sou bom, minha modéstia não deixa eu dizer que eu sou um dos melhores.

— Sua modéstia… eu nunca vi seu nome em lugar nenhum. Se fosse bom você não ia trabalhar aqui nesse fim de mundo.

Quando eu falei isso o homem ficou doido.

"A maioria das coisas que o Marcelo fala é mentira. Tanto que eu não acreditava em nada que ele falava. Uma vez ele me ligou e disse: 'Mãe, eu tô trabalhando de segurança do ator Gerson Brenner, você não acredita, eu vou tirar umas fotos e te mandar'. Aí ele mandou as fotos com um monte de artistas. Ele sempre chegava com uma mala cheia de roupa de marca, só roupa de marca. Quando ele tem o que precisa, vai para outra. Ele gosta de aparecer de qualquer jeito, não só glamour. Uma psiquiatra falou que ele precisava ser contido, ele ia se superar nos golpes cada vez mais." (Mãe de Marcelo)



A CARTEIRINHA

“Uma vez chegou aqui em Curitiba um assessor do secretário da Segurança Pública. Ele estava desesperado. Entrou com um policial civil e disse:

— A senhora não sabe o que o Marcelo fez. Ele chegou na delegacia dizendo que era filho de um coronel. Falou que era paraquedista e que conhecia meu filho. Ele convenceu a gente a dar pra ele uma carteirinha da Secretaria de Segurança Pública…

O problema é que o assessor do Favetti (secretário de Segurança Pública) conversou com o filho dele que é paraquedista e ele disse que não conhecia o Marcelo. Aí eles descobriram a mentira. Fui chamar o Marcelo no quarto.

— Tem visita aí pra você.

Ele nem se abalou. Veio pra sala e disse:

— Oi, doutor, tudo bem?

Sentou no sofá.

— Marcelo, como que você me faz uma dessa?

Na época o Moacir Favetti era candidato a deputado e eles não tinham onde fazer o comitê. O Marcelo teve a cara de pau de mentir pra ele pela segunda vez. Ele inventou:

— Eu tenho uma casa vazia na Boa Vista. Vou levar vocês lá, vocês podem se instalar lá.

A casa estava fechada e cheia de aparelhos odontológicos. No dia seguinte eles iam mandar uma kombi tirar tudo de lá.

— Isso aqui é da minha irmã, ela não vai usar agora – Marcelo falou.

O deputado descobriu de noite que a casa não era do Marcelo. Ele acabou

tendo que devolver a carteirinha, mas antes ainda tentou enrolar o deputado pela terceira vez, dizendo que a carteirinha tinha ficado na casa de um amigo.

Pra mim ele não mente mais, porque sabe que eu não acredito nem nas verdades que ele conta.” (Mãe de Marcelo)

ESTAGIÁRIA DE DIREITO

“Ele te contou do golpe que deu em uma estagiária de direito? Aquele foi um barato. Ele já não morava aqui. Foi há uns quatro ou cinco anos. Veio uma moça aqui dizendo que o Marcelo estava com o carro dela e não devolvia. Logo eu vi que era golpe dele.

Estagiária: — Ele já fez isso?

Mãe de Marcelo: — Já. Fez com um jogador do Atlético. Pegou o carro dele e foi fazer uma balada lá em Salvador.

Ele namorou a menina uma semana. Conheceu num videoquê. Viu ela chegar com um Vectra. Deu o golpe, né? Sentou na mesa dela e já começou a dar o ‘plá’ de conquistador profissional. Trouxe ela aqui no hangar do aeroclube e disse que o avião era dele. Ela acreditou. Ela era estagiária de um advogado que é membro do Tribunal Eleitoral e estava fazendo um curso em Juíz de Fora. Ele foi de avião buscá-la no sábado. Ela pensou: “Nossa, ele deve estar apaixonado pra vir me buscar de avião”. No voo ele falou que o carro dele estava quebrado. Ela deu um cheque pra ele pegar o carro dela na oficina e um outro cheque não sei pra quê. Quando ela veio aqui eu disse:

— Só me diga uma coisa, você deu algum cheque pra ele?

— Pior é que eu dei.

— É melhor você sustar o cheque…

— Você acha que ele roubou o carro?

— Dê queixa de roubo.

— Ah, mas eu não posso, porque eu emprestei o carro pra ele.

Ela sustou um cheque daqui, o outro ele usou para pagar o aluguel do avião: mil e quinhentos reais. Ela acabou registrando queixa de roubo do carro. Ele ficou quatro dias com o carro. Ligava pra ela e dizia: ‘Vai pra tal

lugar hoje de noite que eu te devolvo o carro'. Ela ia e ele não aparecia. Alguns dias depois pegaram ele de madrugada entrando com o carro num motel… com outra mulher."(Mãe de Marcelo)



MALANDRO VOLTA A DAR GOLPES E PEGA “CANA”

Preso por aplicar diversos golpes e comprar cheques furtados e roubados, Marcelo Nascimento da Rocha, 22 anos, está outra vez na cadeia.Agora, ele foi detido pela prática de apropriação indébita.Passando-se por vendedor de carros, Marcelo pegou o Vectra de uma pessoa e se apropriou do veículo, o que levou a vítima a registrar queixa contra o golpista.

Marcelo foi preso na madrugada de quarta-feira, no Hotel Elo, onde estava hospedado, quando chegava ao local com o Vectra na companhia de uma jovem. Na ocasião, ele forneceu o nome de Marcelo Ferrari Contti e disse que era auditor. O delegado revelou que o golpista costumava se identificar como filho de uma juíza de direito de Curitiba, irmão de um policial Federal, piloto e dono de avião do Bacacheri. “Na verdade trata-se de um estelionatário evadido da Colônia Penal Agrícola. Ao ser detido ele estava de posse de duas carteiras, uma delas do Ministério da Educação e outra do Departamento Nacional de Telecomunicações, em nome de Wagner Assueles de Souza”, informou Machado.

O delegado solicita às pessoas que foram vítimas do golpista para procurarem a DFRV ou entrarem em contato através do telefone (041) 345-4321. “Nos últimos dias, o marginal lesou diversas vítimas e frequentou festas da alta sociedade, passando-se por empresário”, acrescentou Machado.

Revista *Época*

COMO ME TRANS FORMEI EM EM PRESÁRIO MUSICA L

Andei sendo empresário de umas bandas: Akundum, Capital Inicial, Ira e Catedral. Conheci o Louro Jones (do Capital Inicial) em um show de reggae em Brasília. Inventei que era empresário e que trabalhava com produção de shows. Meu nome fictício era Victor Hugo. Tinha uma carteira de identidade falsa com esse nome. Nessa época eu já tinha dezesseis identidades diferentes.

Fiquei amigo do Louro Jones. Fui à chácara dele em Brasília, onde conheci o Dinho, o vocalista do Capital Inicial. Comecei a vender shows deles. Vendi uns quinze shows. Mais tarde passei a vender shows de outras bandas em vários estados do Brasil.

Ganhei dinheiro como empresário, não tanto como no crime, mas ganhei. É um ramo legal de trabalhar. Cheguei a levantar uma banda que tinha desmanchado. Era um grupo chamado Akundum. Um dia encontrei o Mongol, que era o vocalista. Ele estava trabalhando em um barzinho mequetrefe. Eu falei para ele:

— Você já fez sucesso, não pode ficar aí não.

Eu tinha juntado dinheiro e decidi investir no grupo. Paguei a produção do disco deles. Em uma semana remontamos a banda. Alugamos um ônibus e caímos na estrada para fazer shows. Fizemos apresentações em Santa Catarina, São Bento do Sul, Espírito Santo, interior de Minas. Conheci vários artistas nessas viagens. Peguei os cartões de todos eles. Eu estava sendo procurado pela polícia, mas mesmo assim levei a banda no programa da Adriane Galisteu na Record e da Luciana Gimenez na Rede TV. Um tempo depois falei para o Akundum que não queria mais ser empresário. Eles pediram para eu ficar, mas eu queria fazer outras coisas.

Marcelo: — O Akundum tinha uma música chamada Emaconhada , você conhece?

Mariana: — Não. Canta um pedaço.

— Você sempre pede pra eu cantar. Pra quê? No que isso vai ajudar o livro?

— Você sempre fala que sabe cantar, quero ver se é verdade.

— Na próxima eu canto. Preciso ensaiar um pouco.

— Ensaiar?

— É. Eu vivo cantando aqui na cadeia… os caras ficam mandando eu calar a boca.

— Mas se você canta bem, por que eles mandam você calar a boca? Canta aí pra eu ver.

— Com essa câmera eu tenho vergonha.

— A gente desliga a câmera. Pode cantar outra música se você quiser. Normalmente você canta o quê?

— Eu canto de Zé Ramalho a U2. Tenho vários ídolos. Sou fã do Bono Vox, quando eu canto imito a voz dele.

— Então canta uma do U2.

— Na próxima, na próxima…

AULA DE PICARETAGEM

Uma vez falei para o meu irmão que ia mostrar como eu me fazia passar por outras pessoas. Eu tinha vinte mil reais no bolso. Cheguei num hotel de BMW e falei que era baterista do Nenhum de Nós. Ninguém nunca vê a cara do baterista. Até autógrafo eu dei. Assinava “Saddi”. A galera acreditava mesmo. Era muito engraçado, eu ia nas boates e me colocavam em lugar reservado. Meu irmão ficou bobo. Eu falei para ele: “Com dinheiro, o povo acredita em quem você disser que é”.

“Antes de chegar na cidade, ele ligava para o hotel e fazia reserva. Dizia

que era o empresário do Nenhum de Nós e que ia um pessoal do grupo lá. Ele saía na cidade pra ver onde eram as baladas à noite, o coração do agito. Quando passava lá já pegava o telefone e descobria o nome do dono do lugar. Depois ligava e pedia pra falar com essa pessoa. Falava que era o empresário da banda Nenhum de Nós:

— Os meus meninos estão aí… O tecladista, o baterista, o engenheiro de som… Eu queria reservar um lugar vip pra eles…

Pedia segurança especial para ajudar a entrada, para as pessoas não aglomerarem. Ele dizia pra gente: 'Qualquer coisa, você é o engenheiro de som, você é o tecladista e eu o baterista'.

A gente fez isso em várias cidades. Uma vez, em Piçarras, contratamos dois professores de capoeira para serem nossos seguranças.

Fizemos amizade ali e – opa! Esses aí servem pra ser segurança. Aí já ia a namoradinha de um, as menininhas que tavam ali que eles escolhiam… O Marcelo comprava CDs, autografava e dava para as meninas…" (Jack, irmão de Marcelo)



"Em Águas Termas, mais uma vez ele se passou por baterista do Nenhum de Nós. Fizemos amizade com o pessoal de um bar. A piazada que trabalhava no

bar tinha uma banda, eles tocavam lá à noite. Aí já esquematizamos… esquematizamos não, o Marcelo esquematizou tudo. À noite o bar lotou porque ele ia dar uma canja lá. Eu falei:

— Marcelo, você tá falando de fazer um show aí à noite… Tá louco!?!

— Deixa comigo.

Aí ele foi e deu conta do recado. Eu fiquei boquiaberto. Ele cantou bem, todo mundo aplaudiu. Nossa mesa ficava rodeada, cheia de gente querendo pegar autógrafo. Meu Deus do céu! Foi muito legal! Ele cantou várias músicas.” (Irmão de Marcelo)

Eu canto bem, mas nunca quis ser um cantor. Eu faço o que for necessário pra atingir o meu objetivo.

“O Marcelo ia em videoquê, num bar que chama Era Só o que Faltava. Ele dava show lá. Cantava ao vivo.”(Mãe de Marcelo)

É muito fácil se passar pelos outros. Eu nunca me passei por mim mesmo. Já me perguntaram se eu conseguiria parar de fingir ser outras pessoas. Acho que sim, eu mesmo não sou tão chato assim.

A OCASIÃO FAZ O LADRÃO

Duas coisas que a minha mãe pediu para mim: nunca sequestrar e nunca matar para roubar. Quando participei de assalto nunca maltratei vítima alguma e nem deixei que maltratassem. Para mim um roubo é perfeito quando não se dá um tiro. Eu sempre tive inteligência pra fazer isso. Nunca ninguém se machucou nos assaltos que planejei. Já roubei banco, casa de câmbio, residência de dono de casa de câmbio e aviões. Mas nem todos foram perfeitos. Já aconteceu de um cara me dar uma fita de um milhão, chegar lá e ser duzentos mil…

Joinville é a capital dos ladrões de banco. Eles são estudantes de dezoito, dezenove anos de classe média alta. Os pais não davam dinheiro para eles comprarem o que queriam. Então eles se especializaram principalmente em roubar caixas eletrônicos. Aprenderam a roubar banco e agora andam de Mercedes e BMW. Conheci alguns deles quando estive preso na Bahia. Eles me convidaram para participar do roubo de um avião que mais tarde seria vendido na Bolívia. Nessa ocasião, entrei na joalheria de um shopping. Não entrei programando nada. Experimentei um relógio Breitling, uma pulseira, corrente e anel de ouro. Falei que era piloto. Perguntei para a vendedora se podia ir ali fora pedir a opinião da minha esposa. Acabei saindo do shopping sem pagar as joias. O valor de tudo era dezoito mil reais.

Um dos caras que participaria do roubo do avião encontrou comigo e reparou nas joias. Ele andava pendurado de ouro e era muito invejoso. Eu disse que tinha comprado as joias na Marcus. Ele sempre comprava joias naquela loja e acabou ligando para lá pra me delatar. Voltei ao shopping e devolvi tudo. O lance do avião daria mais dinheiro que as joias. Eu tinha ido lá apenas para ver um relógio. Se tivesse planejado o roubo, não teria sido tão fácil.

ROUBOS DE AVIÃO

"Houve um caso de um roubo de avião em Campinas. Eu pensei: será que ele não tá metido nisso? Porque é bem o tipo de coisa que o Marcelo faz." (Mãe de Marcelo)

Roubar avião é bem mais fácil que roubar banco. O segredo é pagar em dinheiro à vista e não pedir nota. Ou, então, pagar com cheque falsificado. Eu não precisava dos documentos do avião. Dava um cheque falso e combinava de pegar os documentos dali a alguns dias. Quando o cara ia compensar o cheque, descobria que era falso. Uma vez peguei um avião com uma vítima. Me cobri com uma daquelas revistas de bordo para ela não ver meu rosto.

O primeiro avião que roubei foi alugado em um táxi aéreo. Tomei o avião no ar. Também participei do início ao fim de um dos roubos mais ousados de avião. Mas esse é mais complicado de falar…

Na terceira vez que roubei um avião fui com dois amigos. Um deles precisava de dinheiro para a mulher que estava grávida. Uma noite antes do roubo nós fomos numa zona. No dia seguinte fomos para o hangar. Prendemos os guardas. Tivemos algumas dificuldades porque o avião tinha trava de segurança e estava sem combustível. Tivemos que estourar as travas de segurança e colocar combustível no avião. Quando finalmente conseguimos decolar, já tinha gente passeando pelo hangar.

No meio do voo deu uma pane na bomba seletora de combustível. Foi uma pane de motor e já estava acabando o combustível do tanque. Nós procuramos árvores para aterrissar e conseguimos pousar nas copas das árvores. Ficamos três dias no meio do mato. O dono do avião ofereceu uma grana para a polícia nos prender. Começaram a nos procurar nos hotéis. Eu estava em um hotel diferente dos outros dois ladrões. Os policiais foram na zona e perguntaram para as moças se elas tinham visto pessoas com nossa descrição. Uma delas contou que um de nós tinha dado o telefone pra ela. A menina ligou para o tal número e um dos meus companheiros (trouxa) atendeu. Os policiais foram atrás da gente. Mas a polícia do estado onde estávamos já tinha recebido dinheiro para não fazer nada.

Conseguimos fugir. Nosso patrão mandou “despachar” o companheiro que deu o telefone para a prostituta. A gente achava que ele não sabia o que ia acontecer com ele. Quando estava sendo levado para o lugar onde seria despachado, ele pediu para comprar cigarro. Sumiu e nunca mais apareceu.

ROUBOS DE AVIÃO QUE NÃO DERAM CERTO

1º ROUBO

Nós fomos roubar um avião em Santa Catarina em uma pista pequena da Infraero. Eu e três ladrões de caixa eletrônico. Eles me deram a fita do avião. Eu fui no hangar e olhei o avião durante o dia. À noite, de madrugada, nós fomos invadir. Era para os ladrões de caixa eletrônico irem lá “guentar” o vigia e abrir o hangar para eu decolar com o avião.

Lamentavelmente, os caras ficaram com medo, porque não viam o vigia. Eu falei: “Eu vou achar o vigia, me dá aqui a arma”. Peguei a arma e fui rastejando pela grama. Cheguei do lado da guarita, levantei e vi o vigia dormindo enrolado num cobertor. Eu bati na porta da guarita. Ele acordou. Quando ele olhou pra mim, vi que ele era velho. Ele deu um sorriso e eu vi que ele não tinha nenhum dente na boca. Ainda por cima era zarolho, tinha um olho pra cada lado. Aí eu comecei a rir. Ele abriu a porta e eu falei:

— Tio, é um assalto.

Ele começou a tremer. Ele estava vestindo uma blusa de crochê e eu tinha que passar com ele pelo meio de uma cerca de arame farpado. Ele se enroscou muito. Só aí que os ladrões de caixa eletrônico vieram. Eu deitei o tio. Perguntei se ele fumava, dei um cigarro para ele e disse:

— Calma, tio, nós só vamos levar o avião, pode ficar tranquilão que ninguém vai te fazer nada.

— Vocês não vão me matar?

— De jeito nenhum. Se vierem aqui amanhã perguntar pro senhor, o senhor fala que foram dez caras encapuzados armados com fuzis.

— Tudo bem.

Só que eu não consegui roubar o avião porque ele tinha uma trava de segurança. Tentei roubar o helicóptero e não consegui porque também tinha

trava de segurança. Acabei desistindo e fui embora. No outro dia saiu no jornal exatamente o que eu falei para o tio dizer:

> *Bando de dez homens encapuzados armados com fuzis tentam roubar avião em São Francisco do Sul.*

2º ROUBO

A gente ia roubar um avião. Fomos três dias antes para uma cidade do litoral, para ver tudo certinho: qual era o esquema, a que horas o vigia chegava, a que horas saía. No dia em que chegamos, fomos para um barzinho. Estávamos em três. Um dos meus amigos deu umas quatrocentas cantadas. Não conseguiu arrumar mulher nenhuma. Nós saímos da boate, eu com uma menina que conheci lá, e estávamos indo para uma casa na praia que tínhamos alugado. Meus amigos estavam com um Diplomata e eu com um Kadett. Eles pediram para eu parar o carro perto de um carrinho de cachorro-quente onde estavam duas meninas. Eles desceram e foram conversar com elas. Um dos meus amigos saiu andando pela praia com uma delas. O outro pegou o Diplomata e levou a menina para casa, que ficava próxima dali. Eu fiquei no Kadett com a garota que conheci na boate. Abri o teto solar. De repente escutei um grito:

— Filha da puta! Eu vou te pegar!

Achei que o meu amigo estava sendo assaltado. Mas em seguida vi a "menina" correndo na frente e ele atrás gritando:

— Ferrari! Atira nesse desgraçado! É um traveco!

Comecei a rir. O traveco passou correndo e falou:

— Segura o seu amigo!

Aí eu pensei: "Opa, se esse é traveco o outro também é. Vamos pra casa que o

cara vai matar o outro lá”.

Fomos para a nossa casa alugada. Começamos a escutar barulhos de garrafas quebrando. De repente veio o traveco correndo, pulando. Os caras fizeram uma semana de gargarejo com álcool. Coloquei na banca, contei pra todo mundo a história. Não deu para roubar o avião porque ninguém conseguia parar de rir. Na verdade, outras coisas deram errado e eu achei que aquilo era um sinal para desistir. Decidi voltar para o Paraguai para contar a história para o meu chefe.

O avião está lá até hoje, graças a dois travestis.



COMO ESCAPEI DA POLÍCIA FEDERAL

Onde tivesse festa grande eu estava. Acho que a Polícia Federal até já sabia disso. Fui fazer um trabalho para meu patrão em Porto Alegre. Estava tendo um show do Midnight Oil. Fiquei hospedado no Hotel San Rafael Plaza. Quando cheguei lá, vi uns homens sentados no sofá do lobby que nunca tinha ninguém. Achei que eles eram da Polícia Federal e que estavam lá para me pegar. Fui embora e liguei de um orelhão para a recepção do hotel. Inventei para a recepcionista que era agente da Polícia Federal e pedi para falar com um dos outros agentes que estavam lá. Um deles atendeu na hora, confirmando minha suspeita. Ele perguntou quem estava falando. Eu respondi:

— Fica aí me esperando que você vai me pegar… Já te vi, seu trouxa!

Eu me mandei e deixei os caras a ver navios. Hoje eu tenho uma carteira da Polícia Federal.

QUANDO FUGI DE UM PAGADOR

Pra receber pagamentos de droga sempre procurava ficar em quartos estratégicos de onde desse para fugir. Colocava uma pessoa no apartamento ao lado para me ajudar. Uma vez fomos receber uma grana. Eu tinha duas preocupações: que a polícia estivesse a par da operação ou que o próprio pagador nos matasse para pegar o dinheiro de volta. Eu sempre observo a fresta da porta para ver se tem alguém do lado de fora do meu quarto.

Uma vez o cara entrou, pagou a gente e saiu. Assim que ele saiu, passei o dinheiro para o apartamento ao lado e fiquei deitado na cama de luz apagada. Fiquei observando a fresta da porta. Quando ela escureceu eu sabia que tinha alguém do lado de fora. Passei para o quarto ao lado. Eu e o meu parceiro saímos armados por trás dos caras. Eram funcionários querendo pegar o dinheiro de volta. Houve um tiroteio. Meu parceiro levou um tiro na perna, mas a gente conseguiu fugir com o dinheiro.

FIGURAS QUE CONHECI

CAGÃO

Tinha um parceiro meu que toda vez que ia roubar tinha diarreia. A cem metros do lugar que ia ser roubado, ele parava e abaixava as calças. O apelido dele é Cagão. Durante todos esses anos, conheci caras que eram figuras engraçadas.

ESMÉRIO

Quando estava trabalhando como piloto do narcotráfico eu tive um companheiro chamado Tabordinha. Ele foi preso no interior de Minas e conseguiu escapar. Quando fugiu, levou um outro preso junto. Era um negão que se chamava Esmério. O Esmério chegou no Paraguai botando banca. Tinha sotaque de carioca e dizia: “Eu sou o eshquema, eu faço e aconteço”.

Nosso patrão dizia: ***Será que esse cara é tudo isso mesmo?***

O Esmério tinha o costume de dormir até o meiodia. Apesar disso, o Tabordinha garantia que ele era ponta firme.

A gente estava morando em uma casa que ficava na descida de um morro. No Paraguai tinha uma força da polícia que se chamava Dinar (Divisão de Narcóticos). Um dia, um garotinho veio gritando para nos avisar:

— Olha o Dinar, olha o Dinar!!!

Eram sete da manhã. Eu acordei, peguei a pistola e saí correndo. O Tabordinha veio correndo de cueca e também fugiu. A gente se escondeu no mato. De repente ouvimos uma rajada de tiros. Um tempinho depois o garoto nos avisou que o Dinar já tinha ido embora. Voltamos para a casa e descobrimos que o Esmério morreu dormindo. Pelo visto aquele ditado está certo: Deus ajuda quem cedo madruga.



CANA BRAVA

Tem um piloto do narcotráfico que se chama Cana Brava.

Ele só pilota bêbado. A galera tinha que cuidar dele para cumprir horário. Você olhava e ele tava caído. Mas é um excelente piloto. Sóbrio acho que ele nem acorda.

Uma vez, ele e um outro piloto foram fazer uma entrega de cocaína. Fechou o tempo e eles decidiram esperar. O parceiro descuidou do Cana Brava. Ele bebeu muito e sumiu. Apareceu só no dia seguinte. Já tinham se passado horas do horário que eles deveriam sair. O parceiro enfiou ele dentro do chuveiro. Quando chegaram no aeroporto, o avião estava cercado de funcionários do hangar. Alguns curiosos ficaram olhando os pacotes de cocaína que estavam lá dentro. O parceiro do Cana Brava ficou desesperado. Nosso patrão ia matá-los se eles não fizessem a entrega. O Cana Brava falou: “Deixa comigo”. Inventou que o avião era dele e que aqueles eram sacos de sal mineral que estava levando para os seus bois. Ninguém discutiu.

RATINHO

Conheço o Ratinho desde que ele era pobre. O cara que era o braço direito dele jogava bola comigo. Ele se chamava Aragão. Trabalhei com eles em uma campanha política, na época que eu trabalhava honesto. O Ratinho era deputado estadual e se tornou deputado federal. Ele tinha um programa de TV na CNT. Como era candidato, ele não podia aparecer. O Aragão ia apresentar no lugar dele. Nós estávamos atrasados, tivemos que ir o mais rápido possível. Eu fui dirigindo o Uno do Ratinho. Chegamos em São Paulo a tempo de gravar o

programa, mas na volta fundimos o motor do carro dele.

O Ratinho não tem nenhum tipo de envolvimento com o narcotráfico. Até tem uns donos de TV que são investidores da bolsa da Conarco. Mas o Ratinho não, ele é muito medroso para isso.

OS JURÕES

Essa história aconteceu em uma das vezes em que estive preso em Curitiba. Nessa época eu era “chamador”. Os chamadores levam e trazem recados para os presos que estão no pátio.

Dois irmãos foram condenados por homicídio. Eles vieram da cadeia do interior e não tinham muita malícia. Logo foram apelidados de jurões. Jurão é o cara que é do interiorzão. Eles não são considerados criminosos pelos outros presos. Em geral, é um caipirão que cometeu um único crime na vida, numa disputa por terra ou algo do gênero.

Quando chegaram, a primeira coisa que os jurões fizeram foi gastar todo o dinheiro que tinham em colchões, cobertores e outras coisas. Eu avisei um ligeirinho chamado Flobé que chegaram dois “jurão” com dinheiro no bolso. Os ligeirinhos são os camelôs da prisão. Se você quer vender uma camisa na cadeia você dá para um ligeirinho. Você pede cinco e o ligeirinho tenta vender por quinze.

O Flobé saiu com um papagaio (rádio, na gíria da cadeia) que tentava vender há dois meses. Chiava mais do que tocava música. Ele estava louco pra empurrar aquilo para alguém. Encontrou os dois jurões no pátio e perguntou se eles já tinham uma “zoiuda” (TV, na gíria da cadeia).

— Não temo, chegamo agora… – respondeu o jurão, provavelmente pensando que zoiuda era uma mulher de olhos grandes.

— E papagaio, vocês têm?

— Não. Quanto é?

— É dois galo. (Um galo equivale a cinquenta reais na cadeia).

— A gente não tem nenhum galo aqui.

— Tudo bem. Vocês vão receber visita, não vão? Então, vocês pedem pra alguém trazer e depois me pagam.

— Tá bom.

No outro domingo, na visita, o chefe de segurança veio se matando de dar risada. Ele pediu para eu ir correndo chamar os dois jurões. A mãe deles estava fazendo um escândalo na entrada da cadeia:

— Como eu não posso entrar com os galos!?! Meus filhos trocaram eles por um papagaio!!!

O chefe de segurança explicou que ela poderia até levar um frango assado para os filhos. Dois galos vivos na cadeia, nem pensar!

A partir desse dia, os presos pararam de chamar os irmãos de jurões. O apelido deles virou “irmãos dois galos”.

QUAN DO FINGI SER O FILHO DO DONO DA GOL



Revista Época , 3 de dezembro de 2001

Eu tinha 25 anos quando fui preso no Acre. Pilotava um avião que transportava 180 quilos de cocaína. Quando fui pego, o avião já estava vazio e eu falei que não sabia da existência da droga. Fui indiciado por tráfico de drogas com o nome de Juliano de Souza. Um dia depois, a Polícia Federal me levou para Cuiabá. Eu cheguei lá com um alvará de soltura que até hoje não sei de onde veio. Recebi oitenta mil pela operação. Foram dezoito horas de trabalho.

De piloto do tráfico internacional de drogas, preso por ter sido contratado para levar 180 quilos de cocaína do Mato Grosso para São Paulo, o gaúcho Juliano de Souza, 32 anos, virou figurinha carimbada no Recifolia, Carnaval fora de época do Recife. Fazendo-se passar por Henrique Constantino, herdeiro da Gol Linhas Aéreas, ele chegou ao camarote vip no qual pontificavam milionários como João Paulo Diniz e Alvaro Garnero, beldades turbinadas por silicone como a Feiticeira e Marinara, e os apresentadores Eliana, Luciano Huck e Amaury Jr.

Segundo o delegado-chefe da Repressão de Entorpecentes da Polícia Federal do Mato Grosso, José Maria Fonseca, o nome de Souza apareceu ligado ao tráfico depois de uma apreensão de 180 quilos de cocaína feita em setembro em Tangará da Serra, a 340 km de Cuiabá. Ele tinha sido contratado para levar a droga até Barretos, SP, mas fugiu para Manaus quando soube que a quadrilha fora presa.

Procurou uma advogada em Manaus, pagou com cheque sem fundo e ainda conseguiu tomar algum dinheiro dela. Alertada pela advogada, a polícia conseguiu prendê-lo no Acre, mas a prisão acabou sendo relaxada – ele é casado e tem domicílio fixo em Goiânia. "Souza é o protótipo do estelionatário, dono de uma lábia fabulosa", atesta o delegado, o que é confirmado pelos novos "amigos" do Recife.

Revista *Época* , 25 de abril de 2001

Meu patrão vivia dizendo: "Você ainda vai acabar sendo pego por causa dessas suas festas". Ele tem razão, mas um dos motivos de fazer o que eu faço é justamente poder ir nas festas.

Depois da Operação Cuiabá, fiquei sabendo de uma festa que aconteceria em Recife. Era um Carnaval fora de época chamado Recifolia. Tinha um camarote vip que era patrocinado pela Flying Horse e pela Gol. O organizador do evento era o empresário Ed Sá Sampaio, dono da Flying Horse.

"Eu recebi um telefonema de uma secretária do filho do dono da Gol. Ela pedia camisetas que davam acesso ao camarote vip da Flying Horse. No dia seguinte, o cara apareceu com três seguranças engravatados, todo educado. Acreditei, como todo mundo…

Ele se identificou como Henrique Constantino, filho do dono da empresa. Antes de mandar entregar as camisetas- convites no hotel dele, eu cheguei a ligar para o escritório da Gol, para checar se existia algum Henrique Constantino na família. Disseram que sim e que, inclusive, ele tinha chegado naquele dia em um jatinho fretado. Depois ficaram de confirmar se ele ia ficar em Recife; como não ligaram mais, presumi que era ele mesmo." (Ed Sá Sampaio)

O Ed Sá é uma figura. Nossa Senhora, toda hora que ele me via, vinha, me abraçava e dizia: "Comigo você sempre vai estar assim, cercado de mulher bonita". Ele é gente boa. Gostei dele. Cheguei até a prometer para ele que ia "patrocinar" um evento ainda maior no ano seguinte.

"Ninguém no evento tinha conhecimento da estampa da pessoa por quem ele se passou. Eu mesmo não tinha, e o pessoal da organização também não.

Então estava lá uma figura extremamente simpática de semblante muito calmo, bem articulada, uma pessoa que tinha toda as informações sobre a Gol… Eu fiz várias entrevistas com ele. Não havia como você duvidar dele.” (Amaury Jr.)

“Todo mundo que se envolve com ele passa por uma mentira. A gente está falando de um cara que não é normal, ele é um lunático.” (Ed Sá Sampaio)

CHEGADA TRIUNFAL

"Ele era o rei da festa, o rei da cocada, você sabe como é a vida em sociedade…" (Amaury Jr.)

A programação do Recifolia incluía almoços e coquetéis no resort Nannai Beach e no spa Maria Farina, próximos de Recife. Os convidados eram levados de van. Eu cheguei pilotando um helicóptero do Rômulo Dantas, um dos maiores distribuidores de combustível do Nordeste. O Rômulo me emprestou o helicóptero dele, imaginando que seria uma boa ficar amigo do "dono da Gol". Fiz acrobacias no ar, todo mundo viu na festa. Sempre gostei de fazer acrobacia com avião e helicóptero, "com gente olhando" melhor ainda.

"Do começo ao fim eu desconfiei do cara, mas ele falava tudo, tudo se encaixava pra ele… daqui a pouco o cara tava de helicóptero, daqui a pouco tava de avião…" (Ed Sá Sampaio)

Chegando lá tinha um monte de modelo, gente famosa. Achei o paraíso aquilo. Pedi para o Ed Sá Sampaio me apresentar os outros convidados vips. Ele me apresentou o ator Ricardo Macchi, que ficou encarregado dessa função.

"Ele é um sujeito incrivelmente hábil. Mal fomos apresentados e ele disse que era parceiro de quatro grandes amigos meus." (Ricardo Macchi)

A camiseta usada pelos convidados do camarote vip da Flying Horse tinha a logomarca da Gol. Assim que nós chegamos, o Rômulo Dantas me apresentou para um grupo de modelos. Ele falou: "Vocês não conhecem? Esse aqui é o dono da Gol…"

Tudo começou como uma brincadeira, eu não tinha planejado uma coisa tão grande. Mas eu percebi que o tratamento mudava da água para o vinho quando as pessoas achavam que eu era o Henrique Constantino. Foi inacreditável. Alguns vips chegaram a confirmar que eu era dono da Gol e falaram para outras pessoas que eram meus amigos íntimos já há muitos anos.

"Eu vi alguns convidados da festa falarem que eram amigos dele há muito

tempo. Fingir intimidade comalguém importante nesse meio é o que mais acontece…

Ele estuda a empresa, o dono da empresa… ele sabe tudo… acaba incorporando o personagem.” (Ed SáSampaio)

AS BARRINHAS DE CEREAL

A Gol deu passagens para as modelos que tinham sido convidadas para o evento. Elas acharam ruim só terem servido barrinhas de cereal durante o voo. O Ed Sá Sampaio falou que elas poderiam reclamar diretamente com o dono da Gol: “Ele está aí”, disse, apontando para mim. Em vez de me desculpar, eu falava:

— O que vocês querem? Tão vindo de graça e ainda querem comer?

Prometi para algumas modelos que o voo de volta seria especial. Eu disse que elas voltariam tomando champanhe. Mas não voltaram, voltaram tomando água mineral mesmo.

“Ele chegava nas meninas sempre com um xaveco, dizendo que tinha patrocinado o evento. Algumas vezes pedindo desculpas pelas barrinhas de cereal, dizendo que a volta seria melhor… ele sempre oferecia alguma coisa, e elas caíam.” (Ed Sá Sampaio)

AMAURY JR.

“As pessoas costumam me dizer que o caso do Marcelo não foi a gafe do ano, foi a gafe de toda a minha carreira. Na verdade não foi uma gafe. Eu fui iludido por ele assim como todos em Recife foram. Todos foram enganados pelo gênio que é esse rapaz, o Marcelo.

O Marcelo me foi apresentado pela própria diretoria do Recifolia como sendo filho do dono da Gol, a pessoa que estaria representando a companhia naquela megapromoção.

Eu fiquei extremamente impressionado com o 'filho' do dono da Gol, porque em primeiro lugar ele é uma pessoa de alto magnetismo, uma pessoa que te conquista. Ele consegue causar uma excepcional primeira impressão." (Amaury Jr.)

Eu passei pelo Amaury Jr. e falei: "Tudo bem, Amaury?". Ele nem olhou… Se não me engano até deu uma bufada. Fui pegar um uísque. Quando voltei, vi a assessora falando para ele que eu era o dono da Gol. Aí o Amaury voltou e disse: "Ô meu amigo! Como você tá? Desculpa, eu não tinha te reconhecido…".

"É claro que as pessoas mudavam o tratamento quando sabiam que ele era dono da Gol. Isso é natural. É a mesma coisa que eu te apresentar uma pessoa e dizer: 'Esse aqui é o Ivan Zurita, empresário'. Ou dizer: 'Esse aqui é o Ivan Zurita, empresário, presidente da Nestlé'. Muda tudo…

Estava ali um cara que interessava comercialmente e editorialmente…

Com toda a minha experiência, trinta anos de profissão, eu deveria ter percebido, mas não percebi, porque o cara era perfeito…

Ele comentou entrevistas minhas que tinha visto e dizia ter adorado. A gente adora ouvir esse tipo de coisa." (Amaury Jr.)

Fiz questão de ser entrevistado pelo Amaury. Eu estava louco para ver no que ia dar. Não tive medo de ser desmascarado. Eu sabia que quando a entrevista fosse ao ar eu já estaria fora do Brasil. Nessa época eu estava trabalhando como piloto no Paraguai. Eu queria mostrar a entrevista para o meu patrão e os meus amigos. Eu sabia responder as perguntas sobre aviação por ser piloto e por ter ouvido algumas histórias contadas por um amigo que trabalhava na empresa. Mas a verdade é que eu nunca tinha nem voado pela Gol. E o pior é que eu estava bêbado quando dei a entrevista. Mas pelo jeito ninguém percebeu.

1ª ENTRE VISTA

Amaury Jr.: — Eu queria que vocês conhecessem Henrique de Oliveira, vice-presidente da Gol. Ele é filho de Constantino, que é o presidente. Em primeiro lugar, muito obrigado por sua participação em nossa festa de estreia aqui na Record e depois parabéns à Gol, porque a Gol está passando ao largo dessa crise. Qual é o segredo da Gol?

Marcelo: — Na verdade nós não temos segredo nenhum. Nós partimos do princípio básico do nosso grupo que é nunca estar devendo nada a ninguém. Então temos nossos aviões pagos, quitados, e não fizemos leasing , que prejudica a aviação.

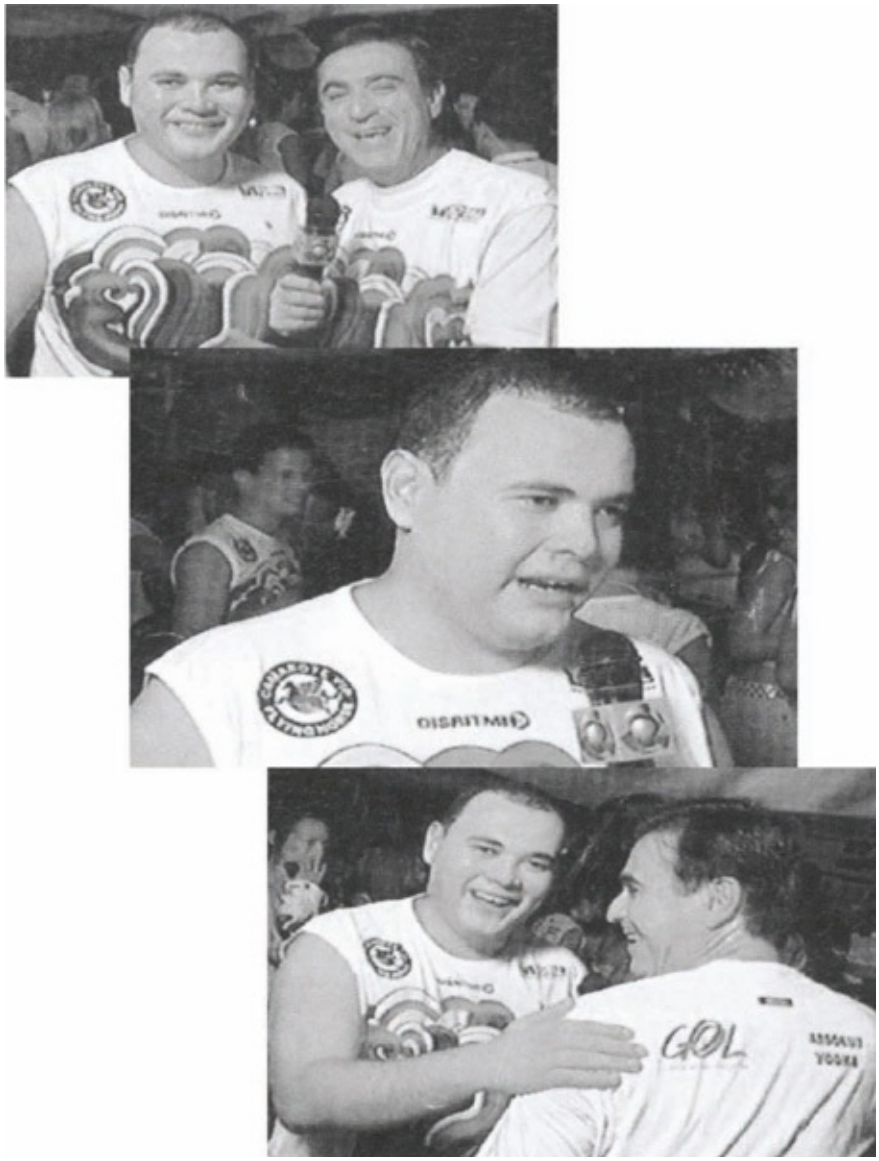
— Vocês têm metas internacionais?

— Temos. Agora no próximo ano nós estaremos entrando nessa banca de voo internacional com algumas aeronaves. Ainda não decidimos qual o modelo, mas estaremos entrando, sim, na linha internacional.

— Diga uma coisa, quantas aeronaves tem hoje a frota da Gol?

— Nós estamos com dez aeronaves. Todas são Boeing 737-700, e vamos receber mais quatro aeronaves até o fim do ano.

— Que bom, que bom que vocês estão andando no equilíbrio e dando um exemplo de administração, porque enquanto está todo mundo esperando, a Gol está navegando e olhando por cima do horizonte. É a primeira vez que a Gol participa do Recifolia?



— É a primeira vez, mas acho que vamos participar sempre, porque é muito boa essa festa, essa festa é fantástica. Gostamos realmente, e pretendemos ser parceiros de todo mundo no próximo ano.

— Onde está a Gol aqui? (apontando para a própria camiseta)

— Aqui. Esta é a nossa empresa.

— Parabéns, Henrique. Leve nosso abraço a Constantino e a toda a diretoria da Gol.

— Levarei. É um prazer estar com você, e sempre que precisar pode

contar com a gente. Voe com a Gol, show de bola em aviação.

— Show de bola.

Acabei dando mais duas entrevistas para o Amaury.

“Ele andava com três seguranças.” (Amaury Jr.)

2ª ENTRE VISTA

Amaury Jr.: — Nessa viagem eu estou aprendendo a admirar cada vez mais o Henrique, que é um dos diretores da Gol, é um dos donos da Gol… que é a companhia aérea que está fazendo bonito nos céus brasileiros pela sua atuação. Mas todo mundo sabe que a família do Henrique, a origem da família, é transporte de ônibus. Eles têm uma das maiores frotas da América Latina. Você nem sabe quantos ônibus o seu pai tem, o Constantino?

Marcelo: — Não sabemos ainda… temos um número aproximado…

— Tem uma coisa que vocês falaram que vão fazer, a revista Veja inclusive publicou e eu quero estar presente, foi uma espécie de bravata. Eles disseram que se enfileirar todos os ônibus das diversas companhias que integram o grupo, os ônibus vão cobrir uma distância que vai de Uberaba…

— … a São Paulo.

— Não é possível!

— Eu também acho que não…

— Quem fez essa bravata na companhia?

— Não foi nem na companhia, foi um comentário da imprensa e um comentário até dos nossos concorrentes, que falaram: “Não tem como concorrer com eles porque se eles enfileirarem os ônibus, eles vão de Uberaba a São Paulo…”

— Agora eu entendi.

— E isso nos despertou uma curiosidade de realmente enfileirar todos os nossos ônibus para ver até onde chegaremos…

— É verdade que vocês conversaram até com a Polícia Rodoviária para ver se há viabilidade de fazer essa promoção?

— Estamos em conversação com eles, bem adiantada até… acredito que num breve espaço de tempo a gente vá conseguir. E estamos tendo toda a cooperação porque vai ser uma operação gigantesca…

Quando eu vi essa entrevista tive uma crise de riso, fiquei rindo uma meia hora. Eu não lembrava de ter falado tanto.

Mariana: — Você mudou o sotaque na entrevista…

Marcelo: — Não foi ensaiado, aconteceu na hora. Eu acho que acabo atuando quando invento esses personagens.

"Se ele fosse do bem daria um grande ator… Ele dá detalhes de tudo… esse cara cria um filme, ele pode escrever um roteiro pra você."(Ed Sá Sampaio)

"Ele me disse que o pai dele, o Constantino, queria marcar um almoço comigo na semana subsequente em São Paulo, que tinha o maior interesse em patrocinar o meu programa. Ele pegou o celular e simulou uma conversa com o Constantino: 'Pai estou aqui ao lado do Amaury Jr.; estou marcando um almoço no Fasano na semana que vem. Que horas você pode?'.

Eu queria ir para o Hotel Nanai que é próximo de Recife, ele colocou um de 'seus' helicópteros à minha disposição. Ele foi pilotando. Eu precisei mais uma vez do helicóptero para fazer umas imagens aéreas. Ele ofereceu o helicóptero de novo. Ele dizia: 'Os meus pilotos estão te aguardando'…

Depois me ocorreu que eu fiz um voo de helicóptero com esse cara, ele pilotando… aí falei: 'Meu Deus, esse cara é um psicopata, é um louco'. Ele voou pela costa o tempo todo, dando demonstrações de alta habilidade como piloto. Eu, minha mulher e o Ricardo Macchi (que virou sub-secretário dele). Vai que ele pensasse: 'Vamos ser manchete', e resolvesse jogar o helicóptero

nas pedras…” (Amaury Jr.)



OS VIPS

Na festa conheci pessoas como o apresentador Luciano Huck e o empresário João Paulo Diniz. Fiquei amigo de artistas como a Feiticeira e o Ricardo Macchi. Cheguei a ser convidado pela dona do spa para ficar lá uma temporada. Era uma coisa cinematográfica. As pessoas nem olhavam pra mim antes de saber que eu era dono da Gol. Assim que souberam, passaram a me tratar superbem. Alguns grudavam.

As mulheres também ficavam mais interessadas quando ouviam dizer que eu era o Henrique Constantino. Lembro que quando o Amaury Jr. veio me entrevistar, já veio uma mulherada atrás dele. Vixe Maria, algumas pareciam aquele speedy brake do avião, já vinham com os braços abertos.

“Era um gordinho um pouquinho feio, naquela festa o sapo virou príncipe…

O ‘cara palco’ é aquele que atrai os fotógrafos. As mulheres se aproximam dele para serem fotografadas e aparecerem…

Eu via ele elogiando as atrizes dizendo coisas como: ‘Você é mais bonita

pessoalmente’.”(Ed Sá Sampaio)

“Ele queria namorar todo mundo. Ficou com um monte de meninas bonitas…

Eu falei para as meninas da minha produção que ele era um bom partido.” (Amaury Jr.)

FEITICEIRA

Fui apresentado para a Feiticeira como dono da Gol. Ela ficou minha amicíssima. Mas essa amizade acabou custando caro. Eu tive que dar um carro pra minha esposa quando ela viu a minha foto na revista com a Feiticeira. Ela queria me matar. Não sei como as fotos foram parar na imprensa. Eu tirei pra mostrar para o meu patrão lá no Paraguai, ele é fã da Feiticeira.



O PADRINHO DO HENRI QUE CONSTANTINO

Outro fato cômico é que o padrinho do verdadeiro Henrique Constantino estava no Recifolia. Chegamos a ter a seguinte conversa:

— Muito engraçado você dizer que é o Henrique Constantino.

— Eu não disse que eu sou Henrique Constantino, só falei que eu sou Henrique.

— Vou contar pra ele. Ele vai dar risada disso aí. Inclusive ele também pilota helicóptero.

O padrinho do verdadeiro Henrique deve ter achado que aquilo era uma brincadeira. Não contou para ninguém que eu era um impostor. E eu só fui ver uma foto do Constantino quando já estava preso.

"Eu conheço o verdadeiro Henrique Constantino há muitos anos, lá de Brasília. Eu falei pra algumas pessoas que aquele não era o dono da Gol, mas elas não queriam acreditar. Vi uma atriz do Malhação paquerando o Marcelo, cheguei a falar: 'Ih essa menina vai dar pro cara errado'."(Maria Paula do Casseta e Planeta)

PROVA DE PODER

Eu tive que dar provas do meu poder dentro da Gol. Uma modelo perdeu o voo e precisava pegar outro para voltar para São Paulo. Ela tinha um compromisso importante e já estava atrasada. Algumas pessoas falaram para mim:

— Você tem que fazer alguma coisa! Você é o dono da empresa!

Eu tinha que tomar uma atitude, tinha que ligar para a empresa.

"Ele não fica nervoso em momento nenhum, ele é muito gelado."(Ed Sá

Sampaio)

O Ed Sá Sampaio ligou para a Gol e me passou o celular dele. Atendeu um funcionário que eu não tinha ideia de quem era. Mas tudo parecia conspirar a meu favor. As notícias do mundo vip voavam. Já tinha chegado aos ouvidos dos funcionários da Gol de Recife que o "Henrique Constantino" estava no Recifolia. A conversa foi mais ou menos assim:

— Quem tá falando?

— É o Manoel.

— Oi Manoel, aqui é o doutor Henrique Constantino.

— Oi, doutor Henrique. Tô sabendo que o senhor tá aqui no Recife… tá festando bastante?

— Tô… olha, tem uma menina que precisa embarcar hoje no voo das cinco… dá um jeito, põe ela no jump .

— Tudo bem. Pode deixar, doutor Henrique.

— Olha, tem um monte de gente atrasada. Recebe todo mundo em meu nome.

Isso foi no segundo dia do Recifolia. Quando entrei, depois desse ocorrido, só faltou me carregarem no colo.

As pessoas já tinham a passagem, eu não lesei a Gol em nada.

O empresário Rômulo Dantas, dono da Petróleo Total e sócio de Sá, conta que Henrique parecia fazer negócios ao celular e que, ao saber que uma das modelos tinha de voltar a São Paulo e que os voos estavam lotados, fez uma conexão com a central da Gol ordenando embarcá-la nem que fosse com o piloto. Ela foi…"

Jornal da Tarde, Dezembro 2001

QUANDO OFERECI “MEU ” JATO PARA O AMAURY JR.

Ofereci um jato para levar Amaury Jr. e sua família para São Paulo. Todo mundo pensou que o jato fosse meu, ou alugado. Para você alugar um jato é uma burocracia muito grande. Na verdade, ele foi emprestado para mim pelo Eduardo Faria, um usineiro de Recife.

“Eu precisei voltar antes para São Paulo, perguntei a ele se tinha como mudar o horário do voo. Ele disse que arrumaria um jato para me levar. Disse que fazia questão de me homenagear. E realmente estava lá o jato, ele foi pessoalmente dar o embarque para mim. Disse que fez questão de encomendar um lanche de primeira classe para aquele voo.” (Amaury Jr.)

“Acho que o Eduardo Faria viu no Marcelo uma possibilidade de abertura para outros businesses”.(Ed Sá Sampaio)

Na volta, ainda mandei o jato pegar a babá e a filha da atriz Marinara Costa. Antes de ir embora prometi transferir as passagens de umas garotas do domingo para segunda, mas acabei não fazendo nada. Na segunda-feira não tinha avião para levar as trinta pessoas que tinham ficado. Eu já tinha ido embora com o jato do Eduardo Faria. Eu estava indo para uma festa em São Paulo, junto com alguns atores da Globo que conheci através do Ricardo Macchi.

“Eles pararam no Rio porque o Ricardo Macchi queria pegar umas pessoas para levar para São Paulo. O Eduardo Faria mandou segurarem o jato no aeroporto do Rio.”(Ed Sá Sampaio)

Passaporte III

Fim de festa, Sá e Dantas resolveram avaliar a mise-enscène e enviar, por via das dúvidas, uma foto de Henrique para a secretária que há vinte anos trabalha para os Constantino. Veio a confirmação: era um falsário. A Polícia Federal entrou no caso, prendeu Juliano Souza no Aeroporto do Galeão dentro de um avião fretado e que dizia ser seu. Ia voar para São Paulo – e em companhia de Carolina Dieckman, Marcos Frota e Ricardo Macchi. O calote

dado na praça bate os R$ 100 mil.

***Jornal da Tarde* , Dezembro 2001**

"Assim que cheguei em São Paulo recebi uma ligação do Ed Sá Sampaio. Ele perguntou se estava tudo bem comigo e me contou sobre a farsa. Eu fiquei pasmo." (Amaury Jr.)

"Algumas pessoas pensaram que ele pudesse estar planejando algum tipo de sequestro." (Ed Sá Sampaio)

PRISÃO VIP

Fui preso na sala vip da Líder, enquanto esperava o avião para ir para São Paulo. Junto comigo estavam os atores Marcos Frota, Carolina Dieckman e Ricardo Macchi. A Polícia Federal havia espalhado fotos minhas após a Operação Cuiabá. Um policial Federal achou que me conhecia de algum lugar e pediu para ver meus documentos. Eu nem me preocupei, pois estava com uma identidade falsa. O problema é que o Marcos Frota ficou indignado e falou para o policial:

—Não sabe quem ele é!?! Esse aqui é o dono da Gol!

O policial viu que a informação do Marcos Frota não batia com a identidade que eu mostrei. Ainda tentei convencê-lo de que aquilo era apenas uma brincadeira. Não teve jeito, acabei sendo preso. Eu ia passar batidão se o Marcos Frota não tivesse falado. Os atores ficaram assustados quando eu saí algemado. Eles não entenderam nada.

A VERSÃO DA REVISTA ÉPOCA

O homem estava exasperado. Um celular em cada mão, panca de magnata, destilava indignação pelos corredores do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, na segunda-feira 29 de outubro. Ele acabara de ser informado que o jato PTOSD, há dois dias a sua disposição, não decolaria mais. Motivo: o frete já acumulara uma dívida de R$ 58 mil. Dinheirinho besta, coisa de burocracia mesquinha, imaginaram seus companheiros de viagem, os atores Carolina Dieckman, Marcos Frota, Ricardo Macchi e o empresário Walter Sá Cavalcante. Não havia risco de não embarcarem para uma festa em São Paulo. Afinal, estavam com Henrique Constantino – o filho do dono das linhas aéreas Gol.

O suposto herdeiro fez uma nova ligação e passou a esbravejar, exigindo a decolagem imediata. "Não é possível que meu jato novo, tão caro, já esteja dando pane", reclamou. Logo emendou mais uma chamada, agora a uma empresa de táxi aéreo, para pedir outro avião. Sá Cavalcante, retribuindo gentilezas, apressou-se em oferecer o cartão de crédito para que fossem debitados os R$ 8 mil de garantia do aluguel. Não foi preciso: minutos depois chegava ao fim o mais ousado golpe do estelionatário Marcelo Nascimento da Rocha, paranaense de 25 anos. No dia seguinte, ele já dividia com doze detentos uma cela da delegacia de Caxias, na Baixada Fluminense.

Revista *Época*



O QUE AS PESOAS FALARAM DEPOIS

"Marcelo dizia que era um integrante do clã Constantino que não gostava de aparecer na mídia e que, ainda muito moço, a família tinha mandado ele cuidar de umas empresas de ônibus em Minas Gerais para ver se tomava juízo na vida. Parecia mesmo um workaholic maluco que tinha passado muito tempo trabalhando no interior, feito um dinheiro forte e agora estava querendo mesmo detonar." (Convidada do camarote)

"O rapaz era uma uva. Falava com muita determinação, como se fosse mesmo dono daquele império. Ele é um Robin Hood brasileiro. Deu desfalque nos ricos de uma forma muito glamurosa." (Amaury Jr.)

"Ele agia como fã. Pedia autógrafos, descrevia com todos os detalhes episódios da Malhação, novela da qual participei. Parecia coisa de maníaco." (Atriz da Globo)

"Esse cara enganou a todos nós direitinho. Sei de outras pessoas que bancaram várias contas para ele." (Ricardo Macchi, em entrevista para a revista Época)

"O que aconteceu é que esses artistas acharam que o cara era mesmo um milionário e começaram a abrir as portas pra ele, querendo obter vantagens." (Policial)

"Golpe? Que golpe? Não fui eu quem inventou essa história de milionário. Eu estava lá convidado e as pessoas insistiam em me bajular." (Marcelo, em entrevista para a revista Época)

"Eu acho que esse cara não é piloto do narcotráfico… ele é tão louco que pode ser tudo mentira… ele entra nas histórias… é um fazedor de filme, ele mente e faz com que os outros acreditem na mentira dele." (Ed Sá Sampaio)

"Ele queria o meu cartão de crédito emprestado pra pagar a gasolina do jato, mas como eu também sou malandro, não emprestei não. Acabou sobrando pro Waltinho".

Acho que ele colou em mim porque sabe que eu sou 'caça' de mulher. Ele pediu para dormir no meu quarto. Disse que dormindo no hotel teria mais chances de terminar a noite com uma atriz que estava paquerando, o que me fez pensar: 'Que sujeito simples!' Esse cara sim é maneiro, vai trocar uma bela suíte onde deve estar hospedado pra ficar e azarar a menina que ele gostou…" (Ricardo Macchi)

Ricardo Macchi e Ed Sá Sampaio garantem que não foram poucas as conquistas famosas de Marcelo durante o Recifolia.

Revista Época, 3 de dezembro de 2001

"Fiquei três dias com uma famosa… mas não vou falar quem é…" (Marcelo Nascimento, em conversa com a autora)

"Ele é o 171 do glamour. Ele não fez nada pensando em roubar ninguém, na verdade o que ele queria mesmo era poder ficar com as atrizes." (Ed Sá Sampaio)

"Fiquei com medo da Jane… Quando eu tirei fotos nunca imaginei que elas fossem parar em revistas. Mas a Polícia Federal pegou a minha câmera." (Marcelo, falando sobre as fotos que tirou com mulheres famosas e o medo que sentiu de sua mulher)

"Ele nunca vai parar, o prazer dele é o glamour." (Ed Sá Sampaio)

"Trata-se de um artista talentoso e ousado. É aplicado e metódico." (Delegado Fonseca)

"Ele sabia que eu sou dono do maior moinho do Espírito Santo, conhecia a programação da nossa emissora de TV, das nossas rádios e até mesmo as obras de expansão do nosso shopping." (Marcos Buaiz)

"Dá impressão de que ele tem carências de se sentir uma pessoa importante. Não conheço a vida pregressa do Marcelo, mas neste caso ele só estava

interessado no glamour e em chamar a atenção para si. Ele deve ser uma pessoa de ego muito inflado, extremamente vaidosa e talentosa. Dizem que todo malandro tem bom papo… mas ele é diferente do malandro que a gente está acostumado a ver.” (Amaury Jr.)

“Não vi ele pedir dinheiro para ninguém. Só vi ele querendo ser o centro das atenções.” (Amaury Jr.)

“Depois dessa história do Recifolia eu fui no casamento da filha do Antônio Ermírio. Um dos convidados se aproximou de mim e disse: ‘Prazer, eu sou o verdadeiro Henrique Constantino’. A gente deu risada e ele disse que queria ter feito tudo o que o Marcelo fez lá na festa.” (Ed Sá Sampaio)

O MUNDO VIP E O MUNDO DO CRIME

"Suas vítimas preferidas são pessoas muito ambiciosas que pensam que vão tirar vantagem dele." (Northon Dengler, terapeuta)

O mundo vip é muito podre, acho que é tão podre quanto a cadeia. Os vips são muito interesseiros. Nesse meio eles só são seus amigos enquanto você tem alguma coisa a oferecer. Dentro do crime os poderosos são muito fiéis. Eles nunca mudam a forma de tratar uma pessoa. Não importa se você é apenas o segurança ou se você tem um milhão, dois milhões. Diferente dessas pessoas que se julgam vips. O maior exemplo que eu tive disso foi no Recifolia. O Álvaro Garnero, por exemplo, não me deu a menor bola. Depois que falaram que eu era dono da Gol, vinha, me abraçava, perguntava se eu estava gostando da festa. Eu não tinha ideia de quem era Álvaro Garnero, como não tenho até hoje.

Eu não quis lesar ninguém, não. Eles acabaram sendo sacaneados por eles mesmos.

"Ele fez um strike em cima dessas pessoas que são interessadas no que os outros têm." (Ed Sá Sampaio)



"AS PESSOAS CAEM NAS MIN HAS MENTIRAS POR QUE EU ME XO

COM A AM BIÇÃO DELAS. SOU QUEM ELES QUISEREM QUE EU SE JA.”

(Marcelo Nascimento da Rocha)

MULHERENGO

Um dia minha mulher veio na cadeia trazer reportagens sobre o Recifolia. Algumas delas renderam muita tiração de sarro. Uma das revistas fez uma montagem onde eu apareço com aquelas roupas de preso de desenho animado com uma bola presa no pé, e outra onde apareço de smoking, bermuda e chinelo. Aguentei muita gozação. Mas tudo bem, pelo menos também publicaram as fotos onde eu apareço abraçado com a Feiticeira e outras atrizes. Dessas o pessoal ficou com inveja.

Depois do Recifolia só encontrei de novo uma das mulheres que estavam lá. Ela não comentou nada. A situação em que ela se encontrava era mais constrangedora para ela do que pra mim. Tem muita artista de TV que faz programa. Já encontrei muitas dessas aí em Ponta Porã.

Uma matéria dizia que eu era mulherengo. Antes que a Jane dissesse qualquer coisa falei que era mentira. A polaca é ariana, quando ela fica brava é um terror.



Oi Lindona

Como vai minha rainha?
Amor, sabia que tô com muita saudade de você? Não palo de pensar em você.
Amole, mal espero para chegar o dia da visita. Vou gludar em você e não vou soltar mais. Linda ainda não lecebi a sua calta, que demola né! Amole, tô sentindo muito a tua falta, polquê sela? É polquê eu gosto muito de você! Quelida, quelo ter você toda hola da minha vida.
Paixão, como está aquela coxa branca sofredora? Diga pla ela que eu ainda não lecebi a calta dela. Amor, tô com muita saudade!
Como esta minha soglinha?
Diga-ela que mando muitos beijos, OK!

Bom, vou terminando esta calta com muitas saudades de você minha amada.

Fique com Deus!

Amo muito você!

Do seu

Marcelinha

Com todo amor que tenho por tê!

Amo você!

Amo você!

Tô amo!



JANE

Por falar na Jane, ainda não contei como a gente se conheceu. Foi no pátio de visita da prisão. Se não me engano foi quando estive preso por falsidade ideológica e deserção do exército. Ela costumava visitar um irmão que estava preso lá. Eu era companheiro de cela dele. Inventei para ela que eu era um ex-oficial.

"Eu achei estranho, um ex-oficial não estaria preso em uma cela comum. Mesmo assim eu me apaixonei pela inteligência dele." (Jane)

"A coisa que eu mais odeio no mundo é mentira. Eu tenho o filho mais mentiroso do mundo. Deve ser castigo…

Eu falei muito para a Jane: 'Se desligue do Marcelo, não espere nada, faça sua vida'. Quando estão juntos é aquele amor, mas depois ele some." (Mãe de Marcelo)

Mesmo se a gente se separasse eu ia cuidar da Jane o resto da vida. O que ela passou comigo ninguém passa. Certa vez, eu estava preso e pedi para um deputado para ir ver a Jane e o meu filho. Nós estávamos em um Vectra da PM. Paramos perto da praça Zacharias. Eu paquerei a loira do carro ao lado.

— Olha que mulher linda ali naquele táxi… vai pra frente, vai pra frente… – falei para o motorista.

Quando o carro andou, descobri que a loira era a Jane:

—Porra! É a Jane!

A Jane percebeu que eu tinha paquerado ela sem saber quem era. Mais tarde falei pra ela:

— Poxa, eu sou tão apaixonado por você que eu te paquero mesmo sem saber…

Antes do nosso filho nascer, eu dizia para a Jane que ela não ia engravidar,

que aquilo era psicológico. Se nascesse um bebê a gente ia chamar de Freud.

"Ele me falou que não podia ter filhos com os olhos cheios de lágrima. Eu acreditei. Algum tempo depois engravidei. Fui falar com a mãe dele para saber se ele era realmente estéril. Ela deu risada e disse que ele não tinha nenhum problema." (Jane)

"A Jane já tinha uma filha de quinze anos. Ele falou para ela que não podia ter filho. Decerto porque ele queria transar com ela e ela não queria." (Mãe de Marcelo)

"Uma vez um homem veio me procurar. Disse que o Marcelo tinha falado de mim enquanto estavam na prisão. Na hora não entendi, fiquei esperando ele explicar.

Homem: — O Marcelo falou que você pode me ajudar…

Jane: — Ajudar? Ajudar no quê?

— Tem umas pessoas devendo um dinheiro pra mim.

Eu queria que você fosse lá cobrar… mas olha… não precisa matar ninguém não, tá? Eu não quero morte não…

Eu fiquei besta olhando pra aquele homem. O que ele tava pensando que eu era!?! Só Deus sabe o que o Marcelo inventou pra ele. Ele vive aprontando dessas comigo." (Jane)

PRISÃO

Prisão por si só é uma história. Dava pra fazer uns dez livros só de prisão. O filme Carandiru não mostra muita coisa do que acontece na cadeia, foi feito por gente que não viveu lá dentro.

O pior lugar que já fiquei chama Urso Branco, fica lá em Rondônia. Cadeia é tudo igual, mas algumas têm um ritmo mais frenético que as outras. Em Urso Branco os presos iam se matando. Tinha uma outra que chamava Matadouro. Lá morriam de dois a três presos por semana.

Sem palavra você não vive dentro do mundo do crime, diferente do lado de fora.

A cadeia é um exercício de paciência. Você tem que exercitar não ter raiva de nada e ninguém ter raiva de você. Isso é um negócio complicado num lugar onde as pessoas se metem nas vidas dos outros.

Dentro da cadeia você tem que passar a imagem de uma pessoa firme, não pode tremer a pestana, tem que estar pronto 24 horas por dia para qualquer coisa.

"O Marcelo sempre tá por cima. Ele nunca sofreu nas cadeias. Tá sempre em cela que tem pouca gente. Uma vez separaram o Marcelo, porque ele tava correndo perigo de vida na cadeia, colocaram ele numa cela separada, cheia de aranhas. Ele tem pavor de aranha. Ele falou: 'Mãe, olha aqui minhas amigas'." (Mãe de Marcelo)

Tem gente que gosta e faz da cadeia o seu mundo. Principalmente os caras que estão presos há muito tempo. Tinha um cara que eu conheci que se chamava Seu Aurélio. Ele era recursista. Era um preso que entendia de Direito e fazia petições. Para ele mesmo ele não fazia. Um dia eu perguntei por quê. Ele falou: 'Eu não quero ir embora, eu não tenho ninguém lá fora, nem pra onde ir, não tenho o que fazer. Aqui eu tenho os meus amigos. Eu quero morrer aqui'. E de fato ele morreu lá, morreu de velho. Teve um caso de um outro cara chamado Zé do Osso. Ele ficou vinte anos preso. Quando foi solto pensou: 'O que eu vou fazer aqui? Pra onde eu vou?'. Foi num bar, tomou uma cachaça e matou um

cara. Voltou pra cadeia. Um cara que ficou vinte anos preso, não tem mais mundo pra viver, não tem como re-socializar. O Bandido da Luz Vermelha foi um exemplo claro disso.



CPI DO NARCOTRÁFICO

"Denunciou vários políticos e descreveu laços de amizade entre poderosos no Estado", conta o deputado Irineu Colombo, do PT-PR. ***"Se a história dele se confirmasse, seria o maior escândalo de corrupção que o Brasil já viu."***

Em 2000, fui convocado para depor na CPI do Narcotráfico do Paraná. Enganei todo mundo. Segundo os deputados, a CPI chegou em mim através de cartas anônimas de denúncia. Eu duvido disso. Era uma CPI estadual. Eu estava pagando minha pena e prestes a ir para regime semiaberto. Assustei quando fui chamado para depor na CPI, pois eu estava preso apenas por estelionato. A Polícia Federal sabia que eu tinhaalgum tipo de envolvimento com o narcotráfico, mas nunca conseguiram provar. Nunca me pegaram em flagrante. Eu sempre procurei estar um passo à frente deles.

Nessa ocasião os deputados me fizeram uma proposta. Eles queriam que eu delatasse uma pessoa inocente. Um cara chamado Hissan Hussein. Eu jamais faria isso. Não delatei nem embaixo de choque, paulada, de graça é que eu não delataria. Antes ficar preso e com moral do que delatar alguém e acabar sendo morto dentro do presídio. Queriam que eu dissesse que trabalhava para o Hissan para ferrar com a vida dele. Ele não tem ligação nenhuma com o narcotráfico. Foi acusado simplesmente pelo fato de ter ficado muito rico em pouco tempo. Ele não mexe com isso, ou então é o cara mais esperto que eu já conheci na minha vida. O povo às vezes diz: "Fulano é lobisomem, sicrano vende cocaína". Fala coisas sem fundamento nenhum. Os deputados acabaram prendendo o Hissan Hussein através do depoimento de outro. Mas ele foi solto por falta de provas.

Cheguei a gravar algumas conversas com deputados em que eles me ofereciam dinheiro para incriminar o Hissan. Mostrei essas gravações para a promotoria, mas não adiantou nada. Eu tenho as fitas até hoje. Guardei em um lugar bem seguro. Vários assessores de políticos me procuraram pedindo para eu não falar nada. Eu fiquei do lado da justiça contra quem deveria estar fazendo a justiça.

O Requião foi me ver na cadeia. Ele era senador na época da CPI. Veio

conversar comigo pra me tranquilizar. Eu tenho admiração por ele.

A CPI ficou sem ter o que fazer comigo. Eu havia sido tirado de dentro do sistema penitenciário e jogado dentro de um batalhão da polícia militar.

Havia um deputado que na época era presidente da Assembleia. A CPI deu uma batida em um desmanche de carros e encontrou cheques em que o nome dele aparecia no canhoto. Ele era o presidente da CPI e estava mais amarrado do que todo mundo. Por isso ele estava louco para fazer algo que melhorasse sua imagem. Ele queria que eu mostrasse as rotas do narcotráfico.

— Quero que você me mostre uma pista onde desce droga…

Eu passei várias pistas falsas para o piloto. Eram simplesmente pistas homologadas de fazendas. Em vez de alugar um bimotor, o deputado alugou um jatinho. Eu perguntei:

— Deputado, quanto o senhor vai pagar nesse Bitjet?

O deputado não tinha noção de aviação. Respondeu que custaria uns quatro mil reais. Eu estranhei o preço e falei:

— Quatro mil é barato deputado…

O piloto nos levou em todas as pistas falsas e eu ainda acrescentei mais quatro localidades: extremo norte do Paraná, noroeste e centro-oeste. Quando a gente aterrissou em Curitiba, o deputado falou para a moça do táxi aéreo:

— Quatro mil, né?

— Não, deputado… quatro mil era só até aquele trecho que o senhor falou. O voo todo deu dezoito mil.

Imagine se ele soubesse que essas pistas não têm nada a ver com o tráfico.

Deputado: — Como é que eu vou justificar pra Assembleia 18 mil!?!

Marcelo: — Pois é deputado… o senhor devia ter pego aquele Sêneca do Estado… saía mais barato…

O deputado achava que eu era o trunfo dele. Que eu ajudaria ele a ser o herói da CPI. Em vez disso, a CPI acabou em pizza. O que esses caras gastaram de jato comigo não foi brincadeira. Eles são muito burros.

Uma vez trabalhei para um outro deputado como “aspone”: assistente de porra nenhuma. Eu não fazia nada mesmo. Ele só me contratou porque eu sabia coisas demais.

“Acho que ele não sabia nada. Ele queria aparecer. Queria que ficassem com medo dele.” (Mãe de Marcelo)

“Ele é capaz de dizer que é o maior traficante do Brasil, só para aparecer.” (Ed Sá Sampaio)

“Ele foi depor na CPI do Narcotráfico, mas eu nunca acreditei. Porque o Marcelo, de dez coisas que ele fala, onze são mentira.” (Mãe de Marcelo)

CPI – Comissão garante que Serviço de Inteligência da PM confirmou denúncias feitas em carta anônima.

PILOTO ACUSADO DE LIGAÇÕES COM BEIRA-MAR

MARCELO DA ROCHA NEGOU SER TRAFICANTE E SE RECUSOU A RESPONDER AS PERGUNTAS DOS DEPUTADOS.

A CPI Estadual do Narcotráfico e Crime Organizado ouviu ontem o piloto Marcelo Nascimento da Rocha, conhecido como “Ferrari”, acusado de ser o braço direito do traficante carioca Fernandinho Beira-Mar no Paraná e de alugar aviões para transporte de drogas no estado. Ele negou envolvimento com o crime organizado e se recusou a responder a maioria das perguntas feitas pela comissão, irritando os deputados. Uma carta anônima com várias denúncias contra Ferrari chegou à CPI na semana passada. Segundo o relator Ricardo Chab (PTB), o Serviço de Inteligência da Polícia Militar (P2) confirmou grande parte das acusações. Entre as denúncias está a apreensão de dois aviões, no ano passado, que seriam de “Ferrari”. Um deles foi apreendido pela Polícia Federal em Birigüi (SP) com documentação falsa. O

outro avião estava em uma fazenda de Londrina e transportava cerca de cem quilos de cocaína. O fazendeiro foi preso. "Ferrari" novamente negou ter qualquer relação comercial nas duas cidades, mas admitiu ser proprietário de um avião. Segundo ele, a maioria dos seus trabalhos tratava-se de voos particulares em Foz do Iguaçu e Mato Grosso do Sul. Questionado sobre o prefixo do avião, ele disse novamente que "se reservava o direito de ficar calado e só falar em juízo". A recomendação também foi feita por seu advogado, Francisco de Assis do Rego Monteiro da Rocha. Monteiro foi chamado pela CPI depois que "Ferrari" não colaborou com a comissão. Mesmo na presença do advogado, ele não respondeu as perguntas, nem soube informar a situação em que foi preso há um ano e meio em Foz do Iguaçu. "Estava com documentos falsos porque tinha duas prisões preventivas contra mim, mas não sei por quê", declarou.

Segundo seu advogado, que também não soube informar as razões das duas preventivas, o piloto responde outro processo por estelionato, praticado em Santa Catarina. Condenado a dois anos e seis meses por falsidade ideológica, "Ferrari" já cumpriu um terço da pena e está preso na Penitenciária Provisória do Ahú, em Curitiba. Nem o advogado Monteiro nem os deputados da CPI souberam informar se o piloto tem antecedentes criminais. De acordo com o presidente da comissão, deputado Algaci Túlio (PTB), muitas denúncias contra o acusado não puderam ser checadas por falta de tempo.

Giovana Perine Jacques, Gazeta do Povo, Paraná,
5 de setembro de 2000

Louco por aparecer, Marcelo mandou dizer que tinha informações preciosas sobre ligações de autoridades com traficantes. Foi levado àAssembleia e inquirido durante horas, com pompa e circunstância.

Revista *Época*, 3 de dezembro de 2001

MEU NAMORO COM A MULHER QUE FORNECIA COMIDA PARA BANGU

Enquanto estava preso, liguei para a dona da empresa que fornecia comida para a cadeia e fiz uma reclamação. O feijão vinha com bicho e a comida de modo geral era péssima. Liguei para ela como se estivesse ligando de fora da cadeia.

— É a senhora que tá fornecendo comida pra Bangu 5?

— Sou.

—Vou mandar matar a senhora porque tá mandando comida ruim pros irmãos que tão presos… eles mandaram explodir aí!

— Não! Pelo amor de Deus! Eu vou lá falar com eles. Com quem eu falo lá?

— Pode falar com a comissão da cadeia…

Eu fazia parte dessa comissão. Marquei uma reunião onde estavam presentes o presidente da comissão, o diretor da cadeia e a mulher que fornecia a comida. Ela pôs a culpa no fornecedor de feijão. Eu dei um tapa na mesa e falei:

—Não tem nada a ver com o fornecedor de feijão! **Eu quero que morra o seu fornecedor de feijão! Quero que matem ele! Se vier comida ruim aqui eu vou mandar matar a senhora!**

Ela ficou assustada, pegou no meu braço e perguntou:

— Por que tanta maldade?

— Eu não sou maldoso, mas olha a comida que você tá mandando.

Ela pediu pra gente fazer o cardápio e começou a ir lá todo dia. Acabou ficando minha amiga. Aí vinha até panqueca e sorvete de sobremesa.

Ela me deu o número do celular, eu ligava todo dia para ela. A gente começou a ficar junto. Fui transferido para outra cadeia. Ela foi me visitar e acabamos namorando.



O DIA EM QUE ENGANEI O MARCE LO NASCIMENTO

Posso estar correndo risco de vida por contar esta história, sei que o Marcelo não vai gostar nem um pouco, mas é irresistível. Um dia acordei pensando: seria muito engraçado se eu conseguisse dar um golpe nele. Mas eu achava que um malandro como o Marcelo jamais cairia em uma “pegadinha”. Resolvi tentar mesmo assim. Enquanto estava trabalhando neste projeto eu costumava gravar depoimentos com ele na cadeia e um camera man sempre me acompanhava. Uma vez falei para o Marcelo que eu não poderia ir a Curitiba e que ele seria entrevistado apenas pelo camera man. Enviei duzentas perguntas impressas. Ele respondeu tudo e nesse dia até cantou a tal música do Akundum que sempre prometia cantar. No fim da entrevista ele recebeu minha última pergunta. No papel estava escrito:

E se eu te disser que trabalho na Globo e que essa história toda de livro é uma pegadinha do Faustão?

O Marcelo olhou para a câmera e disse:

—Eu vou te matar se isso for uma pegadinha!

Ele pensou um pouco mais e falou:

— Não acredito que eu caí nessa… Bom, pelo menos você me pagou pra fazer essa pegadinha, menos mal… Você me enganou, mas eu também te enganei. Eu nunca recebi nenhuma proposta do irmão do Reginaldo Faria pra fazer um filme… e você caiu.

Acho que eu só consegui enganar o Marcelo porque deve ter sido a primeira vez que alguém tenta fazer isso. Ele passa tanto tempo enganando os outros que não deve sobrar tempo para enganarem ele.

Depois da gravação ele me ligou para saber que palhaçada era aquela. Falei que não era pegadinha. Ele ainda ficou desconfiado, achou que eu tivesse sido contratada pelos donos da Gol, que segundo ele poderiam ter armado tudo isso

para se vingar. Eu falei que foi só uma brincadeira minha, nada mais. E acrescentei:

— Agora nós estamos quites, já que você me enganou com aquela história de ter recebido outra proposta.

— Nada disso, eu vou armar outra pra você. Eu gosto de estar sempre um passo à frente…

Será que ele já armou e eu ainda não sei? Será que contou um monte de mentiras neste livro? Mostrei as entrevistas para um neurolinguista e, depois de fazer uma análise, ele disse que o Marcelo falou a verdade a maior parte do tempo. Foram poucos os momentos em que houve criação. De modo geral, apenas quando ele precisava falar nomes e datas. Muitas das histórias têm testemunhas e matérias. Mesmo assim, nunca se sabe…



LÍDER DA REBELIÃO DE BANGU

A ÚLTIMA DO GRANDE VIGARISTA : ENGANOU ATé O PCC

Marcelo Nascimento Rocha é malandro de carteirinha: enganou o apresentador Amaury Jr. e o galã Ricardo Macchi. Preso, passou a conversa nos outros detentos.

No presídio – para onde foi conduzido quando suas estripulias carnavalescas foram desmascaradas –, graças à sua fértil imaginação, logo conquistou amizades-chave, como Ednaldo da Silva e José Donizete Lucena, ambos ligados ao PCC, fazendo-os acreditar que era um dos líderes da facção criminosa em São Paulo.

A nova embromação acaboupor conferir-lhe não só mais segurança pessoal entre os detentos como, principalmente,alguma liderança na cadeia. Em nome da organizaçãoque dizia representar, conduziu, por meio de um pastor religioso e policiais militares – diplomaticamente e desarmado–, as negociações que levaram à libertação de três reféns, praticamente ilesos.

Revista *Época*, 25 de abril de 2002

"Ele vira o centro das atenções aonde chegar. Se chegar em uma cela onde só tem bandidos perigosos, ele vai descobrir quem é o melhor bandido, vai ficar amigo, vai descobrir do que o cara gosta, vai usar isso pra se aproximar dele… Ele é um cara perigoso e engraçado ao mesmo tempo." (Ed Sá Sampaio)

O líder da rebelião é um preso inteligente, que sabe se expressar bem e negocia de forma pacífica. O perfil de Juliano de Souza com certeza não se adequaria a muitos presos do Rio de Janeiro, que costumam usar da força e

baderna. Pelo menos essa foi a imagem passada por ele para os comandantes das unidades que ontem participaram das negociações.

Ligado a uma facção paulista, Juliano responde a um crime ocorrido na capital carioca. Ele foi preso no dia 30 de janeiro do ano passado sob acusação de estelionato. Depois de passagens pela carceragem da Polinter e de ter ficado um tempo em Bangu 5, ele foi transferido para a Casa de Custódia Jorge Santana.

O coronel Venâncio Moura se surpreendeu com a forma pacífica do bandido ao negociar a libertação dos reféns e a retomada da cadeia por parte da polícia.

– Só não houve quebraquebrae um tumulto maior porque eles estavam sendo comandadospor uma pessoa que tem o domínio da palavra – disse o comandante.

No meio das negociações, os bandidos paulistas fizeram exigências e foram atendidos: em coletiva à imprensa eles disseramque realmente o objetivo dos presos era fugir, mas que a preocupação maior era com os amigos que estavam em situaçãoirregular no sistema carcerário. No fim, Juliano confirmou a união entre as facções criminosasdo Rio e São Paulo.

Jornal *Extra*, Rio de Janeiro, 24 de abril de 2002

PORQUE LIDEREI A REBELIÃO

—Nossa! Você tá com cara de psicopata!!!

Foi o que minha mãe disse quando viu uma foto minha numa matéria da *Época*. Isso foi em abril de 2002, quando liderei uma rebelião em Bangu 5, prisão de segurança máxima do Rio de Janeiro.

Naqueles tempos eu dividia cela com dois presos que eram do Primeiro Comando da Capital, o PCC. Eu não fazia parte do grupo, mas por dividir a cela com eles eu também era chamado de PCC. Eu não sou e nem pretendo ser de facção nenhuma, nunca me interessei em ser batizado pelo PCC nem pelo Comando Vermelho.

A rebelião começou com uma tentativa de fuga de alguns presos. Dois deles conseguiram escapar vestindo fardas da polícia. Eles "guentaram" os policiais no primeiro pavimento. Quando saíram no segundo pavimento, eles não tiraram as armas dos policiais, que começaram a atirar nos outros presos. Os detentos transformaram aquilo em rebelião para não levar tiro da polícia. Os que fugiram eram o Sombra e o Mineirinho, os dois do Comando Vermelho.

Eu estava dentro do presídio quando os policiais militares foram rendidos. Escutei os tiros e fui ver o que estava acontecendo. Estavam todos apavorados. A rebelião estava sem comando. Na cadeia existia um presidente e um conselho formado por presos. Eu fazia parte desse conselho, que decidia o que era certo e o que era errado. Por exemplo, se um preso deveria morrer ou viver caso não pagasse uma dívida. O presidente do conselho era o Bereco. Quando começou a rebelião ele estava falando no celular com o Isaías do Boréu, o líder do Comando Vermelho. Eu vi que o Bereco não sabia o que fazer, então tomei o telefone da mão dele. Tive a seguinte conversa com o Isaías:

Isaías: — O que tá acontecendo aí?

Marcelo: — Olha, Isaías, dois caras fugiram e o negócio desandou, cara. Não dá pra deixar a polícia entrar que vai matar todo mundo. Eu sei como é que é, já passei por uma rebelião no Paraná.

— Toma o comando aí, não deixa esses cabeças de bagre fazerem besteira.

Na hora foi uma coisa impulsiva, tomei as decisões de imediato. Mandei fecharem os portões e não deixarem os policiais entrar. Lembrei que na rebelião do Paraná os presos quebraram tudo: enfermaria, consultório de dentista, refeitório. Depois tiveram que arcar com as consequências de ficar sem essas instalações.

—Ninguém quebra nada, não põe fogo em nada, calma!

Todos os erros que eu vi na rebelião do Paraná, eu tentei impedir que acontecessem no Rio de Janeiro. Eu falava para os caras:

—Qualé, mané? Vai quebrar a enfermaria!?! Quem usa a enfermaria somos nós!

Eu estava armado com uma pistola quando decidi libertar os reféns: um policial militar, um agente penitenciário que era dono da cantina e um empregado dele. Quando cheguei tinha um revólver apontado para a cabeça de um dos reféns. Tirei o revólver da cabeça dele. Falei para o cara que estava apontando a arma:

— Pára! Tá louco? Vem pra cá…

Peguei o refém e levei na minha cama, sentei ele lá. Depois trouxe mais um refém. O dono da cantina estava na portaria com outro revólver apontado para sua cabeça. Eu falei: “Cara, vem cá”. Os caras: “Não, não”. Eu disse: “Rapaz, dá licença que eu vou levar ele para lá”. Mais tarde, o dono da cantina me agradeceu.

— Graças as Deus que você apareceu, os caras tavam me esgoelando ali…

Dois coronéis da PM chegaram no meio da rebelião. Um deles era o diretor da cadeia. Lembro dele chegar gritando.

— Quem é que tá no comando?

Ninguém respondeu. O Coronel perguntou de novo, dessa vez mais nervoso:

— Quem tá no comando???

— Sou eu, respondi.

— Então eu tô tranquilo… você é inteligente…

— Coronel, é o seguinte: não tem reivindicação nenhuma, não tem nada… foi uma fuga, só que eu não vou entregar a cadeia pro senhor agora à noite… o senhor, por favor, manda os "policial" descerem de lá da guarita, pode ficar pro lado de fora que ninguém mais vai fugir. Amanhã a gente entrega a cadeia…

— Tem certeza, Marcelo?

— Certeza.

No dia seguinte liberei um refém de manhã e a polícia foi toda em cima dele:

— Tão maltratando você?

— Que é isso! Tô comendo do bom e do melhor lá, tomando refrigerante gelado… tão me tratando super bem…

O coronel do BOP do Rio não acreditava. Ele até falou para um jornalista que tudo correu sem violência. Fiz algumas reivindicações que foram passadas pra mim pelos presos. Eles reclamavam de maus tratos. Principalmente do Serviço de Operações Especiais, que nos levava para o Fórum. Eles colocavam oito presos dentro de um carro todo fechado sem ventilação. A gente ficava embaixo de sol das oito e meia da manhã até as onze e meia, naquele calor do Rio de Janeiro. Eu acho que essas reivindicações ajudaram a diminuir a covardia.

"Ele chegou a exigir a presença da governadora Benedita da Silva durante as negociações." (Bárbara Bueno, delegada-adjunta da 5ª DP)

Muitos funcionários do sistema estão esculachando os presos, não estão respeitando as famílias, estão humilhando. Isso não vai ser aceito mais. O que houver de represália contra nós, agora nossa forma de resposta vai ser esta. Nós ainda somos poucos aqui no Rio de Janeiro, mas é uma família só. (Marcelo, referindo-se ao PCC e ao Comando Vermelho, em entrevista à TV

Bandeirantes como porta-voz da rebelião e “líder do PCC”.)

Entreguei a cadeia com duas armas, um celular e três armas feitas de papelão. Não entreguei todas as armas. A polícia entrou e não encostou a mão em ninguém.

Tudo o que a gente combinou foi feito. Fecharam as celas, tudo normal. O coronel elogiou, não foi quebrado nada, ninguém se machucou. Mas por causa dessa rebelião alguns dias depois eu acabei tendo que fugir de Bangu.

A FUGA DE BANGU

Na época em que eu estava preso em Bangu o diretor da prisão era um tal coronel Mello. Eu vivia atormentando ele, pedindo coisas. Alguns dias antes de fugir, a gente chegou a fazer um baile funk na prisão. O coronel reclamava para os presos que tinha problemas de pressão por nossa causa. Andava para cima e para baixo com uma máquina de medir pressão. Dizia que até sonhava com a gente.

Ele se queixava muito do Naldo, um preso que era especialista em fazer “tatu” (túnel, na gíria da cadeia). Eu ficava no mesmo pavilhão que ele. Lá tinha dez beliches de um lado e doze do outro. O pessoal fazia um “come quieto”: uma cortina que protegia a cama para não verem quem estava deitado. Enchia de sacos de barro que eram escondidos por baixo dos beliches. O Naldo fazia túneis que sempre caíam no meio. Cavava com um ferro que era cortado com serra da grade e também com broca de vidro. No Rio de Janeiro entrava o que você quisesse na prisão: granada, pistola etc. Tendo dinheiro entra tudo.

Depois de muitas tentativas, um dos túneis do Naldo deu certo. Muitos presos ajudaram. Fizeram um túnel de dezoito metros. Fugiram em dezessete pessoas. Eu não fui porque tenho claustrofobia. Isso aconteceu quinze dias depois da rebelião. No dia seguinte da fuga, a tropa de choque foi tirar satisfações com os presos. Eles entraram e me pegaram. Eu apanhei das nove da manhã às cinco da tarde. Tenho marcas no corpo até hoje. Tortura é uma coisa que não existe no Brasil na teoria, na prática ela existe. Eu fui o mais visado por ter feito a negociação na rebelião. Fiquei com muita raiva daquilo, decidi coordenar uma fuga e soltar todo mundo. E fiz. Abri a cadeia pra quem quisesse ir.

Eu tinha algumas armas que escondi depois da rebelião. Elas estavam em um buraco na parede que reboquei com pasta de dente. Tinha também uma granada na prisão que foi doada pelo Wado, um traficante que ficou famoso por ter envolvimento com aquele cantor, o Belo.

Liguei para o líder do Comando Vermelho e pedi para ele enviar um pessoal para ajudar na fuga. Um dos presos fingiu que estava passando mal. Dois policiais entraram na cela para ver o que estava acontecendo. A gente rendeu os

policiais. Eu vi por uma janela um policial saindo e deixando o segundo portão que dava para fora da cadeia só encostado. A gente aproveitou o momento. Nós “guentamos” quinze policiais militares e abrimos a cadeia, os dois portões. Fiz isso em virtude da raiva de ter apanhado. Eu não deixei bater nos reféns. Não me conformava com a injustiça.

“Quando fugiu de Bangu ele me ligou do meio do mato e disse: ‘Mãe, eu acabei de fugir, tá um tiroteio aqui, se eu não ligar até amanhã à uma hora é porque eu morri’. No dia seguinte ele ligou tranquilo.

Eu me programei para me desligar um pouco do Marcelo. Eu vi que não tinha jeito. É a vida que ele escolheu. Só Deus para proteger.” (Mãe de Marcelo)

Liguei para minha mãe e pedi desculpa por não ser o filho que ela imaginava que eu seria. Acabou que eu consegui fugir. Acho que o homem lá em cima tem um plano para minha vida e não quer me deixar partir não.

Escapei pela rede de esgoto da cadeia junto com o Bereco. A gente saiu andando no meio do esgoto só com as pistolas para fora. Foi literalmente uma merda.



QUANDO COMENTARAM O CASO DA GOL COMIGO (SEM SABER QUE EU ERA O AUTOR DO GO LPE)

Muitos meses depois, eu estava no aeroporto de São José do Rio Preto com um amigo meu e um cara que a gente tinha acabado de conhecer. No meio da conversa, ele comenta:

— Cara inteligente é aquele que foi lá em Recife e enganou todo mundo… aquele cara que se passou por dono da Gol…

Eu fiquei branco. A sorte é que eu tava de boné e óculos escuros. Eu estava foragido e fiquei morrendo de medo que ele me reconhecesse. Mudei de assunto rapidinho.

Teve uma outra vez, em uma boate de São Paulo, que um cara se aproximou de mim e falou:

— Você é aquele cara lá que fingiu que era dono da Gol? Já tá na rua?

Respondi:

— Não, o que você tá vendo é um holograma meu…

Isso aconteceu mais uma vez em São Paulo. Eu fui jantar com um homem que também comentou sobre o caso. Eu gelei. Ele não percebeu que era eu. Nessa época eu estava diferente, tinha feito luzes no cabelo e estava usando barba.

Achei melhor fugir de São Paulo para o Ceará. Lá inventei um novo personagem para sobreviver: produtor do Faustão.

Eu fui pra o São João de Campina Grande. Quando não tenho o que fazer, faço isso para arrumar dinheiro. Você pega uma revista chamada *Show Business* que tem o telefone do escritório de todos os artistas. Tem muito artista que não é famoso, já foi famoso, ou quer ficar famoso. O sonho desse povo todo é aparecer no Faustão. Eu ligava para eles e falava: “Aqui é da produção do Faustão, de que gravadora você é?”. O cara geralmente não tem gravadora, tem um CD

independente. Então eu falava: “Pô, a gente queria colocar você aqui no programa, mas a gente tem uma mídia que a gente ia passar pra gravadora…”. O cara fala no ato:

— Não, eu faço, eu pago…

Aí você fala:

— Então me dá dez mil reais que você participa do programa. Só que não vai ser ao vivo, vai ser gravado.

Contratei uma produtora de lá e gravei vídeos com umas bandas de forró. O cara da produtora deve estar com as fitas até hoje. Eu falei que depois voltava pra editar e nunca mais apareci. Era beta cam. Eu paguei pelo serviço deles. Ganhei cinco mil de duas bandas. Eu não fiquei com dó, eles têm bastante grana, eu só tiro de quem tem. Os caras ganham dez mil por show e fazem quatro shows por semana.”

VIDA

“Ele e a irmã estudaram em colégio de freira em Mandaguaçu. Ele não frequenta a igreja, mas sempre está com o rosário dele. Uma vez eu falei:

— Marcelo você vai ficar preso tanto tempo, por que você não lê a Bíblia? Você decora a Bíblia depois sai, funda uma igreja no interior, você vai ficar rico.

— Credo, mãe! Brincar com a palavra de Deus!?!” (Mãe de Marcelo)

***

Eu vivi simultaneamente no ápice do mundo do crime e no ápice do mundo vip.

***

Sempre fui bem mão aberta. Eu ganho bastante, mas gasto bastante.

Quando posso eu sempre faço o bem, acho que para compensar as coisas que

eu já fiz. Sempre ajudei asilo, creche. Aqui na cadeia comprei remédios, fiz uma farmácia para ajudar um pessoal que estava doente.

***

Vivi dentro do crime sempre de uma forma cômica.

***

— Eu fui criminoso, hoje eu não sou mais criminoso. A prova disso é que eu estou aqui com você sozinho nessa sala sem algema e com uma janela do lado. Se fosse em outras épocas eu sairia arrombando isso aqui e ninguém me pegava. (Marcelo falando para Mariana durante uma das entrevistas)

***

Eu só tomo um tipo de uísque, só tomo um tipo de energético: só Red Label e só Red Bull.

***

Quando você se passa por uma pessoa famosa as coisas facilitam pra você. Acabava sempre surgindo uma oportunidade. A maioria dos crimes que cometi foram oportunidades que apareceram na hora.

***

“Ele falou que as únicas pessoas com quem ele é ele mesmo, somos eu e a Jane. Eu me programei pra me desligar o máximo possível, mas totalmente a gente não desliga, porque é filho, né? Até para o pior a gente tem que estar preparado. Na época que o Marcelo estava sumido eu desligava o telefone de noite pra dormir. Toca o telefone, você fica apavorada. Eu deixei nas mãos de Deus faz tempo. Pensava: ‘Um dia ele vai ligar… se estiver vivo, ele vai ligar’.

Ele não segue o conselho de ninguém. ‘Vou fazer o que, mãe? Trabalhar pra ganhar trezentos reais?’. Ele gosta de poder. Nunca teve um emprego normal. Eu nunca tive coragem de indicar ele, tinha medo que ele roubasse. Logo cedo ele começou a aprontar e a ganhar dinheiro com os golpes.” (Mãe de Marcelo)

***

Na fase boa você anda de BMW, na fase ruim de chinelo de dedo. Você tem que estar preparado para as duas.

***

PRISÃO LIGHT

Fui preso novamente. Dessa vez por uma bobagem. Não paguei uma conta numa boate em São Paulo e acabei sendo mandado para o Centro de Triagem de Curitiba. Centro de Triagem é o lugar para onde mandam os presos enquanto decidem o que vão fazer com eles. Em pouco tempo, os presos de lá souberam que a minha história ia virar livro. Virei celebridade na cadeia, passaram a me chamar de escritor.

O delegado ficou curioso e pediu para ler as matérias a meu respeito. Um dia ele mandou me levarem na sala dele. Era um sábado. Contei para ele minhas histórias. Ele ficou bem interessado na do Recifolia e quis saber com que atrizes eu tinha ficado.

Aproveitei a oportunidade e inventei que a minha pena acabava dia 6 de junho, ou seja, dali a alguns meses. Mas nesse dia só acabava uma sentença. Eu tenho cinco sentenças: uma da Justiça Militar, uma por estelionato, outra por falsidade ideológica, mais uma por associação com o tráfico, e finalmente uma por um assalto e uso indevido de farda e insígnia. A que acabou foi a da Justiça Militar. Eu teria ficado lá, estava bem tranquilo. Já ficava no corredor por conta do livro. Um dia um deputado foi visitar um outro piloto que estava preso lá. Eu já pilotei para esse deputado e ele era amigo do delegado. Ele falou:

— Pô, Clóvis, dá uma força pra esse menino que esse menino é bom.

Clóvis: — Tira ele. Você vai ficar aqui, mas não foge. Arruma aí um lugar pra você dormir.

Eu não precisava mais ficar na cela e passei a trabalhar na recepção da cadeia. Começaram a me deixar sair acompanhado por um policial. Eu ia para casa ver meu filho e minha mulher.

O delegado pensava que eu também estava escrevendo o livro, ele não sabia

que eu só gravava os depoimentos. Ele até me emprestou um computador, onde eu ficava jogando, fingindo que estava escrevendo.

"A pena dele estava pra acabar; eu falei: 'Marcelo vê se agora cria juízo, não vai fugir'… Ele disse: 'Mãe eu não vou fugir, mas vou viver de quê?'. Eu disse: 'Arranja um emprego, ora!'" (Mãe de Marcelo)

Eu não estava pensando em fugir. O problema foi o dr. Clóvis dizer que ele tinha sido transferido para outra divisão. Eu sabia que com o Aprígio (o novo delegado) eu não teria moleza, ele já não gostava de mim desde Foz do Iguaçu, porque uns amigos meus aprontaram com ele. Quando passou para abastecer a viatura, ele olhou para mim e disse:

— Eu vou assumir aqui, o primeiro a ir pro casarão é você.

Eu falei: — Ô doutor, firmeza.

Ele virou as costas e eu pedi para ir ver minha mãe. Um policial foi comigo. Antes de subir no prédio falei que ia comprar um refrigerante. Nessa época eu já tinha ficado bem amigo do pessoal da delegacia. A ponto do policial deixar eu ir sozinho até a padaria. Aproveitei para fugir. Ainda levei comigo a arma de um outro policial. Eu tinha falado para ele que tinha um comprador para aquela arma.

"Ele fugiu com o revólver de um tira que tava precisando de dinheiro e deu pra ele vender. Decerto a arma é ilegal." (Mãe de Marcelo)

FITA ENVIA DA PELO CORREIO

(QUANDO MARCELO ESTAVA FORAGIDO)

Eu já tirei dinheiro até de traficante no Nordeste. Conversei com um pessoal de lá que conheci através de um advogado. Eles falaram que queriam vinte quilos de cocaína. Eu liguei para um pessoal amigo meu na Bolívia e falei quanto ia dar. Disse que ia levar a grana e depois entregava a mercadoria. É claro que eu nunca entreguei nada. Se eles quiserem me matar vão ter que entrar numa fila.

Eu vou morar na Bolívia. Vou voltar a pilotar para o narcotráfico. Quero levar

uma câmera escondida pra mostrar como entra droga no Brasil. O projeto Sivan, que permite o abate de aviões, acabou com a aviação do narcotráfico na Amazônia. Todo mundo se transferiu pra Bolívia, é hora de ir para lá. Antigamente a gente fazia na cara dura, fechava a cortina do avião na cara deles. Agora também estão abatendo muita gente na Colômbia, nenhum piloto quer voar pra lá.

"O Marcelo queria que eu perguntasse lá na Globo se eles tinham interesse em fazer uma matéria mostrando como entra a droga no Brasil. Ele sugeriu fazer um voo com uma câmera escondida. Eu perguntei: 'Você tá louco? E se te descobrirem? E se te matarem?'

Ele respondeu: 'Aí você vai ter um final para o seu livro'." (Mariana Caltabiano)

A Jane sabe que é impossível a gente ficar junto, eu falo pra ela viver a vida dela. O que eu mais queria era ficar com ela e o nosso filho. Mas aqui eu não tenho essa possibilidade. Eu poderia levar eles para a Bolívia ou Paraguai, mas não dá pra eles irem pra um lugar onde tem tiroteio, onde você corre o risco de morrer a qualquer momento. Eu pretendo ficar mandando as coisas para o meu filho. Vou encontrar com ele de vez em quando.

Eu torço muito pela Jane. Mesmo se ela casar com alguém eu vou continuar amando ela. Ela é uma mãe excepcional. Quando ela tava com o Enzo na barriga eu tava no meio de uma rebelião. Ela ia todo domingo de ônibus me visitar. O que ela passou do meu lado foi dureza.

Não faz parte da minha vida ser uma pessoa normal de novo. Cada dia é uma guerra para mim. Eu tenho que sobreviver e não tenho uma fonte de renda. Não tem ninguém pra falar: ***"Fica tranquilo que você vai comer hoje"***. Nunca sei o que vai acontecer comigo. Eu tenho dinheiro agora, mas daqui a pouco posso não ter. Não tenho paradeiro fixo.

A minha vida desde que eu saí de Curitiba foi manter o máximo de distância do Paraná. Fui para o Maranhão, Piauí, praticamente o Nordeste inteiro. Às vezes eu chego com uma grana contada pra poder comer. É uma luta arrumar dinheiro para viver.

Uma vez meus irmãos ficaram comigo durante três meses. Eu tirei os dois de casa porque eles estavam sem fazer nada. Os caras não são muito de trabalhar. A briga era maior ainda porque eu tinha que arrumar grana pra sustentar nós três. A gente só ficava em hotel bom, o Luís, que é alcóolatra, ia na piscina e só tomava uísque importado. Eu tinha que pagar aquela conta.

Desde os dezoito anos eu não moro com a minha mãe, eu moro no mundo. Eu nunca pedi grana pra ela. Eu sou o único filho que não pede nada pra ela.

"Eu sei que os irmãos foram viajar com ele, mas eu nem quis saber o que fizeram. Eles aproveitaram hotel, mordomia…" (Mãe de Marcelo)

Eu já passei fome, situações de não ter para quem pedir socorro. Sempre que eu vejo alguém pedindo esmola, eu ajudo. As pessoas falam: "Como você pode estar em paz com Deus se você faz o mal?" Eu não acho que eu faça o mal, tem gente que faz dez vezes pior que eu. Eu não tiro das pessoas que não têm. Uma vez fiz uma campanha em Campina Grande, na Paraíba, para ajudar uma menina que precisava fazer um transplante de medula óssea. Inventei que era repórter e fiz uma matéria com o vice-prefeito e a prefeita de lá. Lançamos uma campanha durante a festa de São João. Durante dois dias, o dinheiro das entradas de uma casa noturna chamada Classic Hall foi revertido para ajudar a menina a pagar as despesas do transplante.

Tenho que pagar um dia por tudo o que eu fiz. Eu vou pagando à prestação.

Eu não imagino que no final da minha vida eu me dê bem. Não tenho medo de morrer, só tenho medo de morrer doente.

Se eu pudesse ser uma pessoa honesta, eu ganharia muito dinheiro, talvez mais do que ganho no crime. Eu sou capaz de fazer um plano pra eleger um político. Eu fiz o planejamento de uma campanha de um prefeito há pouco tempo no Nordeste. Tenho certeza de que ele vai ganhar. Não posso falar quem é porque ele é aliado de um pessoal nosso. Falei pra ele: "Vai fazer comício, faz show, ataca a juventude dessa forma". O cara ficou muito empolgado. Vai dar certo, ele vai acabar sendo eleito. Foi injetada muita grana nele.

Eu não sou violento, mas não deixo de ser criminoso. Em nenhum momento eu acho divertido. Faço isso pra viver. Eu não quero que ninguém pense: "Ah

vou fazer essas coisas que o Marcelo fez". Não vale a pena, é bem dolorido. Tem o seu lado bacana, mas também é muito ruim. Eu me arrependo muito de estar nessa situação e não poder voltar atrás. Eu já tô ferrado, então eu vou viver bem da forma que eu puder. É claro que se eu puder ficar num hotel cinco estrelas eu não vou ficar num hotel duas estrelas.

Se zerassem a minha pena hoje eu não cometeria mais crime algum. Acho que eu seria assessor parlamentar. Tem uns deputados aí que queriam muito que eu trabalhasse para eles.

Acho que eu faria alguma coisa de bem. Me enche o saco ficar preso. Eu decidi uma coisa na minha vida quando eu entrei no crime: o dia que escrevesse um livro eu ia parar, porque daí não teria mais graça. As pessoas já saberiam o que eu fiz. Também sempre disse que sairia dessa vida o dia em que eu descobrisse por que eu fiz tudo isso. Vendo a minha história em um livro eu espero descobrir o porquê.

Já pensei em mudar para o interior. Queria descansar de problema. Talvez comprar um táxi. Ou então trabalhar com show. Quando estivesse muito entediado escreveria um livro. Mas agora já não posso fazer nada disso. Não dá para apagar o que já aconteceu. Ainda tenho muitos anos de pena para cumprir. Tive que fugir do Brasil. Morro de saudades da minha mulher e do meu filho, mas não posso trazer eles para cá. É muito perigoso. As coisas fáceis não têm um retorno legal. Eu estou pagando pelo que fiz e a roubada é grande.

A ÚLTIMA VEZ QUE FOI PRESO

PRESO ACUSADO DE APLICAR GOLPES EM VáRIOS ESTADOS

Marcelo Nascimento da Rocha, suspeito de ter aplicado vários golpes em pelo menos quatro estados, foi preso em Marília depois de fazer como vítimas um taxista de Bauru e uma policial militar de Presidente Prudente.

Ele se apresentava como empresário de uma dupla sertaneja de grande sucesso e chegou a prometer emprego à policial de Prudente, lesada em quase R$ 700, e a uma amiga dela, também policial militar, que trabalha em Marília.

O caso está sendo investigado pela DIG (Delegacia de Investigações Gerais). O delegado João Vicente Camacho Ferrairo contou que o acusado teria aplicado golpes em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás e Rio Grande do Sul.

A polícia teve dificuldade em apurar a verdadeira identidade do acusado, que chegou a passar o nome do irmão, identidade registradano Boletim de Ocorrência registrado dia 5, data da prisão, na delegacia de plantão.

As policiais femininas conheceram Marcelo em 25 de novembro,apresentado por um amigo. Ele se identificou como empresário das duplas sertanejas Bruno & Marrone e Teodoro & Sampaio, além das bandas Capital Inicial e O Rappa. Disse ainda ter sido autor da música Mila, *sucesso gravadopelo cantor Netinho.*

O acusado e as duas policiaisfemininas se encontraramdias depois num restaurante na avenida das Esmeraldas. Disse se chamar Alexandre de Oliveira Marchi.

Jornal *Diário*, 10 de dezembro de 2004



O QUE ACONTECEU DEPOIS QUE O LIVRO FOI PUBLICADO

Comecei a trabalhar com o diretor Toniko Mello no roteiro de um filme baseado na vida do Marcelo Nascimento. Estávamos numa sala da casa do Toniko que dá para o jardim, quando vimos que um pardal tinha perdido as pernas numa ratoeira. Me senti muito mal. Aquela imagem do passarinho sem as pernas ficou na minha cabeça, como se fosse um mau presságio.

O Marcelo ainda estava preso quando a minha história e a dele acabaram se cruzando. Em 2007, ele me mandou uma carta da cadeia pedindo a revista *Veja* que falava sobre um avião da Tam, que bateu num prédio e matou 199 passageiros. Ele ainda não sabia que eu tinha perdido dois irmãos no acidente. A perda imensa me fez sentir como o passarinho sem as duas pernas. Fiquei imaginando se seria possível continuar vivendo sem duas pessoas tão queridas quanto o João e o Pedro. Inconformada e sem entender, perguntei para o Marcelo o que poderia ter acontecido naquele dia. Achei que um piloto de avião talvez pudesse esclarecer alguma coisa. Ele escreveu uma série de cartas das quais selecionei as partes que mais me impressionaram.

21/08/07

21/08/07

Di Mariana

Tudo bem? Espero que sim! Estou bem, graças à Deus!
Bem, como lhe disse, existem algumas informações que não condizem com a realidade neste acidente da Tam.
Em 1º lugar o que você me mandou é a gravação do Voice Record, que grava somente as conversas da cabine de comando. Dizem que sumiu um trecho de conversa, anterior às 18:18:24 faz sentido. O comandante Stefanini estava na Tam há apenas um ano. Porém ele era um piloto experiente com muitas horas de vôo, certo? Estas horas de vôo o credenciaram a ingressar na Tam em comando em instrução. Apesar de experiente, o comandante Stefanini estava em instrução, pois ele nunca tinha voado o equipamento Airbus. Vez que a única companhia aérea no Brasil que opera Airbus é a Tam. Como ele estava em comando em instrução, é natural que a maioria das pernas (etapas de pouso e decolagem) sejam dele. Ou seja, ele efetuava os pousos e as decolagens. Existe dentro de toda aeronave um sistema de comunicação interna (aeronave, companhia), este rádio permite que o piloto fale com o D.O. (despachante operacional) em terra. Geralmente os pilotos reportam ao D.O. quando estão se aproximando da terminal (espaço aéreo da cidade) para comunicar hora estimada para pouso e também repetar quantos pax (passageiros) tem para possível conexão para que o D.O. segure a aeronave da conexão dos pax o máximo possível no chão, evitando assim ter que embarcar o pax em outra aeronave de outra companhia devido o atraso do vôo. Isto acontece muito e principalmente em congonhas onde estão baseadas a maioria das conexões. Este sumiço deste trecho de conversa no Voice record pode sugerir que o comandante falando das

condições meteorológicas do terminal congonhas e sabendo que o equipamento tinha apenas um rasgo tinha solicitado ao D.O. que alternasse seu pouso para Guarulhos. Certamente o D.O. pediu que ele (cmte) não alternasse o pouso. Com toda a certeza do mundo o trecho que sumiu foi a conversa entre os tripulantes e o D.O.

Porquê tenho essa condenação?

Às 18:20:29.7 um tripulante entra na cabine e pergunta onde será o pouso.

Se o vôo era P. Alegre / Congonhas, e o comissário entra na cabine e pergunta onde será o pouso é porque durante o vôo o comandante já tinha manifestado sua dúvida de pousar ou não em congonhas e transmitido isso aos seus tripulantes. É mais do que plausível acreditar que este comissário tinha consultado o cmte durante o vôo e este tenha o informado que aguardava instrução do D.O. de congonhas. Senão, porque sumiria este trecho de conversa.

Vamos para o 2º erro.

18:20:37.7. O comandante diz ao comissário:

— Mas ela avisou, Congonhas.

A pergunta é: Ela quem?

Tinha na cabine tão somente cmte e co-Piloto.

Os dois eram homens correto? Quem é ela?

Tinha com toda certeza uma mulher no jump seat na cabine. Provavelmente era uma comissária que estava vindo de extra ou (carona) mas isso é proibido desde 11 de setembro (atentados nos U.S.A)

Como eu sei disso?

18:48:50.6 - Voz não identificada na cabine (som de grito, voz feminina) É ela!

Se o avião estava pousando, todos os passageiros estavam sentados e com os cintos de segurança travados, incluive os tripulantes. A porta da cabine estava fechada.

O Voice record grava somente os sons da cabine, portanto tinha uma mulher na cabine junto com os pilotos sentada no jump seat (banco acoplado na cabine, que pode ser montado e desmontado) e fica localizado dentro da cabine, no mão da porta atrás dos pilotos.

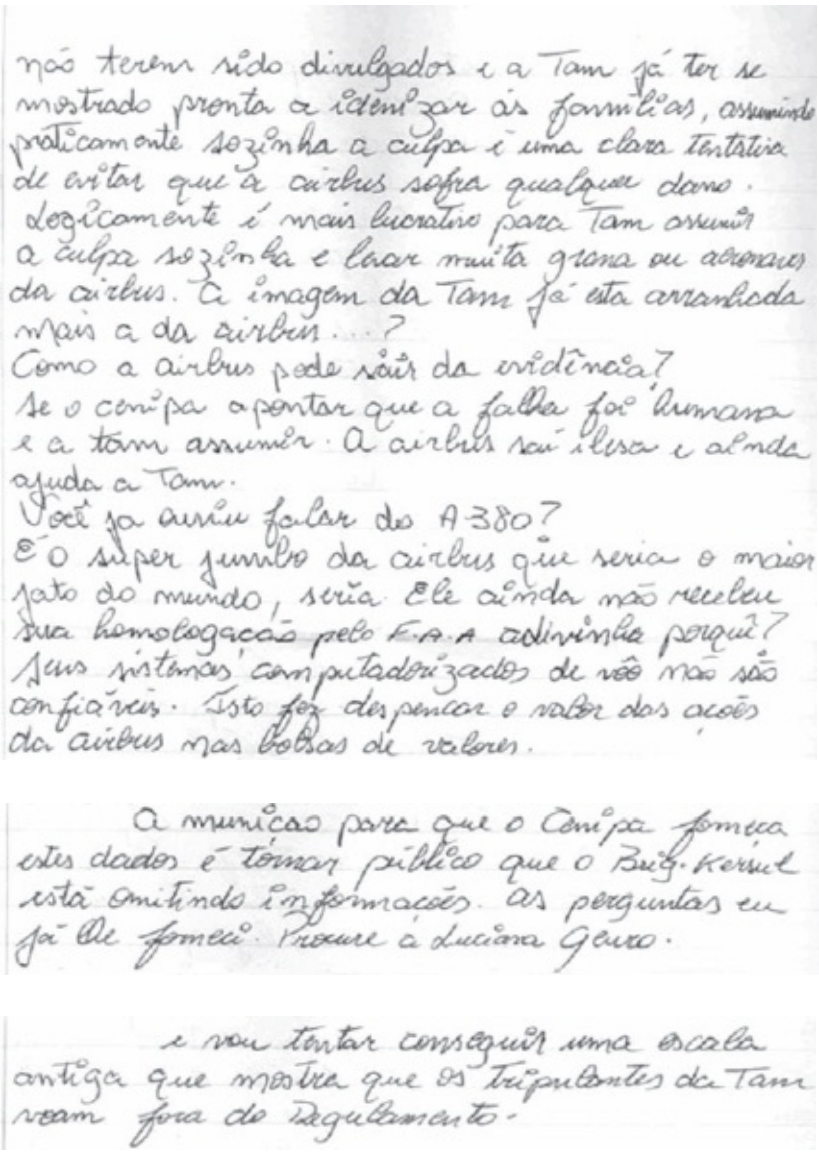
Sugiro que você peça para a deputada Luciana Genro perguntar ao Brig. Kersul do Cenipa desta forma.
— O Voice Record grava somente as conversas da cabine? Ele responderá que sim
— Se os tripulantes técnicos eram homens, porque a voz feminina ficou gravada no Voice Record?
— Havia uma mulher sentada no jump seat?
— Isto é permitido?

Bom Mariana, esta é só a 1ª parte do que tenho a lhe dizer, vamos para a 2ª
Vamos falar da parte técnica.
Apesar de eu nunca ter voado um equipamento airbus posso lhe assegurar que é um dos aviões mais automatizados que existe. Como todo jato moderno ele possui sistemas de pilotagem automática (AP) controles automáticos dos manetes dos motores (AT) e sistemas computadorizados de gerenciamento de vôo (FMS) O piloto atua diretamente nos controles por menos de 5 minutos. Metade na decolagem e metade no pouso. Às vezes até menos tempo, quando a aeronave esta equipada com sistemas de pouso automático

Consequentemente os pilotos estão se tornando reféns da automação. Esta é a minha tese.
A pilotagem envolve dois parâmetros básicos: atitude e tração. Estes dois fatores definem qualquer regime de vôo. Sempre foi assim desde o 1º vôo do mais pesado que o ar. Qualquer piloto aprendeu esta lição lá atrás ainda nos aeroclubes ou escolas de aviação, antes de tirarem suas licenças.
Vários acidentes vêm mostrando que os pilotos estão se tornando reféns da automação. Mas isso eu vou deixar de lado. No caso deste acidente houve não só falha humana mas com certeza falha do equipamento.
Falha humana: 18:48:29.5 - O co-piloto informa que os spoilers não funcionam. O piloto às 18:48:30.5 diz aff e suspira. Neste momento faltou atitude do piloto pois se os spoiler não estavam funcionando ele obviamente estava em alta velocidade e deveria ter imediatamente executado procedimento de arremetida.
A hipótese de uma manete estar em marcha lenta e a outra em aceleração só pode ter ocorrido se o(AT) tivesse travado a manete. Se isto não tivesse ocorrido quando o co-piloto às 18:48:34.4 gritava: Desacelerar desacelerar ... mesmo que o piloto tivesse reduzido apenas uma manete ele neste momento teria corrigido sua desestabilidade assimétrica. Então é lógico que isso não aconteceu porque as manetes ou a manete estava travada e isso ocorreu por pane no(AT)
18:48:33.3 O piloto diz: Olha isso.
Certamente nesse momento ele percebeu a pane ou estava com informações do(FMS) conflitantes.

Os dados da outra caixa preta com certeza vão mostrar isso. A velocidade de aproximação estava correta ou melhor, tudo estava correto até às 18:48:29
Para entender o que aconteceu, precisamos dos dados da outra caixa preta neste horário. Já sabemos que houve falha humana pois o piloto podia ter arremetido mas tenho certeza que houve falha no equipamento. E tenho certeza que o (AT) Treinar pois em outros acidentes envolvendo o equipamento Airbus foram por este motivo.
Vou citar alguns e você pesquisa na net OK!
Acidente Gulf Air - Airbus A-320 23 ago. 2000
Aviation Safety Network - Namíbia - Airbus - A-320 - 3/março/06
Relatório Kenya Airways Airbus A-310 30 Janeiro 2000
Agora vamos a Tam: A Tam fugiu há muito tempo do legado do conte Rolim Que era: Mais importante que o passageiro é a segurança. O atual presidente elevou a média de uso de suas aeronaves para 13 horas dia. Segundo levantamento da própria airbus, no A-320 é única companhia que voa mais horas dia do que a Tam é a Jet Blue uma empresa semelhante à gol. Baixo custo baixa tarifa. Ou seja, a Tam voa muito com A-320. A Tam tem um contrato com a airbus. Ela (Tam) hoje opera 78 modelos da Airbus, se é que já não recebeu outro.
O contrato da Tam com a Airbus prevê a aquisição de mais 60 aeronaves com entregas previstas até 2010 sendo 20 da família A-320.

Eis porquê eu lhe digo. A Tam é brasileira e a Airbus vende aviões no mundo todo.
O fato de a caixa preta com os dados do voo



não terem sido divulgados e a Tam já ter se mostrado pronta a idenizar às famílias, assumindo praticamente sozinha a culpa é uma clara tentativa de evitar que a airbus sofra qualquer dano.
Logicamente é mais lucrativo para Tam assumir a culpa sozinha e levar muita grana ou aeronaves da airbus. A imagem da Tam já esta arranhada mais a da airbus...?
Como a airbus pode sair da evidência?
Se o cenipa apontar que a falha foi humana e a tam assumir. A airbus sai ilesa e ainda ajuda a Tam.
Você ja ouviu falar do A-380?
É o super jumbo da airbus que seria o maior jato do mundo, seria. Ele ainda não recebeu sua homologação pelo F.A.A adivinha porquê?
Seus sistemas computadorizados de vôo não são confiáveis. Isto fez despencar o valor das ações da airbus nas bolsas de valores.

A munição para que o Cenipa forneça estes dados é tornar público que o Brig. Kersul está omitindo informações. as perguntas eu já lhe forneci. Procure a Luciana Gerzo.

e vou tentar conseguir uma escala antiga que mostra que os Tripulantes da Tam voam fora do Regulamento.

Com base nas informações do Marcelo, fizemos à CPI do Senado as seguintes perguntas:

Onde estão os 23 minutos do *voice recorder* que não foram divulgados? Por que não foram transcritos? Por que uma voz feminina ficou gravada no *voice recorder*, se este só grava os sons da cabine? Não é proibido passageiro extra na cabine desde 11 de Setembro (atentado nos EUA)? O fato de ter uma comissária voando dentro da cabine não significa que o avião estava lotado, portanto, acima do peso?

Não tivemos retorno. No dia 30 de maio de 2009, um Airbus da Air France, que ia do Rio à Paris, caiu no oceano. Duzentas e vinte e oito pessoas morreram.

Depois disso ocorreram novos acidentes com aviões desta empresa. Essa sucessão de fatos comprovou que a teoria do Marcelo era verdadeira. Os pilotos são cada vez mais vítimas da automação da Airbus. E a Tam, que até pouco tempo tinha em seu site a seguinte filosofia “O lucro acima de tudo,” continua voando impunemente.

Acabo de entrar no site da Tam e vi que eles mudaram sua filosofia para “O cliente tem sempre a razão”. Tarde demais.

Até hoje fico pensando, será que o cara considerado o maior mentiroso do Brasil foi o único que teve coragem de falar a verdade? Pra mim o Marcelo está longe de ser o maior mentiroso do Brasil. Suas mentiras nunca mataram ninguém. Perto das pessoas que tem por aí, ele é um simples picareta.

Meses após o acidente de 2007, meu pai deu uma entrevista para a revista *Exame*. Ele contou como era tocar o negócio da família sem os dois filhos ao lado. Disse que se sentia como um palhaço, sorrindo por fora, mas em carne viva por dentro. Um ano e meio depois da morte dos meus irmãos, meu pai morreu em carne viva, de uma doença chamada Síndrome da Pele Escaldada. As investigações sobre o acidente da Tam também morreram, ninguém mais falou sobre o assunto. Eu pessoalmente não recebi indenização alguma. De qualquer forma, não aceitaria. Não tem dinheiro que compre o meu silêncio. Não quero que ninguém passe pelo que a minha família passou.

Sobrevivi a esses golpes duros da vida, soube pelo Toniko, que o pardal da ratoeira também.

O livro fez mais sucesso do que eu imaginava. Entrou para a lista dos 10 mais vendidos do Brasil e acabou virando pauta de uma série de programas, entre eles o Globo Repórter, o Domingo Espetacular e o Programa do Jô. Na entrevista, o Jô Soares me disse: “Esse cara daria um belo escritor”.

Alguns dias depois recebi uma carta do Marcelo que dizia o seguinte:

“Depois que o Jô falou que eu poderia ser escritor, decidi que eu vou ser. Tenho umas ideias pra um romance. Você me ajuda?”

E não é que ele conseguiu mesmo escrever um romance? Dei para ele o

contato da minha editora que vai publicar o livro *Fábrica de Monstros.*

Aqueles que apostaram que o Marcelo voltaria ao crime se enganaram. Eu tinha certeza de que ele não pisaria na bola. Por que? Os golpes do Marcelo sempre têm um certo glamour. E o que poderia ser mais “vip” do que ter sua história transformada em livro, filme e documentário? Nenhum golpe superaria isso. Ou talvez, o filme seja o grande golpe dele. Produzido por Fernando Meirelles (indicado ao Oscar por *Cidade de Deus*), dirigido por Toniko Mello (diretor de Som e Fúria da TV Globo) e adaptado para a telona pelos grandes roteiristas Bráulio Mantovani (também indicado ao Oscar por *Cidade de Deus*) e Thiago Dottori. O ator é o Wagner Moura, na minha opinião, o melhor ator brasileiro da sua geração. A distribuição é da Focus Filmes, o selo bacana da Universal Pictures. Com um time de peso desses por trás, o Marcelo provavelmente vai ficar famoso no mundo todo. Sinceramente, você acha que ele estragaria isso tudo com algum golpezinho? Acho que não.

FIM

Pois é, esse era o final que eu estava prevendo. Infelizmente o Marcelo acaba de me enganar, pela segunda vez. Ele disse que quando o livro fosse publicado, abandonaria o crime, pois finalmente entenderia porque fez tudo isso. Ficou quatro anos sem aprontar, o que me levou a acreditar nele. Na semana passada fugiu do interior de São Paulo e foi preso em Rondônia, aplicando um golpezinho bem besta, numa loja de computadores. Vi uma entrevista que ele deu na cadeia de Jaru. Ele estava felicíssimo, falando com três jornalistas e posando para fotos. Não parecia nem um pouco incomodado com o fato de estar preso novamente. Também não parecia a mesma pessoa que analisou de forma brilhante o acidente da Tam e as falhas da Airbus.

Desculpa Marcelo, mas para uma pessoa tão genial, a sua escolha não foi nada inteligente.